



João Carlos Tedesco  
Valter Rossetto

# Festas e saberes

Artesanato, genealogias e memória  
imaterial na região colonial  
do Rio Grande do Sul



Edição  
Fac-similar

*méritos*  
editora



João Carlos Tedesco  
Valter Rossetto

# Festas & artesanatos

Saberes, genealogias e memória  
imaterial na região colonial  
do Rio Grande do Sul



Edição  
Fac-similar

Passo Fundo  
2007

*méritos*  
editora

2007 - Versão livro em papel

2023 - Versão fac-similar em ebook/PDF

© Livraria e Editora Méritos Ltda.

Rua do Retiro, 846

Passo Fundo - RS - CEP 99074-260

Página na internet: [www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)

E-mail: [sac@meritos.com.br](mailto:sac@meritos.com.br)

Charles Pimentel da Silva

Editor

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

Partes deste livro podem ser reproduzidas desde que citados o título da obra, o autor, a editora e os demais elementos de referência, conforme regras da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

---

T256f Tedesco, João Carlos

Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul / João Carlos Tedesco, Valter Rossetto. - Passo Fundo: Méritos, 2007. - 259 p.

1. Genealogia 2. Cultura 3. Artesanato - História  
4. Economia 5. História - Colônia - Rio Grande do Sul  
6. Sociologia I. Título II. Rosseto, Valter

CDU: 745/749

---

Catálogo na fonte: bibliotecaria Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN da versão livro em papel: 978-85-89769-31-0

Impresso no Brasil

# Sumário

INTRODUÇÃO .....	7
------------------	---

## **Primeira parte - Festas e genealogias**

I. As múltiplas dimensões da festa .....	19
<i>Publicizar etnias</i> .....	19
<i>Festas e tempos sociais</i> .....	25
<i>Reconstruir e ritualizar a ancestralidade</i> .....	29
<i>Narrar visões de mundos e vivências</i> .....	35
II. As festas genealógicas de família .....	37
<i>Agregação a pontos de origem</i> .....	38
<i>Rituais comuns nas festas de família</i> .....	44
<i>Os mediadores</i> .....	45
<i>A dimensão religiosa</i> .....	47
<i>A dimensão profana</i> .....	51
<i>A dimensão da vida rural/agrícola</i> .....	56
<i>A socialização de alguns significados possíveis</i> .....	58

<i>Uma família ampliada</i> .....	67
<i>Formas novas de contar o velho</i> .....	69
<i>Sentimento de pertencimento</i> .....	73
<b>III. A Festália de Serafina Corrêa</b> .....	81
A cultura na memória e a memória na cultura .....	83
<i>A memória coletiva refazendo-se</i> .....	92
<i>Rituais coletivos de maior expressão na Festália</i> .....	101
<b>Segunda parte - Artesanato colonial:</b> saberes, fazeres e afazeres	
<b>IV. O artesanato entre a tradição e a modernidade</b> ....	125
<i>Saberes, fazeres e afazeres</i> .....	126
<i>Sua dimensão telúrica</i> .....	132
<i>O artesanato como memória objetiva</i> .....	140
<i>A tênue fronteira entre o material e o imaterial</i> .....	149
<i>A esfera da mediação mercantil</i> .....	158
<i>Sujeitos e ofícios</i> .....	163
<i>Intercâmbios culturais</i> .....	176
<i>Dimensão prática de uma autarcia familiar local</i> .....	182
<i>Criatividade e expressão cultural - tipicidade</i> .....	187
<i>Culturas materiais</i> .....	194
<i>Os tempos ressignificados</i> .....	201
<i>As fronteiras dos saberes e dos afazeres</i> .....	207
<i>Um éthos expresso materialmente</i> .....	210
<i>O refazer de ofícios e lembranças pragmáticas</i> .....	217
<i>Indústrias artesanais</i> .....	222
<i>Transportar tempos e sentimentos</i> .....	230
<i>Enfim, necessário se faz recuperar formas e sentidos ao artesanato</i> .....	234
Bibliografia consultada .....	241
Entrevistas .....	250

# Introdução

Nosso intento para a primeira parte do trabalho é pontuar, de uma forma simples e sintética, alguns aspectos de festas que têm conotação étnica no momento atual, no caso de cunho étnico-cultural e familiar de origem e descendência italiana.<sup>1</sup>

A partir dos anos de 1980, mas com intensidade a partir da década de 90, percebemos que tem havido, na região colonial, principalmente na região da chamada “Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul”, intensa dinâmica de festejos étnicos considerados de cultura italiana. Há, sem dúvida, um fenômeno festi-

---

<sup>1</sup> Segundo Poutignat, *cultura étnica* são as crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, prática de vestuário ou culinárias transmitidos de geração em geração na história de um grupo, que se perpetuam biologicamente de modo amplo, compartilham valores culturais fundamentais, constituem um campo de comunicação e de interação, possuem membros que se identificam e são identificados por outros como se constituíssem uma categoria diferenciável de outras do mesmo tipo, provocando ações e reações entre o grupo e os outros numa organização social que não cessa de evoluir. (POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 189).

vo que se alimenta por dimensões étnico-culturais de forma mais informal, ou mais institucionalizada, mais comunitária, ou mais familiar (de grupos parentais e de pequenos municípios), dentre outras esferas.

Percebemos – e isso motivou-nos ao estudo – que há uma intensa expressão ritualística na forma de festejos, nos quais estão presentes, em geral, formas linguísticas dialetais (comumente de influência do norte e nordeste da Itália), costumes culinários, de vestimentas, enfeites, coloridos, objetos, atividades presentes e as do passado em correlação com a cultura *considerada* italiana; desfiles, músicas, comilanças, concursos, feiras; identificações de modalidades, evocação de atos passados vividos pelos imigrantes e seus descendentes, com tentativas de reconstituição; formas de vivências, regramentos sociais, familiares, morais e religiosos.

Estão presentes, ainda, festas de cunho parental exibindo árvores genealógicas ampliadas, porém, em geral, temporalmente limitadas pelo ato e momento da emigração (uma árvore em que as raízes não são tão profundas, “estão mais por cima e são mais fáceis de derrubar também”, como metaforizou um organizador de uma dessas festas de família), dentre muitas outras formas de manifestações consideradas de cunho étnico, algumas, inclusive que objetivam reconstruir processos *considerados* da italianidade; manifestações traduzidas, *travestidas*, folclorizadas com interpretações e significados presentistas e deslocados espacialmente.

Nesse contexto *festivo* – e/ou comemorativo –, buscamos entender qual o papel da memória étnica, sua racionalidade e sua simbologia, sua mística e sua ritualidade; o que motiva sua existência e a participação das pessoas; o que se busca produzir e projetar ao dar futuro ao passado e quais são os significados comunitários e pessoais.

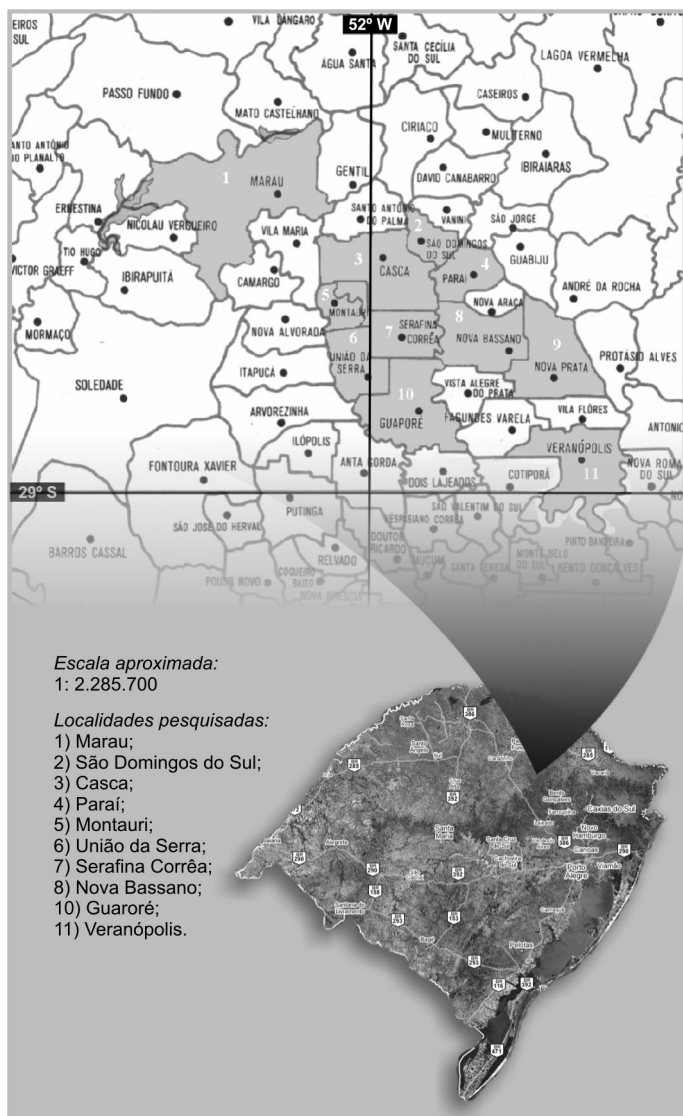


Na segunda parte do trabalho, centramos a reflexão em torno da questão do artesanato e suas formas de manifestação, algumas, inclusive, em momentos de festividades comunitárias.

Ao andarmos pelas velhas colônias de imigração italiana do Rio Grande do Sul e por espaços das ditas “novas”, principalmente na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, percebemos uma quantidade imensa de objetos, instrumentos, práticas, ofícios, histórias pessoais em torno de saberes e fazeres antigos e novos, alguns redimensionados pelas atuais dinâmicas de mercado e que se servem de capitais sociais e do horizonte do passado.

Além da *objetualidade* presente no tempo atual, vimos e sentimos o desejo imenso de pessoas em mostrar, explicar funcionamentos, modos de fazer, relatos *de ontem* e *de hoje*, contraposições aos *de hoje*, invenções e adaptações, em geral, autocentradas nos sujeitos que as confeccionaram, instrumentos inutilizados e “jogados por aí”, mas que guardam saberes, funções, temporalidades de uso e de *vida*, outros mais dinâmicos e que possuem visibilidade mercantil, “que é só pra vê, se fosse tê mais, se vendia tudo” como é o caso de artesanatos em palhas de trigo e de milho, da graspa, da cachaça, do vinho colonial, do queijo para ralar, dentre muitos outros, aprendidos e dinamizados pela esfera mercantil atual no cenário regional.

As festas comunitárias e mesmo as de família, como vimos, constituem-se em momentos de exteriorização pública desses saberes cristalizados e também servem para revelar ofícios e organizações de trabalho familiar, este diferenciado pela esfera do gênero e da implicação mercantil que o mesmo tiver.



Fonte: Secretaria da Agricultura e abastecimento do RS. Departamento Agrário de Cartografia e Cooperativismo. Divisão Municipal, 1997; Google, <maps.google.com.br>.

Identificação dos municípios em que se realizou a pesquisa de campo.

Vimos muitas pessoas e profissões que se expressam no mundo do trabalho com atividades *manualizadas*, fazendo ainda materializar ações pouco hierárquicas de organização produtiva, com predominância de relações interpessoais e familiares e em espaços domésticos de pequenos grupos, compartilhando informações e experiências, muito ao gosto daquilo que chamamos, ainda que genericamente, de “artesanato”.

Associações de artesãos nas comunidades rurais e em cidades existem para isso, além de proporcionarem a sociabilidade dos saberes e ampliar espaços mercantis, buscam valorizar identidades, formações culturais, visões de mundo expressas *objetualmente*, servem também para definir ofícios.

Desse modo, queremos enfatizar alguns aspectos correspondentes às práticas artesanais no meio rural das ditas “colônias novas” de imigração italiana situadas em espaços compreendidos nos atuais municípios de Marau, Casca, Serafina Corrêa, Guaporé, Nova Prata, União da Serra, Montauri, Nova Bassano, dentre outros municípios do nordeste gaúcho.

A análise é um complemento, daria para dizer; uma vértebra de um estudo mais amplo realizado em 2003 na região da denominada Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, mais especificamente na microrregião do Alto Taquari, sobre o papel econômico e social dos comerciantes e carreteiros das primeiras décadas do século XX,<sup>2</sup> bem como dos elementos de memória étnico-cultural presentes na lembrança e expressos oralmente por idosos dessa região.

---

<sup>2</sup> Ver TEDESCO, J. C. *Colonos, carreteiros e comerciantes*. A região do Alto Taquari no início do século XX. Porto Alegre: EST Edições, 2004; ver, também, *Nas cercanias da memória*: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2005.

Naquela ocasião, reuniu-se um material riquíssimo de depoimentos orais, ilustrações, objetos, relatos detalhados de processos e meios de confecção de determinados produtos; foram selecionadas e caracterizadas várias práticas artesanais próprias da vida colonial nas colônias-mãe e que se reproduziram em outros espaços por muitas décadas, principalmente em torno de objetos de vime, tecidos, madeira, couro, ferro, barro e em torno de produtos por excelência de característica da vida do colono-camponês dessa região, tais como uvas, frutas, fumos, carnes e cereais, como trigo e milho.

Para essas práticas e ofícios, organizamos um roteiro semi-estruturado de questões em torno do tema *artesanato* e suas múltiplas correlações e em intensa sinergia com a vida familiar, cultural, de trabalho, de aprendizagens etc., para dialogar com informantes que, na perspectiva de uma *bola de neve*, interagíamos, descobrindo, vinculando, produzindo redes de contato e de informações, as quais nos motivavam cada vez mais em razão das novidades, dos objetos apresentados, da vontade de participar e de mostrar que idosos e outros confeccionistas revelavam.

Não era incomum nossa ressalva e temor no sentido de que, ao chegarmos em casas do meio rural, pudéssemos não ser bem recebidos e atendidos, em razão da profunda desconfiança e falta de segurança vivida por aqueles moradores, pois, como muitos diziam: “os assaltos e crimes acontecem por aqui também agora e o que tem de gente mal intencionada que vem pra esses lados também!”. No entanto, ao deixarmos claras nossas intenções de conhecer as práticas artesanais desenvolvidas, que *fulano de tal* recomendara, tudo tornava-se mais tranquilo, proporcionando confiança e aceitação.

Nas segundas e até terceiras visitas, em várias casas, já éramos desafiados a aprender confeccionar alguns objetos, bem como a servir de mediadores para expandir a comercialização, demonstração de objetos, filmagens ou fotografias a serem divulgadas por onde andássemos.

Em geral, na segunda visita, as relações tornavam-se mais produzidas na esfera da confiança, do interconhecimento, da reciprocidade, da re-elaboração de informações que circulavam pelo meio rural de que “os professores estiveram aqui e querem estudar sobre como se faz os artesanatos”. Daí, os saberes, as vontades de expressão e de visibilidade dos produtos se faziam revelar. Alguns inclusive preparavam produtos especialmente para serem exibidos na próxima visita, com fins de exibir domínio técnico, inovação estética, funcionalidade, qualidade etc., como se implicitamente contassem com nossa participação para divulgar, promover e até comprar seus artesanatos.

Ampliamos essa pesquisa empírica pelos meses de janeiro, agosto, setembro, novembro e dezembro de 2006, retornando às casas de antigos e/ou atuais ferreiros, carpinteiros, marceneiros, costureiras, bordadeiras, moinheiros e oleiros de pequenas agroindústrias artesanais de doces, aguardente, vinho, embutidos etc. para complemento de relatos.

Percebemos, portanto, a existência de uma infinidade de ofícios e profissões que, mescladas, atualmente, no conjunto das práticas e exigências da vida do colono com as características do espaço rural/agrícola, constituíam e constituem, em parte, práticas artesanais, algumas com características mercantis.

Buscamos visitar e entrevistar pessoas idosas que exerceram alguma atividade específica considerada

prática artesanal, como moinheiros, costureiras, chapeleiras, vinicultores, oleiros, ferreiros, carpinteiros e outras atividades com características domésticas e de gênero, as quais utilizavam matérias-primas diversas, dentre elas tecidos, palhas, cipós, barro, couro, madeira, frutas, vimes, lã etc.

As atividades narradas e percebidas, os objetos ainda fabricados e outros conservados (utilizados ou “atirados por aí”, como eles mesmos diziam) são inúmeros, por isso torna-se impossível listá-los.<sup>3</sup> Os desejos de mostrar, de fazer-nos ver (em geral presente no ambiente construído – casa, galpão, porão –, não raro quando esses, também, eram expressos como formas artesanais em suas confecções e utilidades); de relatar os detalhes de fabricação, a percepção de suas correlações com o mundo do trabalho rural e familiar demonstraram ser tão veementes que despertaram interesse de nossa parte em relatar e entender alguns dos aspectos desse horizonte, em especial, suas confecções.

Enfim, o que se pretende imprimir e mostrar em nossa reflexão e análise empírica é que a tradição de saberes, ou melhor, de saberes tradicionais, expressos pela dimensão da *manualidade* – o que não significa que

---

<sup>3</sup> O estudo buscou mapear, descrever e analisar, com um vasto referencial de entrevistas, as práticas artesanais que auxiliavam na economia doméstica e no horizonte mercantil da família no meio rural da região das *colônias novas* na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. As variáveis em questão giram em torno de práticas, saberes, gênero, utilidades, economia, autarcia familiar, comércio, manufaturas, correlações com o mundo produtivo e de vida familiar, o que ficou e o que desapareceu por completo. As práticas artesanais foram divididas em caracterizações amplas como no caso da madeira, couro, ferro, destilados (bebidas), vime, cipó, palha, cerâmica, cereais (farinhas, alimentos), tecidos (fiação, lã), conservas, doces etc. É importante se verificar essas tipologias, pois devido à imensidão de seu acervo tornam-se de difícil identificação em sua totalidade e abrangência. (Parte deste estudo foi publicada na *Revista Teoria e Evidência Econômica*, v. 14, ed. esp. 2006, Passo Fundo, p. 221-246, 2006).

não sejam complexos e que não “precise de ciência pra fazê”, como disse um entrevistado –, não foram completamente substituídos nem exauridos pela dinâmica da modernidade industrial e serial dos mercados facilitados pela diversificação e custos baixos. E, ainda, mostrar que ofícios, saberes e afazeres ligados ao artesanato migram também de um espaço colonial a outro.

Os ofícios *de mão* possuem a reconstituição e redimensionamento que a realidade atual e dos ritmos de demanda e oferta permitem. Tradição não é apenas o que *ainda resta*, é, sim, uma dinâmica histórica que busca encontrar espaços, visibilidade e importância, em razão das condições e ritmos sociais das contradições que a própria modernidade, por ser dinâmica, versátil e cambiante, produz.

Queremos mostrar que há inventividades, desejos, empreendedorismos, intenções de reconstituição de saberes, fazeres e exigidos afazeres, nichos de mercado, desejos de reabilitação de tempos, gostos e prazeres estéticos que buscam recompor ofícios, salvaguardar culturas e etnias, redimensionar e perceber tentativas de revigoramento de domínios técnicos expressos em produtos artesanais.

Sabemos das dificuldades em refletir sobre o artesanato numa perspectiva genérica em razão de suas características históricas, culturais, econômicas ou não e sociais específicas, bem como de sua complexidade expressa por sua variedade, multiplicidade, contextualização, dinâmicas, inventividades, alterações e redefinições históricas, ecológicas, territoriais e de gênero.

Não se pode esquecer que o dito artesanato é um componente histórico da humanidade; acompanhou a evolução dos grupos e dos desenvolvimentos sociais, culturais e econômicos; apresentou-se em alguns momentos

mais institucionalizado, mais evidenciado, reconhecido e regularizado, em outras circunstâncias, cedeu lugar a processos mais avançados, como foi o caso das manufaturas e, posteriormente, das indústrias. Ofícios eram considerados mais valorizados que outros. Nesse sentido, havia e continua havendo diferenciações internas entre ofícios. Revigoramentos, mortes, redefinições e invenções fazem parte da dinâmica do artesanato em consonância com as alterações e permanências que a sociedade atual, em sua dinâmica histórica, apresenta.

Entender o revigoramento dessas dinâmicas é também manifestar sensibilidades sociais e desejos de inclusão, reconhecimento e cidadania a categorias subalternizadas atualmente no horizonte do mercado, da historicidade étnica e do meio rural; é conceber a história e a realidade da modernidade global não unicamente por um vetor, ou seja, alimentadas unicamente pelos seus próprios pressupostos.



*Primeira parte*

*Festas e  
genealogias*





# I.

## *As múltiplas dimensões da festa*

### *Publicizar etnias*

A festa sempre ritualiza; é um momento de situações profanas, sagradas, relacionais e grupais; em última instância, comunitárias; é o passado, ou algo do passado cotidiano e tradicional que busca manter e atualizar significações, expressar relações simbólicas, formatos societais, hierarquias, posições sociais, performance de grupos étnicos nacionais que buscam fortalecer um sentimento próprio de si mesmo, porém em correlação.

Ribeiro salienta que no contexto da festividade acontecem atividades e rituais que unem os nós da tessitura festiva.<sup>4</sup> O incentivo e a oportunidade desse

*conjunto festivo-ritual possui dimensões ou aspectos que vão desde os ecológicos e históricos até os estéticos ou religiosos, passando*

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educus, 2001, p. 44.

*pelos políticos, sociais ou simbólicos; formam um feixe de relações capazes de converter a experiência festiva em situação de aprendizagem.*<sup>5</sup>

As comemorações, os monumentos de memória, as festas comunitárias e de grupos genealógicos auxiliaram, bem ou mal, na formação de uma identidade individual, no sentido coletivo de pertencimento.

*Nos sentimos mais unidos, pertencendo, a uma família grande, independente de como esse parentesco se constituiu, uns direta e outros indiretamente. O importante do encontro é para termos a mensagem da família. A nostalgia dos que vieram, ir para o cemitério, saber onde pisaram os que vieram da Itália, é reconstruir um tempo, uma nostalgia, é ver os frutos de uma semente que hoje já chegaram aos quase sete mil descendentes desse tronco. É uma maravilha e um sentimento infinitos.*<sup>6</sup>

Grupos sociais que estão em relativo ou frágil pertencimento cultural e étnico tendem a ritualizar vivências, tempos, ritos de passagem, construções culturais, sentidos partilhados. A memória coletiva funda-se nos grupos e em suas ritualizações.<sup>7</sup> A (re)construção da italianidade hoje se produz nesse sentido, ou seja, no trânsito de mundo, do ontem ao hoje, do rural ao urbano, das gerações que se sucedem, de sangues misturados, mas que conservam significados de *mais forte* pelo âmbito do italiano, das redes de sociabilidades que o

<sup>5</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educs, 2001, p. 44.

<sup>6</sup> Depoimento gravado em fita de vídeo de um participante da II Festa da Família De Conto, em Encantado, 12 e 13 de janeiro de 2002.

<sup>7</sup> DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Fortaleza: UFCE. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983; ver, também, TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

parentesco ritualizado pelas festas pode produzir. Vínculos de origem ou “aos de origem”, reproduzidos pelo sangue etnicizam a cultura (“as coisas dos italianos”) e reforçam uma certa *comunidade efetiva*.

O grupo familiar, de base genealógica, em geral patrilateral, encontra estratégias de memória festiva para assegurar força e solidez a um tronco que se formou em determinado tempo, lugar e circunstâncias e que espalhou seus ramos ao presente, fragilizando-se pelo andar dos anos e de gerações, produzindo temporalidades e significados variados ao passado e ao presente.

Entendemos que a memória cultural e étnica seja, em geral, marcada pela descontinuidade daquilo que se registra do tempo e pelas formas variadas dos níveis que a constituem.

É nessa dimensão do tempo no espaço e o espaço cultural no tempo da memória que muitas tradições são ou podem ser inventadas e/ou redefinidas. Aliás, autores já comentam que sempre que possível, é comum, na sociedade atual, tentar-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado, redefinido, trans-temporalizado e adaptado. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições *inventadas* caracterizam-se por estabelecer, com ele, uma continuidade bastante artificial. Isso porque toda a tradição inventada utiliza, na medida do possível, a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.<sup>8</sup>

As festas comunitárias, em geral, tendem a orientar e configurar um agrupamento e uma memória coletiva, ou talvez esta seja também promotora daquela. Entendemos que as festas produzem fronteiras e limites

---

<sup>8</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999, p. 9, 10 e 21.

em torno *do que* e *de quem* pertencer; são dinâmicas e precisam ser constantemente ritualizadas, reproduzidas pelo ambiente cotidiano dos indivíduos e grupos; precisam ser simbolizadas e, portanto, significadas por tradições e traduções constantes em equilíbrio com o passado e a simbologia da ancestralidade étnica. Como diz Zanini, a cultura é um retraduzir, reprocessar constante de elementos, uma dialética na qual interagem grupos, indivíduos, interesses, forças sociais e naturais em constante permuta e interferência.<sup>9</sup>

Por isso que é interessante ter presente que nem a dita *cultura étnica italiana*, nem a ideia de *cultura de descendentes de italianos*, nem mesmo a *cultura italiana* devem ser vistas como genéricas, essencialistas e universais.

Há várias maneiras de vivenciar e compreender a italianidade. Mundos diferentes, espaços, classes e níveis de pertencimento vão produzindo valores, sociabilidades, aceitações ou não, agregações, desagregações e valorizações sociais.

As formas variadas de relações e situações com o mundo orientam condutas e compreensões, estabelecem sociabilidades e manifestações públicas. Não são todas as famílias de descendentes que ritualizam sua genealogia e ancestralidade; não são todos os espaços comunitários e cidades com maior presença de etnia italiana que buscam ritualizar a etnia por meio de festejos ou outras maneiras. No dizer de Zanini, a etnicidade é um campo construído situacionalmente.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 205.

<sup>10</sup> Idem.

Acreditamos que a memória e a cultura étnica devam ser entendidas, acima de tudo, como prática e fenômeno socioeconômico que possuem ligação com a indústria cultural, com instituições sociais (principalmente a família, a religião e a comunidade), com os discursos e narrações sociohistóricas produzidas por instituições e conservadas, nem que seja em parte, ainda hoje. Essas produziram representações sociais sólidas e que permitem a manutenção, ainda que redefinida, de um horizonte de pertencimento étnico e espacial (no caso, a região colonial e determinadas regiões do norte/nordeste da Itália).

As festas, como encontros comunitários de famílias, de jovens, de terceira idade, os festejos paroquiais, a festa do padroeiro no meio rural e no urbano etc., são fatos que se desenvolvem em horizontes públicos, de sociabilidade, engajamento, compadrio, responsabilidade e hierarquias complementares (diretoria da capela, do bairro ou da paróquia e paroquianos em geral). No fundo, são também espaço/tempo de manifestação externa, local, das diferenciações públicas de atividades e funções de gênero, agregação e congregação inter e intra-comunitária, ponto de referência do intercâmbio de falas, de existência social, da obrigação de “gastar um pouco e se divertir mais, não é? Quando é a festa do padroeiro, *questa non perco mai*”, como nos diz um membro de festa comunitária do meio rural do município de Marau. É a ideia de que a festa do padroeiro é mais significativa, mais histórica, de maior pertencimento, é a que reforça mais o sentido de comunidade.

A festa ainda permitia e permite a exibição local de algo novo adquirido pelos participantes: um caminhão, um trator, um carro, uma roupa, enfim, algo que represente progresso e evolução social. É um momen-

to também para “negociar e, para alguns, de acertar contas”. As festas de família são uma forma, também, de publicização de pessoas em seus significados e diferenças variadas no interior da árvore genealógica.

Nos primeiros tempos da colônia, a festa religiosa reconciliava as relações dos homens, seus trabalhos, suas vidas pessoais, as colheitas, os problemas cotidianos etc. com o sobrenatural, o sagrado, com a tradição comunitária, mas acima de tudo religiosa, como nos diz o mesmo entrevistado:

*Festa sem o religioso, sem uma boa missa não era e não é festa, por isso que a missa vem ainda hoje sempre antes da carne; primeiro o lado espiritual, né, depois daí, sim, o lado material. Hoje, nas promoções dos jovens, nem mais missa tem!*

A festa fazia parte do horizonte da cultura local, da cultura de origem popular, a qual permite inovar ritos, porém sem perverter por completo a dimensão da repetição/tradição, do “sempre foi assim”. No meio urbano, a festa “não tem o mesmo sentido e gosto do meio rural, não há aquela vivência. Nós mesmos cansamos de ir pra fora nas festas”, informou-nos um idoso da cidade de Nova Prata. Diz o mesmo que “festa pra fora é mais religiosa, tem mais vivência das pessoas, a gente se encontra mais”.

As lembranças de idosos revelam os festejos comunitários como pontos de referência pública, como espaço e o momento/ocasião do lúdico, do religioso, do social, do fortalecimento do interconhecimento, da afetividade e amizade – “momentos de alegria, mas também de envolvimento de todo mundo”.



Não é demais lembrar que uma função essencial da memória é conservar, através das lembranças e dos esquecimentos, o passado do indivíduo da forma mais apropriada e mais fiel. Ribeiro afirma que

*a memória da festa é um dado essencial na fixação de conhecimentos que ali são aprendidos, experimentados e fruídos. E o que, de certo modo, assegura a sua repetição; é lembrada na memória e antecipada na imaginação.*<sup>11</sup>

Ao conservar certas informações na memória, guarda-se também um conjunto de funções psíquicas através das quais conservamos e atualizamos informações passadas. O “processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”.<sup>12</sup> Muitos autores já disseram que falar de memória é evocar o esquecimento, os silêncios, os não-ditos, os excluídos, o dizível e o indizível; é revelar resistências silenciosas, desejos reprimidos, tempos que passaram e deixaram marcas etc.

### *Festas e tempos sociais*

Malgrado sua complexidade tipológica, suas múltiplas manifestações e significados histórico-culturais, antropológicos, religiosos, profanos etc., é possível dizer que festas podem aproximar o homem de dimensões divinas; podem colaborar para afastá-lo, correlacioná-lo ao irracional, ao simbólico, a representações coletivas,

---

<sup>11</sup> RIBEIRO, C. M. P. J. *Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002, p. 41.

<sup>12</sup> LE GOFF, J. *Memória*. Lisboa: Einaudi, 1984, p.12.

# XVIII Semana Italiana

## De 8 a 16 de julho 2006

# El Ciareto



**Lançamento: 23/06 - 19h**  
**Filó de Gramadinho**

SECRETARIA MUNICIPAL  
DE ESPORTE,  
CULTURA E LAZER



**XVIII Semana Italiana** De 8 a 16 de julho  
**El Ciareto**

**8 de julho** - Filó de Gramadinho

**9 de julho** - Festa da Sardinella

**10 de julho** - Festa da Sardinella

**11 de julho** - Festa da Sardinella

**12 de julho** - Festa da Sardinella

**13 de julho** - Festa da Sardinella

**14 de julho** - Festa da Sardinella

**15 de julho** - Festa da Sardinella

**16 de julho** - Festa da Sardinella



**XVIII Semana Italiana** De 8 a 16 de julho  
**El Ciareto**

**8 de julho** - Filó de Gramadinho

**9 de julho** - Festa da Sardinella

**10 de julho** - Festa da Sardinella

**11 de julho** - Festa da Sardinella

**12 de julho** - Festa da Sardinella

**13 de julho** - Festa da Sardinella

**14 de julho** - Festa da Sardinella

**15 de julho** - Festa da Sardinella

**16 de julho** - Festa da Sardinella



**XVIII Semana Italiana** De 8 a 16 de julho  
**El Ciareto**

**8 de julho** - Filó de Gramadinho

**9 de julho** - Festa da Sardinella

**10 de julho** - Festa da Sardinella

**11 de julho** - Festa da Sardinella

**12 de julho** - Festa da Sardinella

**13 de julho** - Festa da Sardinella

**14 de julho** - Festa da Sardinella

**15 de julho** - Festa da Sardinella

**16 de julho** - Festa da Sardinella

SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTE, CULTURA E LAZER  
FONE: (24) 3633-1111 FAX: (24) 3633-1112  
E-MAIL: secretaria@marau.rj.gov.br



Panfleto em quatro páginas coloridas convidando para um festejo étnico comunitário de extensiva programação no interior do Rio Grande do Sul, utilizando, inclusive, linguagem dialetal em um texto na contracapa.

dentre outras, porém, em geral, suas várias instâncias práticas e simbólicas estão em estreita vinculação com trabalhos, com o ócio, subjetividades e alegria; podem agregar ou separar essas dimensões; podem ser públicas ou privadas, oficiais, informais e populares, comunitárias ou familiares.

As festas possuem correlações com tempos sociais, coletivos, lineares e cíclicos (safras, calendário, relógio); expressam a multiplicidade de experiências do homem com o tempo, com o espaço, com os fatos, com o extraordinário, com a natureza humana (vida e morte), com ideologias e visões de mundo, com a história do homem e sua construção social, com a vida em sociedade, com saberes, fazeres e afazeres, em última instância, com a natureza.<sup>13</sup>

Rituais de celebrações religiosas, míticas, cerimônias oficiais, de memória objetal (de feitos, em geral, sem defeitos!) e de lembrança; comilanças, canções, genealogias, desfiles etc. alimentam as festas.

Após analisarmos algumas fitas gravadas de desfiles e rituais da Festitália de Serafina Corrêa, tornou-se visível a dimensão dos rituais profanos, principalmente em torno das comilanças, canções, danças, publicização de objetos de trabalho, vestimentas, frutos do trabalho etc., ou seja, dimensões da vida cotidiana do passado que, em geral, para os que assistem no meio urbano, são vistas com nostalgia. Os mais jovens vêem como algo novo e diferente, talvez, até com certo espanto e admiração.

---

<sup>13</sup> Ver VALERI, V. Festa. In: *Religião – rito*. Porto: Casa da Moeda, 1994, v. 3, p. 402-414; ver, também, RIBEIRO, C. M. P. J. *Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

A experiência e a aprendizagem das festas estão alimentadas, em geral, por condições de prazer, pela anormalidade, pelo não-cotidiano (porém, não se deslocam nem se distanciam em significados ritualísticos e objetivos do mesmo), pelo tempo, espaço e atividade de alegria, da dramatização, da surpresa, da previsibilidade, da transgressão, da fruição (consumo, imagens, contatos, alegria, divertimento), da imaginação, da repetição como inovação/expectativa, do tamanho (número de participantes), dos inúmeros dispositivos simbólicos (espaço adequado, limpeza, enfeites, bebida, gastronomia, música), do social e da sociabilidade, da participação e partilha, da igualdade e da diferença (poder, hierarquia econômica, prestígio étnico e “de sangue”) etc.<sup>14</sup>

A festa agrega patrimônios, aliás sua expressão tradicional dá-lhe tal caráter; seus horizontes simbólicos são carregados de significados, em geral, coletivos e que produzem e reproduzem, em meio e através de objetos, dimensões imateriais, ou, como alguns analistas preferem chamar, “intangíveis”.<sup>15</sup>

O ambiente da festividade é expressão de um tempo do múltiplo e do complexo; possui, além de várias outras

<sup>14</sup> RIBEIRO, C. M. P. J. *Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

<sup>15</sup> Segundo alguns autores revisados, *patrimônio intangível* envolve domínio subjetivo de objetos materiais, necessidade de acumular e reter os bens que se consideram *propriedade*, mas que conservam significados religiosos, sociais, culturais que são pertencentes a um grupo, porém configuram partes de totalidades sociais; é algo que carrega a noção de herança, de legado que se transmite do passado ao presente e ao futuro, porém sempre movidos pela sensibilidade, emoção e afetividade em torno de memórias *selecionadas*, as quais buscam preservar identidades de grupos, nações, famílias. Segundo Fonseca, a noção de *intangível* é mais apropriada, em vez de *imaterial*, porque dá ideia de transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis. Ver FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 56-76. Ver, também, MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

dimensões, uma função social de incorporação, de aprendizagem, de partilha de conhecimentos, de comunhão/comunicação, de legitimação, de reconhecimento, de luta pela interpretação ritualística, imagética e objetual,<sup>16</sup> isso sem falar de suas temporalidades históricas, lineares, entrecruzadas, da tradição, das inovações, significados, contradições etc.

### *Reconstruir e ritualizar a ancestralidade*

Woortmann deixa claro que a *árvore* genealógica é uma forma de pensar o tempo, um tempo genealógico, um parentesco de memória, uma família que agrega descendência, que é bem mais ampla, que se expande pelo território e que em algum momento ritualiza a união e junção dos galhos. Os membros mais antigos localizados num tempo histórico e mítico constituem a raiz da árvore. São os imigrantes, os heróis fundadores, aqueles que em condições adversas enfrentam a mata, as feras e os *bugres*, instauraram a agricultura impondo-se sobre a natureza hostil e sobre o atraso.<sup>17</sup>

*Bom, além da confraternização, que isso é um ponto que eu considero de muita importância, mas eu acho que o mais importante disso é a gente poder estar aqui, elevando, enaltecendo aquela atividade que no século passado, os nossos antepassados plantaram aqui no Brasil e mais precisamente, eu acredito, em Serafina Corrêa onde tudo começou. Essa é a nossa, é o começo da história da família Orso. Mas eu acho que o mais importante de tudo isso, é a gente perceber aquela coisa lá no fundo do íntimo das pessoas; é aquela*

---

<sup>16</sup> RIBEIRO, op. cit.; ver, também, DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>17</sup> WOORTMANN, E. *Árvore da memória*. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, 1994, p. 123.

*parte de agradecer, de elevar a estima por avós, bisavós e tataravós que aqui iniciaram esse trabalho e hoje a gente vê ali uma grande família, em torno de 700 pessoas, na verdade são sangue da gente, sangue dos Orso correndo nas nossas veias.*

[...].

*Eu percebo aquela vontade de conhecer outras pessoas, ampliar aquele conhecimento, ampliar a família, isso me chamou a atenção na liturgia de hoje, o padre colocava a grande família, [...]. As pessoas que estão aqui hoje já estão formando essa grande família, essa união, essa coisa bonita de se ver nas pessoas. Eu acho que é isso. A família tá aí, tá reunida, está se conhecendo, por mais que não se conheciam, mas é como se realmente se conhecessem a tempo, se abraçando, se cumprimentando, e eu acho que é isso, o que vale hoje.<sup>18</sup>*

A ideia de árvore é simbolizada nas festas com base de compreensão genealógica e cultural; descendentes buscam entender e compreender experiências históricas vividas pela família-mãe (que em geral é a do pai!), vivências que podem transformar-se em patrimônio de uma família, agregado a um sobrenome, a uma memória que se torna coletiva, de um grupo de pertencimento étnico. Experiências de sacrifício e de luta (aí vem a dimensão da santidade pelo martírio nas nossas histórias de santos, principalmente os considerados mais populares) são re-elaboradas e passam a ser agregadoras de valor ao grupo étnico e ao sobrenome. Família, trabalho, terra e religião se congregam na cosmologia da vida dos tempos da *colônia antiga* e ganham valorações no tempo deslocado de hoje.

<sup>18</sup> Entrevista com Vanir Orso, 52 anos, de Araranguá (SC), por ocasião da Festa da Família Orso, em Serafina Corrêa, 2006.

*Havia uma grande árvore num país distante e, com uma tempestade, um galho dessa árvore caiu e quando esse galho caiu, ele cresceu, se ramificou e se fez árvore. Esse galho que caiu somos nós, os imigrantes. [...] nós estávamos retornando à árvore, retornando à origem, à família italiana. Não, o galho caiu, nós os brasileiros, sofremos, labutamos, trabalhamos e nós formamos família. Mas naquele dia nós regressávamos à árvore-mãe e isso era o que nos fazia unidos. Isso era o nosso grau de parentesco, independente de haver ou não sangue. [...]. O antepassado é que era mais distante. E naquele dia a árvore estava de novo completa porque os galhos estavam todos juntos novamente.<sup>19</sup>*

A memória e a cultura étnica desenvolvem-se como prática e fenômeno socioeconômico e sociocultural; possuem ligações com instituições sociais tais como a família, a religião, a comunidade; são representações sociais que permitem a manutenção de horizontes de pertencimento e

*o objetivo de salvar do desaparecimento os bens remanescentes que atestavam a história de nossa civilização, contribuindo, então, na construção da nação brasileira. O patrimônio atribuía um atestado de autenticidade da identidade brasileira a ser referendada.<sup>20</sup>*

Temos a convicção de que a reconstrução das identidades é fruto do confronto do velho com o novo, num processo constante de reelaboração dos critérios de autovalidação pública dos indivíduos, de sua situação social, das transformações conjunturais, do cotidiano vivido por indivíduos e grupos sociais.

---

<sup>19</sup> SIVIERI, I. B. *Reatando o elo com a Itália*. Chapecó: Argos, 2004, p.107.

<sup>20</sup> GIOVANAZ, M. M. de A. *Ativista da preservação do patrimônio cultural no Brasil*. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 214, 2002.

É desse modo que entendemos que, na identidade e na memória, permeiam noções de construção, de seleção, de registro, de significados, de criação e de consciência subjetiva. A construção da memória é dinâmica, um esforço de significação, não só de seleção, mas de re-interpretção sucessiva do passado.

Compreendemos que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é o produto de sua experiência social, de sua convivência com o meio e das formas de mediação simbólica dessas experiências. As lembranças formam-se na pessoa, na convivência com o social, no âmbito das relações formais e informais, pelas diversas comunicações linguísticas e culturais.<sup>21</sup>

A identidade faz-se na vivência e na convivência, enfim, nas experiências vividas, rememoradas e armazenadas com parâmetros de alteridade.<sup>22</sup> As festas étnicas, nesse sentido, colaboram e muito para produzir, reproduzir e redefinir essa imagem.

As festas étnicas são expressões disso, ou seja, ao mesmo tempo em que são carregadas de saudosismo, fechando-se em seu tempo, historicizam-se e centralizam-se pelo veio da cultura e da etnia. Servem-se mercantilmente do passado, ou seja, buscam apresentar e negociar objetos artesanais, utensílios para sua função ornamental, gastronomias “das nonas”, ou as “que a mãe fazia antigamente”. As mesmas presentificam cenários e rituais através de desfiles, de feiras, de momentos de comilanças (como os jantares italianos, em geral, reali-

---

<sup>21</sup> FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 56-76.

<sup>22</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.



zados em comunidades do meio rural para adaptar as fontes de matéria-prima gastronômicas com o cenário comum de seu desenvolvimento e vivência), bem como de formatos linguísticos (dialetos, ou melhor, dialeto vêneto projetado e projetivo através do *talian*) que, rastreados e simbolizados, ganham corpo, respaldo e exigências nesses momentos festivos.

Nesse universo, podemos entender a noção de *rastro*, o qual permite manter unidas a presença do ausente e a ausência da presença, ou dialetiza presença e ausência, simbolizando intenções e desejos de ambas, inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de apagar definitivamente.

A memória vive essa tensão entre presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas, também, presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente.<sup>23</sup>

O rastro aqui entendido também pode simbolizar familiaridade, identificação e identidade; é como se fosse um culto doméstico que interliga e estende passado e presente num cenário em que a corda que os amarra apresenta-se sempre mais fragilizada, descontextualizada, midializada (assim como a massificação e a midialização tendem a fragilizar a memória, ambas também são utilizadas para expressão de momentos e rituais de lembrança). Esse é um dos aspectos contraditórios da expressão dos símbolos de lembrança e de esquecimento na memória, porém que tem a capacidade de adequar linguagens fixadoras de referenciais do pas-

---

<sup>23</sup> GAGNEBIN, J. M. Verdade e memória do passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 218., nov. 1998.

sado articulando-as entre as múltiplas temporalidades de que se compõe a memória.<sup>24</sup>

A memória cultural e étnica pode sofrer descontinuidades e, como já sabemos e dissemos, muitas tradições e eventos podem ser inventados, tentando estabelecer a continuidade do processo histórico, redefinindo e contemporizando para legitimar uma história desejada.<sup>25</sup>

Quando, por exemplo, da busca da dupla cidadania por descendentes de imigrantes italianos, em geral, o que pudemos notar e como alguns analistas também colocam, no fundo, não está em questão a dimensão jurídica do reconhecimento e vínculo nacional e étnico (“de origem”), mas sim os vínculos afetivos com antepassados, com uma comunidade de origem, uma experiência histórica compartilhada pelas gerações sucessivas, as quais carregaram o *sangue italiano*, uma homogeneidade étnica, legalização de ascendência e de hereditariedade e transmissão de qualidades, além de físicas, morais (“de sangue”).<sup>26</sup> Aliás, como bem diz Zanini,<sup>27</sup> a italianidade em questão vai além da dimensão étnica e de nacionalidade, assim como a dimensão do *sangue*; é uma totalidade que os perpassa e os transcende.

É nesse sentido que a festividade, o comemorar, o re-encontrar memórias vividas, exemplificam experiências temporais em interação, identidades valorizadas, porém, em geral, pouco historicizadas e contextualizadas; é, também, a partir de necessidades de ritos, símbolos e

<sup>24</sup> PINTO, J. P. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 206., 1998.

<sup>25</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

<sup>26</sup> SAVOLDI, A. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

<sup>27</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

vivências de memórias coletivas que é possível imaginar uma ética e uma política de memória coletiva que têm, na experiência, nas vivências *vividas* (*de carne e osso*) ou inventadas, sua mediação.

### *Narrar visões de mundos e vivências*

Sabemos que em todas as culturas e etnias existem sempre práticas mais ou menos ritualizadas com as quais cada grupo social ensina aos seus membros a arte da exteriorização/narração da memória.<sup>28</sup> As narrações ritualísticas formam esquemas que permitem entender a realidade e auxiliam na produção da percepção do mundo.

Nas festas étnicas e/ou *de famílias* narram-se tempos históricos, percepções de mundos separados espacial e etnicamente por mais de um século, vivências reais, saudosistas e/ou nostálgicas. Intercâmbios culturais, mercantis, simbólicos (vínculos temporais e parentais, linguagens dialetais), ideológicos e políticos, oficiais e/ou informais, são, em geral, promovidos nesses momentos públicos de festejos. Desse modo, as festas podem servir de tradição, tradução, traição, acomodação, crítica e redefinição de horizontes culturais e étnicos.

É por isso que, ao tentar refletir algo sobre a questão da memória, da família e da etnia cultural que determinadas festas dimensionam, é muito mais do que buscar cruzar temporalidades; é, antes de tudo, no nosso entender, perceber sujeitos e eventos que querem

---

<sup>28</sup> YEATS, F. *L'arte della memoria*. Torino: Einaudi, 1972.

ser ou alguém que quer que outro seja, ao seu modo, testemunho da história; é localizar, no tempo e no espaço, raízes e ações que o presente e o passado remoto desvalorizaram, como é o caso do parentesco, da consanguinidade, de compadrios, de famílias extensivas, de ressentimentos, de ações significativas no tempo.

É nesse sentido que a memória faz referência a uma ideia de persistência ou reinvocação de uma realidade de uma maneira intacta (nem que seja enquanto desejo) e contínua.<sup>29</sup> A lembrança recoloca a esperança na capacidade de recuperar alguma coisa que se possuía, um tempo que se esqueceu.

*As festas de famílias* apresentam-se como um formato micro de representação cultural sob o veio da genealogia. As mesmas, além de sua preocupação com a genealogia, com o parentesco, com a dimensão de uma família ampliada, reservam e conservam, em sua expressão ritualística, formatos considerados de cultura étnica.

Tendo a “memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o inexistente”,<sup>30</sup> percebemos que a memória da terra, da produção, do trabalho correlacionada ao sacrifício, juntamente com a dimensão do familismo, faz parte da centralidade dos significados presentes nas festas. Nessas, vários são os acontecimentos, os elementos culturais, o público presente e os processos ritualísticos de memória expressos.

Vamos a elas, então...

---

<sup>29</sup> JEDLOWSKI, P. Memoria. *Rassegna Italiana di Sociologia*, XXXVIII, n. 1, p. 135-146., gen./mar. 1997.

<sup>30</sup> PINTO, J. P. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 207, 1998.

## II.

# *As festas genealógicas de família*

O que se quer mostrar nesse capítulo é uma síntese de alguns aspectos que mobilizam grupos sociais em torno de alguns festejos considerados *de família*.

Entendemos que são dinâmicas e múltiplas as festas que abundam pelo sul do Brasil, tanto em torno da descendência da etnia italiana, quanto alemã, polonesa, dentre outras, porém a ideia central é a de que as mesmas re-atualizam significados tradicionais do parentesco, da família, dos vínculos religiosos no interior dessa grande agregação em momento festivo, bem como buscam vivificar uma espécie de mito de origem, centrado no sujeito que migra e em sua trajetória de construção de uma grande família em processo. As mesmas (re)produzem etnicidade construída em torno de significados positivados na realidade histórica e étnica que se alimentam pelas noções simbólicas do sacrifício, trabalho, empreendedorismo, coragem, fé, abnegação, criação de filhos, dentre outros valores que representam

e auxiliam na construção, de certa forma, ufanística e romântica da trajetória de sujeitos migrantes.

Queremos mostrar, também, que as festas de família produzem, ainda que sem muitos vínculos orgânicos e mais *práticos*, um *parentesco alargado*, uma comunidade afetiva em torno de uma memória e resignificação da mesma de uma forma coletiva, reforçando origens limitadas por um lugar e um tempo posteriormente definidos e por um tronco parental que sustenta uma *árvore* que, devido a uma história e uma memória partilhada, vai se ampliando, agregando e construindo bases de identidade de grupo.

Para apreendermos alguns desses significados, participamos diretamente de várias festas de famílias, entrevistamos alguns de seus participantes, seus mediadores; buscamos ler livros produzidos pelas famílias, bem como analisar conteúdos de filmagens produzidas de várias festas; analisar seus panfletos-convite, anúncio e matérias em jornais antes e depois dos eventos, bem como na mídia televisiva; enfim, os rituais mais comuns, sua preparação etc.

### *Agregação a pontos de origem*

Entendemos que as festas genealógicas buscam transmitir, por meio de uma temporalidade, *a priori* definida (que, em geral, é o período tanto da emigração, quanto da vida nas primeiras décadas pós-emigração), identidade e singularidade de um corpo parental disperso multiterritorial, multicultural e multiétnico, porém agregado a pontos de origem, à um sobrenome e a processos construtores da imagem familiar de determinado tronco histórico que se funda no local

de origem da partida e no primeiro local de fixação no país de destino. Por isso, as festas de família, além de agregar o sobrenome, vincular tempos, une e promove pontes entre microespaços de dois países.

Entendemos que a genealogia pode expressar um rito histórico-cultural e temporal de agregação, de coletividade, de auto-representação étnica, de exaltação coletiva, mas que se produziu por feitos individuais (trancos que migraram), ou seja, seu caráter de exemplaridade, mas, acima de tudo, busca reativar e revalorizar a estrutura simbólica (não mais prática) do parentesco.<sup>31</sup>

A família e sua dimensão cíclica renovam-se pelos nomes, pois estão presentes nesse processo a noção de transmissão e culto a uma tradição temporal e familiar, o domínio público da vida social e, em geral, econômica.<sup>32</sup>

O nome/sobrenome possui uma valorização simbólica na dimensão étnica da cultura. É por isso que a memória da grande família (família-tronco) apresenta-se como um complexo de referências simbólicas imaginadas na esfera da integração e possível tendência à desintegração, felicidade com desgosto e sacrifício, continuidades com descontinuidades histórico-culturais, o encontro esporádico e a produção do distanciamento, dentre outras.<sup>33</sup>

Um organizador de uma festa de família fala em seu discurso de abertura do encontro, no início da celebração litúrgica que,

---

<sup>31</sup> Ver WOORTMANN, E. *Árvore da memória. Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> *Idem. Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

## Encontros de famílias recordam os pioneiros e as raízes

Para o mês de janeiro de 2007 estão previstos diversos encontros de famílias, que reúnem os descendentes para reviver a história comum dos pioneiros, recordar as próprias origens, celebrar e confraternizar.

**Balen** - A comunidade São Carlos de Rio Brasil, em Barra do Rio Azul (RS), será palco do 4º encontro dos descendentes da família Balen. O evento ocorre no dia 6 de janeiro. Missa de ação de graças, almoço, tarde cultural e jantar seguido de animação musical, completam o programa. Confirmar presenças até 31 de dezembro pelos telefones (54) 3613.1166, 3528.1155 ou 9905.0160.

**Ló** - No dia 7 de janeiro, em Farroupilha (RS), ocorre o 3º encontro da família Ló. Missa às 11 horas na igreja matriz Sagrado Coração de Jesus, almoço no salão de Nova Vicenza e tarde com apresentações artísticas e culturais, fazem parte da programação. O 4º encontro já tem data - final de 2008, em Planalto (RS). Informações: tel. (54) 3268-7442.

**Fassini** - Em Daltro Filho, Imigrante (RS), será realizado dia 7 de janeiro o 3º encontro da família Fassini, com missa de ação de graças, almoço de confraternização e apresentações artísticas na parte da tarde. Confirmar presenças até 24 de dezembro por um desses telefones: (51) 3754.2018, 3754.2022 ou 3754.2077.

**Pan** - Outro evento que reúne gerações ocorre no dia 13 de janeiro, em Aratiba (RS), com o 2º encontro da família Pan, com homenagem os pioneiros Hermínia, Giuseppe, Joachin, Maria, Júlio Modesto (Aratiba), Ângelo (Erechim) e Joana Pan (Videira). A programação inclui missa de ação de graças, almoço festivo e tarde cultural. Informações pelos telefones (54) 3528.1119 ou 9976.6184.

**Candaten** - Na Linha Candaten, em Constantina (RS), será realizado no dia 14 de janeiro o 3º encontro da família Candaten, descendência dos imigrantes italianos Arcângelo, Bortolo e Matteo, que se estabeleceram em

Silva Jardim, Serafina Corrêa, em 1892. Exposição de fotos e objetos antigos, missa, almoço e tarde cultural fazem parte do programa. Reservar até 7 de janeiro pelos fones (54) 3363.1477 ou (55) 3755.1173.

**Zanchettin** - Na comunidade de São Lourenço, Vila Flores (RS), ocorre no dia 14 de janeiro encontro dos descendentes de Giuseppe e Tereza Dotti Zanchettin, com missa, exposição de objetos antigos, almoço e lançamento de um livro sobre a família. Confirmar presenças até 7 de janeiro pelos telefones (54) 3447.1581, (51) 3023.6643 ou pelo e-mail: nrzanchettin@vias-rs.net.

**Battisti** - Será realizado no dia 14 de janeiro em Salgado Filho (PR) encontro da família Battisti, com missa de ação de graças presidida pelo arcebispo de Maringá, dom Anuar Battisti. Salgado Filho está localizado a 45 km de Barracão e a 42 km de Francisco Beltrão. Informações com Ivo Battisti pelos telefones (46) 3564.1234 ou 3564.1238.

Anúncios de festas de família publicados em um jornal de grande circulação, demonstrando a demanda que tais eventos têm nas regiões coloniais em diferentes estados do sul do Brasil.



*nós fazemos parte desta grande família [Orso], pois o objetivo deste encontro independente do grau de parentesco e do sobrenome que carrega, é aproximar todos aqueles que dentro de suas veias corre um pouco de sangue de nossos antepassados, sangue Orso que emigraram da nossa querida Itália em busca de novas oportunidades.*<sup>34</sup>

É bom que digamos, ainda que genericamente e no abstrato, que a festa e, em especial, a de famílias, é um momento não-formal, ainda que muitos rituais sejam expressões formais e formadores de tempos e consciências de vivências; a mesma reinventa o cotidiano, religa e reordena, espiritualiza comunidades e produz familismos em sociedades ditas “complexas”. Em geral, a mesma mescla poderes reveladores (mundo eclesiástico/religioso, ou a força do campo eclesiástico sobre o campo religioso) com os comunitários e identitários.

As forças em jogo nos momentos festivos são variadas, podem ser expressas por súplicas religiosas (proteção, promoção), as identitárias/grupais (etnia, parentesco, famílias, sobrenome), as políticas (homenagem, comemoração, momento ufanista de figuras do campo sociopolítico etc.).

Não há dúvida da necessidade da dimensão coletiva, desenvolvida dentro do grupo como manifestação cultural, para formar laços solidários e memórias comuns.<sup>35</sup> Por isso as festas se processam no coletivo.

---

<sup>34</sup> Discurso de Amarildo Orso (de Bento Gonçalves), por ocasião da abertura da II festa da Família Orso em Serafina Corrêa, em 2006.

<sup>35</sup> TURNER, V. O processo ritual. In: LUÍNDIA, L. E. A. *Festas, festas de santos: rituais Amazônicos*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 2001, Campo Grande.

No caso específico das festas de família, por serem constituídas de múltiplas comunidades, aproveitam rituais da dimensão festiva (orações, comilanças, encontros, símbolos significativos e expressivos de sua etnicidade, origem, brasões) para produzir significativos laços de solidariedade cultural e a comunhão, os quais são dois elementos prévios e posteriores de todo o ritual festivo.

As festas de família transmitem gerações e culturas formando comunidades virtuais entrelaçadas pela memória de um passado comum, por um sangue biológico transfusionado no campo cultural e esse significado biologicamente por uma carga de tradição passada de geração, à geração renovada e alimentada pelo mana das vivências em torno de sacrifícios e redensões, vitórias econômicas que precisam ganhar visibilidade e exemplaridade no campo ritual e cultural.

As mesmas comunicam afetos, sentimento de pertencimento; há emoção e razão em torno do passado; reconsideram significados da emigração rito demarcador de tempos e significados; valorizam uniões e fusões de sobrenomes como marcas *de* e *para* o tempo.

*Eu acredito que sim, porque eles vieram com uma grande família e hoje está dando continuidade, isso é uma marca pra mim, para os meus filhos, minha família, também que seria uma unidade é. Eu acho que dá continuidade àquilo que eles trouxeram para cá, que então é em cima da família que se constrói grandes obras, futuras liderança do nosso Brasil. Em cima da família e, como um todo eu acho que pra mim eu tenho uma família maravilhosa, hoje aqui, como falei antes, quero repetir; encontrei uma grande família, que é a família Orso, mas não só a família Orso, é a grande família*

*porque entrou noras, genros, amigos, então me sinto realizada no dia de hoje.*<sup>36</sup>

Continua, nesse sentido, outro membro da família, afirmando que

*o que chama atenção é essa unidade de raça. Mesmo que você olha pro pessoal que é totalmente diferente, quer dizer, tem uma ligação de sobrenome, mas uma: você vê as características da pessoa totalmente diferente, quer dizer; então você vê um monte de gente, um monte de estilos, um outro jeito de pessoas, um monte de caminhos que foram seguidos até hoje mesmo que com a possibilidade de ser tudo uma fonte só.*<sup>37</sup>

Por isso a festa é sempre unidade no diverso, comunicação, intercomunicação, convergência na diferença. Os significados comuns partilhados é que dão o vigeramento dessa unidade. A festa está sempre informando algo, socializa significados e valores, luta contra esquecimentos, seleciona significados no presente para o futuro do passado, vivificando lembranças e permitindo novos e outros esquecimentos; é produção e transmissão de formas simbólicas; dá o tom do dinamismo da interpretação e da necessidade do que e como assimilar grupalmente.

Dito isso de uma forma genérica e preliminar, vamos ver mais de perto alguns aspectos funcionais, dimensões e rituais mais comuns, alguns de seus possíveis significados e intenções.

---

<sup>36</sup> Entrevista com Alcides Orso (60 anos), por ocasião da Festa da Família Orso em Serafina Corrêa, 2006.

<sup>37</sup> Entrevista com Antônio Orso (41 anos, de Videira - SC), por ocasião da Festa da Família Orso em Serafina Corrêa, 2006.

## *Rituais comuns nas festas de família*

Nas festas que participamos sempre houve um grupo que preparava a ritualidade toda, inclusive em suas formas preliminares, bem como toda a programação. Porém, o nascedouro possui uma história mais ou menos comum para todas: realiza-se com o desejo de encontro manifesto publicamente por alguém de uma família, em geral, considerada importante em termos públicos e/ou econômicos, que já possui um prévio levantamento feito de sua árvore genealógica, condição financeira e possibilidade de interconhecimento (em geral, essa pessoa é algum religioso, político ou economicamente influente).

Isso repetiu-se em todas as festas que participamos e, também, expressa-se nos livros produzidos pela família-tronco. Numa delas a justificativa recaiu no desejo e iniciativa de um bispo que é diretamente membro da família-tronco; outra, a presença de padres; outra, ainda, pela pesquisa e desejo de um professor aposentado; numa outra, a justificativa do dito “ponta-pé-inicial” deu-se em torno de pesquisa de um senhor que queria obter a dupla cidadania para permitir a migração de seus filhos à Itália; num último encontro que participamos, lia-se na introdução de um panfleto distribuído que a ideia partira devido ao forte vínculo do idealizador com associações vênetas promovidas por *gemellaggios* na região colonial do Rio Grande do Sul. Portanto, há sempre um sujeito e uma relação vinculada com iniciativas de pessoas mais esclarecidas e/ou mais envolvidas com conhecimentos e interesses étnicos.

## *Os mediadores*

Nunca esquecendo que é comum a presença de religiosos naquela primeira atividade descrita, considerada, por nós, de pesquisa das raízes do parentesco, constituído a partir dos últimos anos do espaço de origem e por um tempo longo no espaço hospedeiro, comumente de duas gerações, ou seja, as que viveram os limites, os desafios, a precariedade de vida dos anos iniciais e das viagens (marítima e no interior das colônias) e a que viveu o período varguista de proibição, de coação e identificação étnico-nacional e cultural.

Em todos os eventos que participamos, segundo pessoas que entrevistamos, não de uma forma sistemática, mas aleatória e informal, começou mais ou menos assim:

*alguém lançou a ideia, alguém que já tinha feito de sua família, por interesse pessoal, pra saber de onde e de quem veio, pra saber para si, né. Daí lançou a ideia e outros foram se agregando [...], até que saiu. Hoje já conseguimos reunir mais de seiscentas pessoas, mas tem festa na redondeza que dá quase duas mil pessoas; é coisa grande viu. [...]. Já se tornou obrigatória e esperada as ditas festas das famílias.<sup>38</sup>*

Como já mencionamos, em geral, existem os *notáveis* das famílias que, ao que se pode constatar, são religiosos (padres e freiras) e profissionais liberais bem-sucedidos (advogados, funcionários públicos, professores aposentados), historiadores diletantes e outros interessados que procuram obter cidadania italiana, daí, que

---

<sup>38</sup> Entrevista com Antônio Costella (de Vila Lângaro), por ocasião de uma festa de família na cidade de Veranópolis.

enveredaram pela pesquisa mais profunda dos ramos e troncos genealógicos.

O interessante é que há sempre, ainda que incompleta – para alguns mais e para outros menos – uma pesquisa feita da árvore genealógica em ritualização. Em algumas, após realizada essa atividade com apoio financeiro coletivo da *grande família*, publica-se um livro, o qual em geral é distribuído para cada família presente nos encontros futuros.

Todos os organizadores de festas deram ênfase e importância ao chamado “resgate do parentesco”, o qual é considerado por eles “em decadência”, principalmente no meio urbano. Pareceu-nos que a justificativa maior dos encontros gira em torno da necessidade de produzir rituais agregadores, ainda que de uma forma fragmentária e com uma temporalidade burocratizada e definida, de (re)valorização da dimensão prática e simbólica – talvez mais essa que aquela – do parentesco, porém agregado a vivências comuns nos horizontes, tempos e situações da imigração e da vida nas colônias.

A dimensão do parentesco mescla-se com rituais de vivência da ancestralidade, das passagens de espaços (transoceânicos e coloniais) com suas simbologias em torno do sacrifício e sua conseqüente redenção econômica, social e política (esse evidenciado por alguns rituais de presença de sujeitos pertencentes ao passado ou na atualidade no campo político de algum estado do sul do Brasil). Como o patrimônio imaterial do parentesco tem dificuldade em possuir um lugar de memória, é interessante, pelo que foi comentado, para não perdê-lo, que se criem tempos e espaços para sua ritualização.

## *A dimensão religiosa*

A presença de pessoas dedicadas ao campo religioso, no seio do que podemos chamar de “família ampliada” pela consanguinidade, apresentou-se como lugar-comum em todas as festas que visitamos e foram, em geral, esses que lançaram a ideia e conseguiram, com auxílio de conhecidos e de pessoas influentes e com condições (econômicas, de acesso à informática, à mídia e a outras formas mais informais) uma maneira de viabilizar o primeiro encontro. Esse primeiro é considerado o mais difícil, “os outros vêm por consequência desse e cada vez mais grande e com algo novo”, disse-nos um participante de uma festa em Guaporé.

Os rituais mais comuns presentes nos eventos presenciados são, então, a preparação (local apropriado, convite, confirmação, compra do ingresso e as formas de deslocamento), com o auxílio de recursos técnicos de informática e comunicação telefônica, a organização para o deslocamento em comitivas locais/regionais, a recepção e credenciamento (feitas em geral por jovens do local do evento – os representantes da casa).

Logo após a recepção inicial, no cenário e na oficialização da presença, é contemplado um dos pontos altos do encontro que é a dimensão religiosa do evento (em geral, celebração eucarística com a presença de um número significativo de padres e freiras, bem como participantes religiosos da Itália, frequentemente das regiões de origem da emigração). Nessa, desenvolvem-se muitos rituais, além dos tradicionais do campo litúrgico, adaptados ao horizonte étnico, à exaltação da cultura, homenagens a pessoas mais idosas, informações acrescidas à composição da árvore genealógica, cantos e partes litúrgicas dialetais, comumente em vêneto.

É dada ênfase na homilia à dimensão do encontro, à família-tronco, à dispersão e à necessidade de junção, aos frutos econômicos (destaques) e à descendência da família-tronco. Numa das festas, houve a explanação de um levantamento feito da descendência atual de um referido tronco, o qual já tinha atingido quase aos quatro mil descendentes ramificados. Num outro, um bispo presente e membro da família, exaltou o contingente de quase sete mil membros de uma família-mãe. Isso produz uma forte simbologia da árvore, da valorização da ancestralidade, transmite significados simbólicos de pertencimento.

A celebração litúrgica é por excelência uma mescla de rituais de dimensões históricas, de vivências cotidianas do passado, de ações e temporalidades marcantes. Os cantos e as encenações, bem como as rezas em dialeto e/ou em italiano gramatical (sendo essas compreendidas por um número reduzido de pessoas – “Só os mais antigos sabem disso”, disse-nos um jovem participante), são carregadas de signos produtores de nostalgias, sentimentos de pertencimento, de vivências de sacrifício, porém com superações – “é difícil a gente conseguir se segurar [não chorar] numa missa assim; a gente se sente nela, parece que é feita pra nós”.

Os objetos de memória, subjetiva e objetivamente, dependendo do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, ao mesmo tempo em relação de reciprocidade.

*Os objetos dão uma certeza que advém de sua materialidade, do fato que quando queremos relembrar eles estão prontos, como passivos recipientes da nossa projeção, das nossas interpretações dos eventos passados. Se pode, portanto, sublinhar que os objetos são*



*dotados de um poder de memória que lhes rende significados. Esse poder, obviamente, não deriva do objeto enquanto tal, mas do fato que ele incorpora e projeta significados importantes para a pessoa que o adquiriu, recebeu ou encontrou, numa situação e/ou contexto particulares que se quer recordar. É através desses objetos que se cria uma continuidade entre passado e presente, e através deles que se mantém viva a lembrança do passado.*<sup>39</sup>

É bom repetir que a celebração religiosa é a parte central da festa, pois é nesse momento que se fortalece o espírito da fé dos antepassados, o compromisso com a vida e a dimensão da crença religiosa, por isso é muito bem organizada, ritualizada em torno de símbolos étnicos, mesclados aos de cunho religioso.

Como já dissemos, em geral, na homilia, exalta-se o trabalho dos pioneiros, o sacrifício em meio às dificuldades e aos limites, dá-se muita ênfase à esfera familiar, produzem-se discursos críticos às formas modernas de vida, principalmente no meio urbano, à desvalorização do parentesco, da memória dos nonos e dos bisnonos, à dispersão cultural e geográfica que a globalização provoca, ao mesmo tempo a possibilidade de unidade que a festa propicia, dentre outras dimensões.

Uma música de sucesso popular na região colonial do Rio Grande do Sul, cantada em dialeto vênето no momento da celebração da missa, reflete essa mescla de rituais que se processa nos encontros:

*Fá depú de cento ani/que italiani qui i zé rivai  
Zé rivati de bastimento/i gá trova puro mato  
Sensa querte i dormia em terra/i gá luta tanto tanto*

---

<sup>39</sup> JEDLOWSKI, P. *Il senso del passato*. Milano: Angeli, 1991, p. 55.

*Quase como esser dela guera  
/Bisonha ricordarse de nostri bisnoni  
Que grazzi a lori encoi noi semo qua/  
De manara i taieva le piante/per piantare formento e miglio  
E lo zera per el so sustento/pena rivati que desto paese  
I gá pianta tati vinhai/i gá impienesto le bote de vin  
Lera Itália que ghe piazera/la so força a tuto Brazil.<sup>40</sup>*

O ofertório é, em geral, rico em símbolos, muitos deles da vida rural: instrumentos da vida na roça (foice, enxada, machado), sementes, frutos, hortaliças, árvore simbolizando a genealogia em questão, profissões e ofícios em destaque no interior da família-tronco, dentre outros. Essa parte da liturgia, associada com o momento de ação de graças, após a comunhão, é sempre um momento forte de agradecimento, de identificação, de vivências, onde a mensagem da família, do trabalho e da fé se exterioriza.

A celebração eucarística é a celebração dos rituais históricos produtores de vivências e de nostalgias de antepassados; é o momento que mais marca e é expresso pela fala de participantes: “é o que vale a pena”; “uma missa dessas dá pra ficar dois meses depois sem precisar ir na missa”; “não conseguia me segurar sem chorar lembrando da nona, das encenações que foram feitas”; “a gente lembra de antigamente”; “isso é que vale a pena, vale a pena vir só pela missa”. Saudosismo e nostalgia em relação às vivências “de um tempo”, produzidos no ritual eucarístico, fazem desse e/ou produzem nesse momento alta sensibilidade, subjetividade e encontro com um tempo pretérito deslocado do atual.

<sup>40</sup> Transcrito da forma como estava no folheto de canto da liturgia preparada para o evento (sem autoria e sem um aprimoramento na escrita vêneta e/ou *talian*).

## *A dimensão profana*

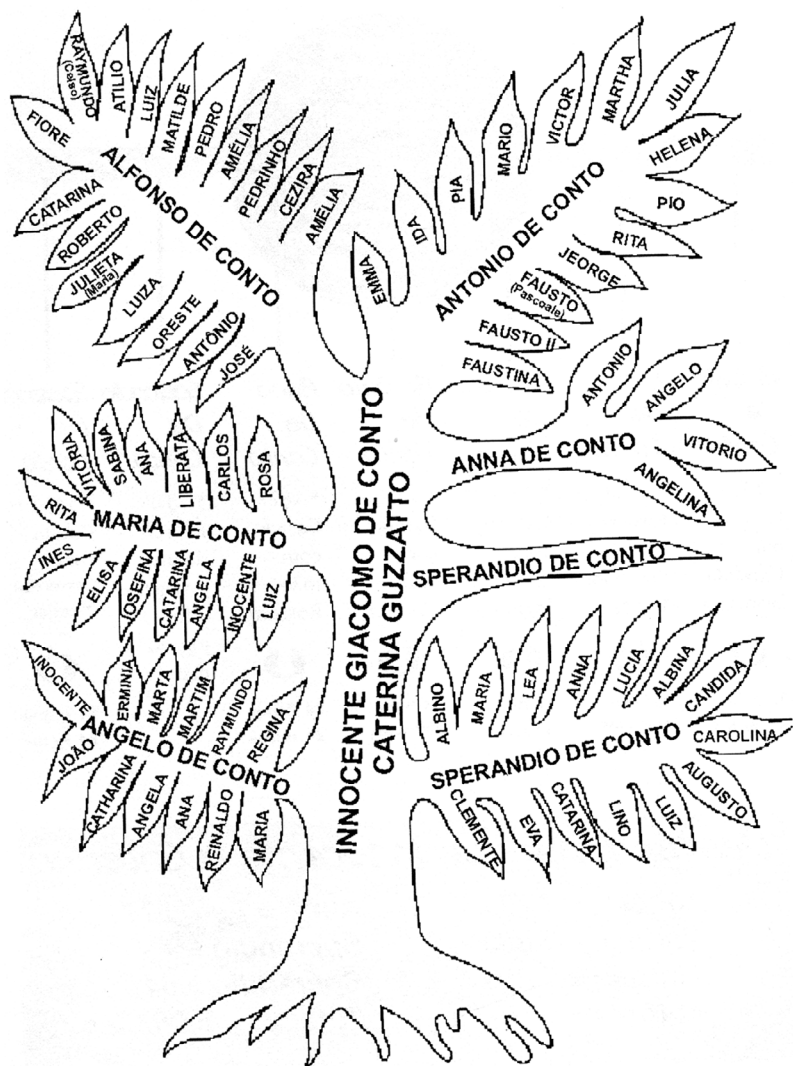
Após a celebração, há momentos para o intercâmbio e interconhecimento, para falas informais e encontros aleatórios, sempre em meio a muitas cantorias dialetais e de conhecimento público ligadas ao horizonte étnico. Canta-se muito; apresentam-se os *artistas* da família. A música étnica *clássica* como *Mérica, Mérica, Massolin di Fiori, La Verginella*, dentre outras, compõem sempre o *pano-de-fundo* dos rituais de grupo no pós-liturgia. Organizam-se cantos em que o público todo participa ritualizando sinais de chegada (momento de recepção de delegações estrangeiras, por exemplo) e de saída.

Nunca esquecendo que muitas festas começam no sábado com recepção, visitas ao cemitério, espaço de memória de ancestrais, visitas a casas de alguns “dos de origem”, contatos integrativos, refeições, músicas, visitas às famílias pertencentes que vivem na comunidade e/ou na circunvizinhança. Alguns comentaram que esse contato do sábado é rico em descobertas e informações sobre a trajetória das “origens”, dos vínculos produtores do parentesco, “até porque o grupo é menor, se visita as casas e se conversa; no domingo é mais um festejo do grande grupo com a missa como ponto alto”.<sup>41</sup>

Os contatos com grupos e pessoas materializam-se em razão de que no momento da missa já foram identificados, visualizados e saudados com uma salva de palmas por todos. Feita essa preliminar de contatos, é chegada a hora da refeição (almoço). Em geral, essa é realizada no salão da comunidade e/ou bairro (paróquia). A organização dessa parte da festa, nos últimos

---

<sup>41</sup> Entrevista aleatória, por ocasião de uma festa de família em Putinga - RS.



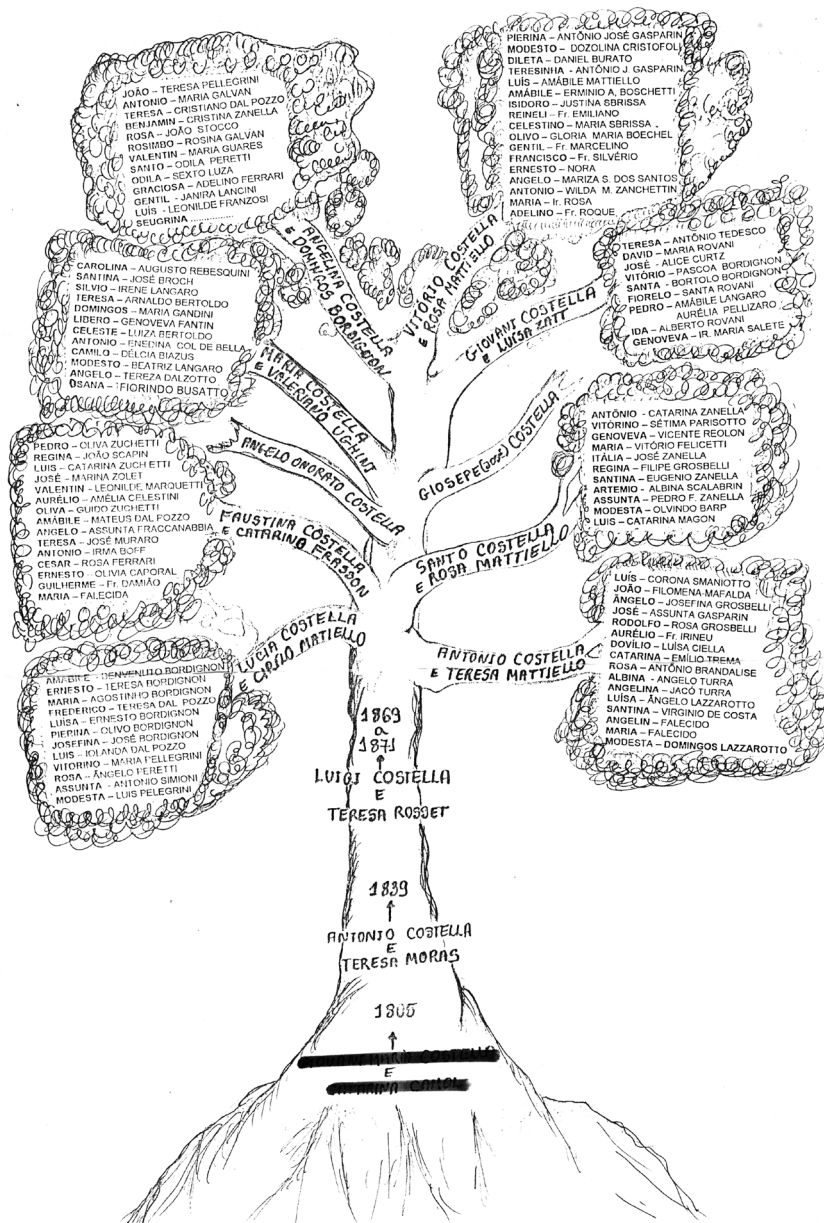
Árvore genealógica da família De Conto exibida nas festividades familiares com objetivo de solidificar a dimensão do parentesco, a qual representa mais de sete mil descendentes.

anos, segundo entrevistados, passou a ser terceirizada para reduzir o trabalho dos organizadores e permitir que os membros possam interagir com os demais e, segundo dizem, “é o que dá mais trabalho e dor de cabeça”. Grupos locais, da própria paróquia e/ou comunidade, preparam o cenário e a gastronomia, orientados pelo grupo organizador do evento.

Há determinadas festas com algum tipo de comida típica (como sopa de capelete, massas e alguns doces) com churrasco, em outras há comida típica apenas do gaúcho, ou seja, só o churrasco, pão e salada. Quando questionados sobre essa questão da presença do churrasco nesse tipo de festejo, a resposta em uníssono foi a de que dá muito trabalho a diversificação e a adaptação à etnia italiana. Portanto, torna-se uma questão de aliar praticidade e infra-estrutura já existentes no local de realização das mesmas. Alguns até fazem churrasco, mas apenas de carne de galinha (coxa e sobre-coxa) para “identificar melhor”; outros ainda dizem que no sábado, “como é menos gente, dá para fazer algo mais típico dos italianos. [...], o pudim e o sagu não podem faltar”.

Das 12 festas visitadas, apenas uma teve todo o cardápio adaptado “ao mais tradicional possível, como eles querem”, disse-nos um dos responsáveis pela gastronomia, ou seja, sopa de capelete, pão, queijo, vinho, carne de galinha assada e carne de galinha *lessa*, massas, saladas, temperos, doces e outros, porém, ao final da festa o mesmo nos informou que

*a próxima não dá mais pra fazer assim, é muita gente e muito trabalho envolvido; imagina fazê comida de panela pra mais de 600 pessoas? Quem tá envolvido não consegue usufruir da festa, é só trabalhar e receber bem.*



Árvore genealógica da família Costella.

Não podem faltar as músicas, as apresentações, os causos, as piadas, as notícias em geral que manifestam novidades da grande família. São cantadas músicas italianas em dialeto ou não, apresentam-se pessoas, prestam-se homenagens, exaltam-se determinados feitos econômicos ou religiosos de alguém, ou, então, apresentam-se e explicam-se as ampliações e a confecção da árvore genealógica (a qual, em geral, é produzida em uma folha e entregue para todos no ato de chegada e também no ato da saída para preenchimento e devolução com o intuito de ir aperfeiçoando e atualizando-a).

Essa produção visual da pesquisa genealógica, ainda que seja resumida e com apenas os principais ramos que compõem a árvore, apresenta-se de fundamental importância, pois permite uma visão estrutural do parentesco, uma localização e identificação específica, além da dimensão de uma construção histórica de algo que pode ser caracterizado e simbolizado como patrimônio coletivo do grupo pertencente.

Ainda no cenário ritualístico da parte profana da festa, abrem-se espaços para o intercâmbio, para palavra livre, para “beber e conversar”, para a música e a dança típicas ou não (percebemos que, em geral, estão presentes músicas gauchescas em meio às italianas e dialetais, o que acaba, intencionalmente ou não, por refletir os horizontes de assimilação, identidade presente, contribuição étnica e cultural, também de italianos, etnias e culturas abertas às mudanças e aos contatos sociais e temporais), para apresentação de algum grupo teatral ou de coreografia (em geral com crianças que ritualizam músicas de sucesso no presente e não necessariamente de etnia italiana), para exposição de alguns objetos expressivos de memória vividos e percebidos e significados por alguém, brasões de família (explicam-se

esses), concursos de piadas em dialeto, cantos e jogos populares expressivos da etnia, da vida, em geral, do meio rural, artesanatos em palha, vime, tecido e couro (“os mais fáceis de trazer”, nos disse uma senhora que confeccionou uma grande toalha em bordado com o brasão e nomes dos ancestrais formadores do tronco).

### *A dimensão da vida rural/agrícola*

Não podemos esquecer isto, ou seja, o rural é a base, a fonte e a origem de todo o processo histórico e vivido do acervo considerado étnico, porém, em geral, manifestado em tom de arcaico, atrasado, ridicularizado, em alguns momentos e significados, pela ingenuidade na condução de alguns aspectos do cotidiano vivido em comparação com “o que se tem hoje”.

Constatamos que piadas representam e manifestam esse mundo dos limites, do atraso, porém, e isso é o mais importante, já foi superado, evoluído pelos frutos da modernidade técnica e da urbanização. Essa conotação preconceituosa colabora ainda mais para dicotomizar o colono e o citadino e perder a perspectiva histórica em que as vivências culturais se constituem.

No entanto, não se pode esquecer que os ritos de passagem de mundos (do transatlântico, da vida precária do meio rural, da pobreza para uma vida mais confortável, do rural para o urbano, do colono para negociante/comerciante e industrial etc.) buscam centrar-se na vida da colônia, nos saberes e vividos desse horizonte.

Nostalgias, esquecimentos, ofícios, identificações sociais, superações, evoluções, reproduções etc. são horizontes que se mesclam e se ritualizam, tendo como base significação e justificativa (para não dizer legitimidade)



a vida no meio rural em sua reconstituição simbólico/prática e objetal.

As festas possuem forte dimensão agrícola da região colonial. É visível a existência e a confecção de um eixo que simboliza a vida camponesa (na família, na roça, na comunidade) com seus utensílios e sua utilidade. Não se fala da agricultura e/ou da vida no espaço rural da Itália, do local de origem. O espaço de passagem para o local de origem é que funciona como mito de origem e, portanto, significativo.

A própria gastronomia, os causos, as músicas, as piadas, a forma dialetal e outros rituais, mesmo alguns litúrgicos, buscam expressar esse horizonte do vivido histórico. Exorcizam-se trajetórias individuais e coletivas dos limites, do sacrifício, da fome para a mesa farta e pela expressão ritual da abundância, da fertilidade, do progressismo, processos esses, em geral, desenvolvidos por cidadãos em espaços urbanos. O interessante disso é que, tanto na dimensão dos rituais sagrados, quanto nos profanos, essas representações do cenário rural estão presentes.

Já falamos que em momentos da celebração eucarística são oferecidos produtos da terra, instrumentos de trabalho tradicionais (em geral, hoje, disfuncionais), frutos do trabalho na vida rural. Profano e sagrado imbricam-se e ritualizam-se em comunhão com a vida junto ao campo da produção rural, expressiva do modo camponês de vida simples, sem as técnicas atuais. Na dimensão do *éthos* da vida camponesa, a presença divina ganha conotação pragmática, tem muito a ver com a produção, com a colheita ou com sua ausência. A atribuição divina às coisas da roça na cultura popular religiosa no meio camponês ganha muito a conotação da centralidade, de dependência, de

obrigação e de enfrentamento e questionamentos nos momentos de infortúnio (a blasfêmia é uma dessas manifestações).

Ao mesmo tempo em que Deus é o elo de centralidade, publicizam-se os feitos dos homens, seus instrumentos e saberes, o enfrentamento da natureza íngrime, a sobredeterminação do homem em algum momento dessa relação recíproca e/ou de dependência. Acreditamos que esses elementos, no seu conjunto, expressam a memória da emoção em torno da saudade, dos símbolos que manifestam a coexistência temporal e espacial de tempos passados, valores, ideais, desejos de continuidade, ao mesmo de contraposição simbólica ao que a atualidade apresenta.<sup>42</sup>

### *A socialização de alguns significados possíveis*

As festas *de família*, as homenagens presentes, em situações de recordação, costumam simbolicamente objetos, discursos, tempos, espaços, fatos etc. que manifestam trajetórias, mitos fundadores, valorizações de grupos, sobrenomes e outros.

Um entrevistado assim se pronunciou:

*Olha, é a primeira vez que estou participando e estou emocionado com essa festa, por isso que eu vou ajudar a organizar uma festa em Erechim [...]. E agora mais e mais, pra gente se integra o sangue dos Orso que corre em todas as veias, primo, não primo, mas a descendência vem da Itália.*

---

<sup>42</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

Outro segue a mesma linha do agrupamento do parentesco que a festa propicia:

*Olha, eu posso dizer assim que no momento, agora eu não tenho tanta coisa a dizer; mas eu me emociono porque a gente vê parentes que são parentes chegados e outros que a gente não conhece e esses Orso certamente são da mesma rama da Itália e eu, então, também, por ter nascido em Bento Gonçalves. O meu avô tava com 11 Orso primos, Orso que foram se separando pelo mundo e a gente vai se encontrando aos poucos.*

Continuam, os depoimentos enobrecendo os encontros e/ou as festas que promovem os encontros:

*E dizer que fui chamado para o primeiro encontro e foi maravilhoso, e, acredito, tinha 300 e poucas pessoas, hoje são setecentas e poucas pessoas. Eu, assim, vejo com alegria esse encontro; isso serve de grande exemplo à família, então hoje eu tenho assim uma alegria, a grandeza também em falar da família, que é a família Orso. Eu acho que foi um marco para a nossa história eu falar sobre família. Isso que se chama família! É uma grandeza para mim falar da família Orso e como exemplo, como todas as outras famílias.<sup>43</sup>*

**Alguém nos disse que**

*hoje os parentes se encontram ou quando morre alguém, ou em festa de casamento, nesse ainda olha lá, por isso esse tipo de encontro é uma forma de fazer frente a essa falta de contato entre a gente.*

Refaz-se, com isso, a eficácia da simbologia do vivido, da saudade, do tempo e do espaço do trabalho

---

<sup>43</sup> Entrevistados na Festa da Família Orso, ocorrida em Serafina Corrêa, em 2006.

e do não-trabalho, porém como fruto e culminância de uma re-atualização da sociabilidade comunitária, da consciência de que algo se esvaiu *no* e *com* o tempo, principalmente os vínculos, a prática do parentesco.<sup>44</sup>

O sobrenome sobrevive a isso tudo, ou seja, às transformações; carrega simbologias de força, de resistência, de importância pública, seja no campo econômico, ou em situações históricas marcantes e que necessitam ser ritualizadas, evocadas, lembradas e valorizadas por um coletivo que se identifica.

A festa em família, com seus rituais preparados, até quase institucionalizados, querem desenvolver horizontes públicos do sobrenome, de sociabilidades, engajamentos, viver o compadrio, responsabilidades históricas e hierarquias complementares, progresso e evolução social.

Nos primeiros tempos da colônia, a festa religiosa reconciliava as relações dos homens, seu trabalho, sua vida pessoal, as colheitas, os problemas cotidianos etc. com o sobrenatural; fazia parte do horizonte da cultura local, da cultura de origem popular, a qual permitia inovar ritos, porém sem perverter por completo a dimensão da repetição/tradição, do “sempre foi assim”, de algo que quer ser propriedade de grupo, de forças locais/regionais, que quer tornar-se patrimônio intangível e/ou imaterial.

Os traços culturais diferenciadores formam-se na trajetória de uma caminhada comum que a memória

---

<sup>44</sup> ECKERT, C. Saudade em festa e a ética da lembrança. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 182-192, 1997.

coletiva do grupo persistiu em transmitir e interpretar de modo seletivo, “transformando determinados fatos e determinados personagens lendários, por meio de um trabalho do imaginário social, em símbolos significativos de identidade étnica”.<sup>45</sup> Os grupos étnicos induzem à manifestação de fronteiras pela diferença racial, diferença cultural, separação social, barreiras linguísticas, hostilidade espontânea e organizada.

Na excelente análise de Zanini, a imagem desenvolvida de que os antepassados trabalharam arduamente (*come bestie!* – como animais!) está presente no imaginário dos descendentes contemporâneos, para quem, reviver o processo colonizador em festas, em obras literárias ou pelas canções é uma forma de honrá-los e de cristalizar acerca deles uma construção de gente trabalhadora. Sabedores de que fora uma colonização que se manteve e que, superando as dificuldades, fixou-se na terra, faz com que se sintam mais orgulhosos de suas origens italianas.<sup>46</sup>

Dimensões simbólicas (e práticas) em torno do pioneirismo, trabalhador e empreendedor estão ligadas à noção de origem e em sua exaltação à italianidade contemporânea. Esse processo foi construído e alimentado por rituais já de uma temporalidade centenária como promotora da identidade étnica.

No dizer de Zanini, agregada à figura do pioneiro, estão coladas virtudes étnicas que são preservadas entre gerações, como fonte de honra, prestígio, orgulho

---

<sup>45</sup> POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. p.13.

<sup>46</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 126.

e modelo a ser reproduzido entre os descendentes. O pioneiro foi caracterizado como corajoso, trabalhador, poupador, sacrificado e mártir. Enfim, um *tipo ideal* dentro da cosmologia italiana do período e transformou no herói civilizador que derrubou matas, abriu clareiras e trouxe civilização ao lugar. O lugar transformou-se após a investida civilizadora.<sup>47</sup>

Lembranças carregados de ressentimentos podem ressignificar-se no presente como dignificação, afeto, valores a serem contemplados e a servirem de matéria-prima para festejos e homenagens; passam a ser símbolos de identificação identitária, adubo para desejo de pertencimento.

Esse desejo não é em relação a uma Itália de hoje, mais do que sabido carente de afeto e de valorização dos seus emigrantes do além-Atlântico, mas da exemplaridade de vivências em tempos e contextos sociais de dificuldades. O martirismo ligado e representado pela viagem em seus longos dias e tempos, a chegada até a colônia, os vividos *de* e *com* limites etc. alimenta vínculos e dívidas morais dos de hoje, por isso fortalece vínculos de pertencimento ainda que sejam temporários e expressos em rituais coletivos de festividades. A procura das origens não desmerece os limites das coisas dos tempos dos ancestrais; ao contrário, justifica sua valorização e prazer.<sup>48</sup>

Da mesma forma acontece na diversidade cultural, ou seja, cada grupo desenvolve sua forma cultural e social em isolamento relativo, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por inven-

---

<sup>47</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 143.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

ção e empréstimos seletivos. A fronteira étnica canaliza a vida social e acarreta uma organização complexa de relações sociais e comportamentais.

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica o compartilhamento de critérios e de julgamentos, em outras palavras, que joguem o mesmo jogo, que reconheçam limitações na compreensão comum, diferença de critérios nos julgamentos e identificações (aí entra em cheio *a* ou *as* noções de sangue e de origem, de família tradicional, de descendência direta), de valor e de ação e uma restrição de interação, interesse e compreensão comum assumida. “A festa nasce da capacidade peculiar do homem de incorporar à própria vida as alegrias de outras pessoas e a experiência de gerações passadas”.<sup>49</sup>

Nas festas de família, a família *original* – e muito pouco as *originárias* e nem as *originadoras* – é vista e entendida como um patrimônio cultural e histórico. As comemorações e as homenagens se processam ao redor e/ou significadas pela exemplaridade, em geral, no campo econômico (é uma extensão do que foi feito por ocasião das comemorações e dos escritos em torno do cinquentenário na imigração no Rio Grande do Sul, em 1925, não muito diferente no centenário, e muito do que ainda hoje desenvolve-se no quase centenário *Jornal Correio Rio-grandense*, de Caxias do Sul), enaltecendo empreendedores, laboriosos, abnegados e apegados à fé.

Esse pertencimento étnico e valorativo deverá transportar-se no tempo, produzir representação no horizonte da descendência como virtude de *civilização étnica* italiana, senão na Itália, mas no Brasil, no Rio Grande do Sul após a travessia oceânica.

---

<sup>49</sup> COX, H. *La festa dei folli*. Milano: Bompiani, 1971, p. 22.

Os rituais festivos de comunidades étnicas e famílias revelam um *antes*, um *depois* e um *agora*. Temporalidades não se misturam, evoluem, revelam-se acopladas a situações das vivências. Um *antes* de pobreza, limites e precariedades, de lutas, de temores, de sacrifícios, de bloqueios (de falas, de circulação, de perdas de contato com a pátria-mãe, com parentes no além-mar) e de inimigos em conjunturas políticas adversas para um *posterior* de colheita de frutos em abundância e que no atual/presente necessita ser revelado e contraposto. Esse processo, pelo fato de aparecer como virtude e crescimento da auto-estima (historicamente abalada e reprimida), apresenta-se com a conotação étnica, aos “de origem” e aos seus descendentes, uma espécie de marca sociocultural que precisa ser herdada de geração em geração e publicizada em rituais comunitários.

Ao refazer o traçado genealógico de determinadas famílias, montam-se histórias familiares, laços de parentesco, trajetórias em feixes ao redor de uma origem condensada e firme (tronco com raízes profundas), narram-se acontecimentos em contrapontos com tempos atuais com dimensão de expiação e da não-presença.

Há um esforço muito grande na busca de *origens* e de reconhecimento. Isso ocorre pela dimensão multi-intencional da dupla cidadania, bem como dos festejos comunitários e genealógicos. A ancestralidade possui um limite que, em geral, é o momento de passagem oceânica e suas peripécias do momento e as experiências vividas nas primeiras décadas e/ou das duas primeiras gerações. É aí que o pertencimento se justifica e consegue agregar gerações mais jovens pelo horizonte da emoção quando não da comiseração. É em torno disso que se visibiliza a Itália do ontem e a de hoje.



A busca das origens é tributo às tribulações (*Oh, se ti savessi quant'ò tribulá io!* – Oh, se tu soubesse o quanto eu sofri!), aos vividos diferenciados, ao que se perdeu e se alterou, ao que os ramos alteraram; é uma construção de memória e de tradição, de narrações feitas no hoje e com *os de hoje* que sabem dos *de ontem*.

Estivemos lendo algumas produções em forma de livro de árvores genealógicas, quando uma em especial nos chamou a atenção pelos constantes relatos de passagens de vida de elementos dessa imensa árvore no decorrer do tempo. Essas passagens giravam em torno de ofícios (profissões), momentos de agregação familiar (casamentos, visitas), mobilidades no espaço (migrações), passagens que expressavam aquisições de “coisas modernas” etc.

Havia sempre a preocupação de correlacionar componentes da árvore com relatos significativos; um refazer de itinerários das ramificações mais grossas (descendentes dos considerados ancestrais), alguns até com dimensões imaginárias, de valorizações morais que pudessem, sem sombra de dúvida, ser incorporados aos descendentes e dado-lhes importância identitária e prestígio social.<sup>50</sup>

A busca às origens produz bens simbólicos ligados a etnicidade e que colaboram em muito para a construção atual e/ou pouco pretérita da italianidade; valoriza o pertencimento, etniciza as classes e as diferenças sociais lhe dando pouca importância.

O sentimento e o reconhecimento de ser um membro dessa trajetória de um emigrante colaboram também na reprodução, valorização étnica, quando não dimensões

---

<sup>50</sup> Livro da família De Conto, organizado por ROSSETTO, V. et al. *De qua del mar*. Casca: Koinonia Sul, 2001.

ultra-ufanistas, desejosas de exteriorização por narrativas, rituais públicos (festejos) da saga dos imigrantes (é comum em várias festas étnicas a expressão “saga e/ou epopeia dos imigrantes”), na esfera do doméstico.

As festas e os rituais comunitários constroem e reconstróem memórias enfatizando a centralidade da descendência, selecionando e alimentado temporalidades e exemplaridade (experiência) à família para novas gerações e que sejam promotoras do orgulho étnico.

Esse sentimento fortalece a dimensão do pertencimento, da busca pelas origens principalmente em meio aos poucos afeiçoados a isso que são as gerações jovens, dá-lhes orgulho e auto-estima, permite-lhes adotar valores com relação ao tempo passado, aos vividos e sofridos tempos dos nonos e bisnonos, compreender sofrimentos e equipará-los aos atuais, valorizar a família como rede temporal de vividos e de congregação parental, sanguíneo e sobrenomes, portador de duas nacionalidades e de etnicidades mistas que lhes transmitem orgulho.

Não é mais estigmatizante reconhecer-se publicamente como descendente de italianos. A Itália mudou, vínculos com o país passam a ser mais constantes (publicações – revista e jornais –, dupla cidadania, possibilidade de trabalho, grupos de intercâmbio, vínculos empresariais, cidades co-irmãs, aprendizagem do italiano gramatical sem ignorar ou desvalorizar o dialeto), produzindo experiências e tentativas de pertencimento multinacionais e multiculturais agregadas a tempos e espaços variados.<sup>51</sup>

Desse modo, ordens culturais, imaginadas, imajadas e imaginações vão sendo testadas, alimentadas e exclu-

---

<sup>51</sup> SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, G. C. L. (Org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ídas entre uma fronteira marítima e cultural a outra, produzindo dinâmicas e relações sociais, construindo e/ou desconstruindo identidades e identificações.

### *Uma família ampliada*

Não há dúvidas de que as festas *de família* apresentam uma “estrutura de significados”<sup>52</sup> carregada de nostalgia pessoal-grupal, intencionada em constituir, ainda que circunstancialmente, memória coletiva de uma família, replicada no tempo por gerações sucessivas; busca vivificar a memória individual na dimensão de uma coletiva, estruturar, nem que seja simbolicamente, o parentesco por meio de uma descendência, de uma árvore genealógica significando raízes (em geral, tenuamente encobertas!), troncos, galhos, ramos, brotos (esses, expressando preocupação devido a sua fragilidade no tempo presente), folhas e galhos que se desprendem, sementes que, se bem cuidadas, podem gerar novas árvores, bem como se incorporar às já existentes.

Há, sem dúvida, a constituição de uma *família ampliada* que se interconhece nesse momento da festa, interage e torna-se pública para o coletivo identitário em constituição.

Intercambiam-se mundos visíveis e invisíveis, pois, além das dimensões da família consanguínea, da forte dimensão da família e do meio rural, do viés patriarcal, patrilinear e patrifocal da genealogia, é, também, um espaço e um esforço de legitimar novas situações de mobilidade social. Muitos, ao se referirem a nós,

---

<sup>52</sup> GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

quando da saudação, diziam: “Ah! Você é o professor da faculdade!” Não ouvimos ninguém dizer para outros: “Ah! Você é o agricultor tal!” Era mais comum ouvir: “Aquele lá é o [fulano de tal que possui tal coisa de destaque, ou granja, ou é funcionário graduado da empresa tal, foi prefeito de tal lugar etc.].!” Diferenças entre velhos e novos ricos urbanos e os colonos, uma etno-história que nasce da imigração (colonização) e etno-memória temporal no/do Brasil (em geral, não se constituem linguagens ritualísticas expressivas da Itália dos emigrantes e dos que ficaram). Ou melhor, o que queremos dizer é que falam-se e apresentam-se pouco simbolicamente das vicissitudes, das frustrações, da origem e da descendência.<sup>53</sup>

O passado é recriação no/do presente; grupos e indivíduos voltam-se para conhecer o passado e, na medida desse conhecimento, surge a necessidade de preservar. Não foram poucos que nos disseram que tiveram interesse no italiano gramatical, na dupla cidadania, envolveram-se com festas genealógicas e que gostam de participar da Festitália em Serafina Corrêa em razão de terem apreendido algo, lido ou descoberto no diálogo com outras pessoas como viveram seus antepassados, a “epopeia dos ancestrais”, seus “sofrimentos e lutas” e o prazer “em saber que foram nossos antepassados com bravura que fizeram esse local, desbravaram e fizeram acontecer”.

---

<sup>53</sup> WOORTMANN, E. *Árvore da memória*. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

## *Formas novas de contar o velho*

As festas de família e as comunitárias passam a ser formas variadas e novas de contar o velho, a história de grupos, pessoas, comunidades, vivências da imigração. Reconstrói-se, através delas, um passado remoto; são-lhes atribuídos historicidade e ancestralidade.<sup>54</sup>

Escrevem-se livros de família e de lugares; descobrem-se símbolos de família (brasões), os quais não se sabe ao certo se pertenciam verdadeiramente a sua família original ou a outra de diferente classe social que nada tinha de relação parental; descobrem-se parentes *próximos* e *distantes* em termos de espaço geográfico e de significação cultural e, em certo ponto, *pragmática* – “se fica sabendo de parente que nem se imaginava e eram daqui vizinho!”

Emigram parentes da Itália especialmente para participarem das festas, fato que passa a ser motivo de grande orgulho e ritualidade. Desse modo, recompõe-se a ideia de família tradicional, família ilustre, importante e de referência mais ampla. Por isso que concordamos com Woortmann e Seyferth quando dizem que a memória faz a descendência, mas é, também, e muito, a descendência que faz a memória, pela sua (re)interpretação e significação. Em geral, a descendência é dinamizada no campo do trabalho, da riqueza da família, da origem camponesa, da natureza trabalhada e transformada pela mão do trabalhador.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> SAVOLDI, A. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

<sup>55</sup> SEYFERTH, G. *Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilidade política*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, n. 32, p. 1-16, 1985; WOORTMANN, E. *Árvore da memória*. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

As festas fazem essa dimensão da italianidade sair da esfera doméstica para a esfera pública, auxiliadas, também, por associações culturais, *gemellaggios* (lugares – cidades – co-irmãs entre Brasil e Itália), ressignificando valores, orgulhando descendências, restaurando imagens desgastadas pelo tempo e ressentidas, vivificam o ser italiano no passado.<sup>56</sup>

Nesse sentido, memória e descendência complementam-se e produzem-se. Idealizações do passado, objetos significativos, formas de vida lembradas e não mais vividas, recordações enobrecedoras, o sobrenome, o tronco forte (o primeiro descendido quase como um herói fundador), as filtragens, os enquadramentos, a substituição da penúria, dos limites e da fome de ontem, pela prosperidade, progresso e mobilidade social de hoje etc., tudo se mescla e se significa.

Não há dúvida de que a árvore de família faz pensar num tempo mítico, histórico (heróis civilizadores). As suas *partes* são significativas (raízes, tronco, ramos). As narrações giram em torno das perdas e dos ganhos no tempo. É desse modo que a memória alimenta-se pelo saudosismo e nostalgia (porém não muito laudatária, a não ser quando do enfrentamento dos limites, em geral, dos instrumentos de trabalho e da natureza íngreme) e pela dimensão afetual que a consanguinidade, naturalmente, desenvolve.

Esses sentimentos desenvolvem-se, também, pelos tempos e ritos de integração em torno da consanguinidade, do possível passado original comum (descendência), de uma nova e ampliada família, da seiva da árvore que pode ser biológica bem como social e

---

<sup>56</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

cultural, servindo de alimento genético que comporta gerações e que distribui os membros/ramos de uma forma diacrônica e em hierarquia,<sup>57</sup> de signos agrários rústicos como manifestação de um relato de origens, representações que já não estão mais presentes, mas que em algum momento assim foi. Sendo interessante que os que não viveram pelo menos saibam de que não há mais esses lugares para o vivido, que fique os ambientes simbólicos para a memória e para o conhecimento “dos de hoje”.<sup>58</sup>

Já falamos que o sobrenome estabelece correlações com a dimensão pública, com a presença de uma história e uma temporalidade que, ao ser transmitida entre gerações, pode tornar-se patrimônio cultural, estrutura parental com valores, obrigações, reciprocidades, representações culturais, biológicas e morais.

É por isso que as recordações de cunho étnico-cultural possibilitam radicar a existência no passado e reforçar a identidade presente, garantir o enraizamento espaço-temporal e dimensões trans e multi-temporais; podem produzir pertencimento social e cultural, redes simbólicas e memória de vivências coletivas, poderíamos dizer, quase uma memória patrimonial.<sup>59</sup>

No entanto, é bom que façamos um parêntese para dizer que entendemos que a memória patrimonial precisa ser vista como um campo de disputas pela legitimidade da interpretação, da significação e da sua correspondente objetualidade. A mesma encarna um horizonte de trocas comunicativas em torno de valores materiais e imateriais, informações e conhecimentos,

---

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> COLTRO, D. *Mondo contadino*: società, lavoro, feste e riti agrari del lunario Veneto. Venezia: Arsenale, 1982.

<sup>59</sup> WOORTMANN, E. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

modos de fazer e de viver que caracterizam, no nosso caso, um grupo étnico, um símbolo e/ou valores que cristalizam sua presença e sua marca histórica que, em geral, caminha pela estrada evolutiva do progresso.<sup>60</sup>

Entendemos que a intenção da memória imaterial ou intangível, como a material é de sempre permitir o reconhecimento, a valorização, a exaltação, no caso em questão, das raízes culturais e étnicas. Porém, a memória patrimonial é sempre revestida por redes de significados, as quais lutam por legitimidades, expressam relações de poder intrínsecas e buscam materializar seus significados.

Já falamos que nos chamou a atenção, ao analisar as festas *de família* e as festas étnicas de espaços municipais, a forte dimensão da apresentação de instrumentos de trabalho rural, os quais, pela sua substituição, ganham performance de objetos de memória, objetos esses que tinham conotação negativa e depreciada, passam a ser expressivos da memória do campo genealógico.

A memória genealógica nas festas de família não se encerra em seu sentido consanguíneo e de parentesco. Entendemos, concordando que

*todas as sociedades ao longo de sua história de representação articulam imagens e ideias de representação coletiva, através dos quais constroem sua identidade. Articula-se, assim, todo um imaginário social que inclui uma visão sobre o passado, a construção de personagens-símbolos e a atribuição de valores,*

---

<sup>60</sup> OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 77-80., cit. p. 79.



*características e hábitos a povos que habitam uma determinada região,*<sup>61</sup>

por isso envolvem memórias compartilhadas, patrimônios coletivos, necessidade de reconhecimento social e cultural.

### *Sentimento de pertencimento*

Segundo Zanini, a italianidade seria um sentimento de pertencimento derivado do encontro experimentado pelo indivíduo de acordo com sua posição social, em contextos sociais, em situações de alteridade, transformada, em determinadas situações, numa linguagem instrumental ativada quando necessário e que possibilita a expansão do convívio social e a disputa por valor num mercado de bens simbólicos; uma espécie de comunidade imaginada e promotora de solidariedade e de vínculos afetivos de pertencimento alimentado pelo mito de origem que possui na travessia todo um universo simbólico e imaginado. Para a autora, os objetos dos antepassados, a Itália, a origem familiar e seus símbolos concretos (ou não) transformam-se em coisas sagradas e estão carregadas de *mana*, converteram-se em patrimônio, em capital cultural que compete no mercado de bens simbólicos locais, regionais e nacionais.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> PESAVENTO, S. J. Gaúcho: a integração do múltiplo. In: KERN, A. et al. *Rio Grande do Sul*. Continente múltiplo. Porto Alegre: Riocel, 1993, p. 17.

<sup>62</sup> ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 200-201.

Não há dúvida de que as festas produzem certo *familismo* no grupo participante em razão de sentimentos de pertencimento e de integração, ainda que o grupo todo tenha um nível de interconhecimento muito incipiente, ramificados em múltiplos sobrenomes, culturas e etnias. Acreditamos ser uma forma encontrada de enfrentamento à incipiente possibilidade de visitação cotidiana que caracterizava as famílias nos tempos da colônia; à dispersão territorial do parentesco; à quase completa desvinculação simbólica que o parentesco exerce hoje, principalmente, entre as ramificações mais distanciadas da árvore e frente ao quase total desconhecimento da rede parental das gerações mais jovens.

Os encontros também servem para revalorizar o sobrenome, renovar e ampliar a árvore, agregar os ramos novos e os dispersos, compreender a base genealógica comum, dar maior publicização local/regional a um sobrenome.

Os rituais desenvolvidos são considerados importantes para renovar a cultura, cultuar a esfera étnica considerada e centralizada na base da italianidade. Tivemos a impressão que a modernização precisa fazer aparecer seu contraponto, ou seja, reconstituir processos tradicionais de vida, de trabalho, de condições de sociabilidade familiar e comunitária para se justificar, para aparecer; ou melhor, para se fazer existir, precisa cruzar temporalidades.

O novo, principalmente no campo do progressismo, só é expressivo se mostrar sua linearidade, sua evolução, mas para fazer-se sentir, cultua formas tradicionais superadas pela mesma dinâmica que o memoriza; incrivelemente, na nossa forma de pensar, pujança e exaltação necessitam de seu contraponto.

Percebemos que a mídia e as técnicas modernas de comunicação favorecem em muito para o desenvolvimento desses eventos. Programas de incentivos públicos locais são acionados para desenvolver os festejos, projetar o local para um conjunto de pessoas que migram de vários outros espaços.

Percebemos, também, forte presença, incentivo e auxílio material de delegações italianas. Imaginamos que políticas culturais do governo italiano favorecem tais empreendimentos étnicos de expressão de determinadas regiões, principalmente grupos do norte e nordeste da Itália. Grupos esses, em geral, vinculados aos que pretendem e lutam pela identidade vêneta no mundo, buscam aliados e parceiros fora do país, criando, com isso, uma espécie de contratualidade simbólica étnico-cultural e espacial que objetiva ser coletiva.

Ficamos com a impressão, também, da existência de uma intensa dimensão da memória afetiva e nostálgica desenvolvida nas festas, a qual possui uma eficácia simbólica capaz de produzir e transmitir significados ao coletivo e, ao mesmo tempo, permite sustentar o grupo, constituindo-se quase como que um micro-monumento simbólico itinerante e multi-espacial através do sobrenome/tronco familiar.

No específico relacionado à cultura étnica, percebemos que há pouquíssimo conteúdo expressivo oralmente pelos idosos referentes à colônia-mãe, escassa identificação da comunidade com a pátria-mãe, porém há um certo pertencimento vêneta que se embasa na presença do componente familiar, do parentesco e da importância do fenômeno religioso, de sua ideologização em torno do regramento da vida, porém do sentimento de culpa pelo desregramento efetivo existente do mesmo no seio familiar, individual e comunitário.

Vimos que os festejos narram simbolicamente ou na forma oral com mais veemência a centralidade do fenômeno religioso e da Igreja, o ufanismo em relação à identidade de desbravador, do “primeiro que chegou aqui”, do horizonte do progressismo sem a percepção de processos macros no campo político, social e econômico.

Entendemos também que o passado cultural é importante para definir espaços, auto-estima, para afirmar, de maneira mais categórica, o aspecto social no espaço local e regional, para enfatizar valores que configurem padrões de vida, substratos culturais, mudanças no grupo e até distorções. Na memória coletiva permeia a divergência de interpretações do passado. Desse modo, é muito comum na narração objetual do passado deixar marcas daquilo que se deseja dar continuidade, seja de cunho pessoal, seja social.

Entendemos que a memória coletiva deva ser pensada como uma dinâmica em tensão contínua, num jogo de conflitos, seleções, interpretação do passado, suas relações com o poder, com a política, com os mecanismos de esquecimento público de fatos, de formas de gerir o social, a identidade, com a responsabilidade nos confrontos com a história.<sup>63</sup>

A festa possui dimensões simbólicas, de comunicação, de expressão, de experiências humanas, de culturas etc. O que, historicamente, precisam ser preservadas e reconstituídas são as representações existentes no repertório da memória cultural da comunidade, como elementos de identidade e de identificação, no que se refere ao modo de expressão ou de representação desses princípios.

---

<sup>63</sup> Uma discussão mais ampla sobre essas questões pode ser encontrada em TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educus, 2005.

É por isso que a tradição possui sempre uma dimensão cultural que é transmitida de geração a geração enquanto lhe for atribuído valor. Sabemos que tanto a sociedade como seus indivíduos são dotados da capacidade de esquecer e reinventar significados, e só assim podem afrontar com os meios mais adequados os novos problemas que, em geral, apresentam-se.<sup>64</sup>

Percebemos, por meio da revisão de literatura, que os aspectos mais dinâmicos na preservação patrimonial são a família e suas genealogias (em geral, de imigrantes, mais frequentemente, e os que enriqueceram), de instituições (empresas), dos caminhos, das praças e jardins, das antigas fábricas, estações ferroviárias desativadas, das festas e comemorações, dos prédios e monumentos. Acreditamos que sejam todas tentativas de representar o passado, de fornecer pistas, indícios, rastros, metáforas ou não de uma temporalidade funcional ou não ao presente. As condições do imagético estendem-se para além da materialidade; são fenomenológicas, sociais, históricas, culturais, políticas etc.<sup>65</sup>

As lembranças culturais servem a um grupo ou a uma comunidade para radicar a sua própria existência no passado e fortalecer, desse modo, a identidade presente. Nesse sentido, a construção que o presente faz do passado passa a ser importante.

Na análise de Eckert<sup>66</sup>, a disposição em transmitir aos filhos e netos o prenome e o nome de família não satisfaz apenas a um culto de uma tradição familiar, mas está também diretamente referida à inserção da

---

<sup>64</sup> Ver, nesse sentido, vários textos do número 31, da *Revista Ciências & Letras*, já citada.

<sup>65</sup> ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>66</sup> ECKERT, C. Saudade em festa e a ética da lembrança. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 182-192, 1997.

família em sociedade. É através do sobrenome que se estabelece a relação da família com o domínio público da vida social, porém o trabalho coliga-se com a dimensão histórica do nome. A esfera do trabalho (sacrifício, o ganho econômico e a redenção social como decorrentes deste), da mobilidade espacial, da vida familiar, do progressismo e dos vínculos comunitários, envolvendo neste âmbito a dimensão religiosa, solidária e parental, criaram uma espécie de pré-destinação étnica à modernidade produtiva e econômica que se implantava no país.<sup>67</sup>

Não temos dúvida em afirmar que os eventos festivos são narrações; eles necessitam de narração, do re-contar. A presença das pessoas nas festas de famílias, as gerações diferentes, os vínculos sociais, econômicos e políticos diferenciados, narram processos sociais e temporalidades que, ainda que dispersas, possuem significados aproximativos, dimensões temporais ainda que não explícitas, transformam-se em eventos de memória coletiva.

A homenagem costura simbolicamente discursos, objetos, tempos e espaços que simbolizam uma trajetória e sintonizam um mito fundador que reafirma os valores do grupo. Agregar, unir, religar, reestruturar a lembrança, descontinuar, lembrar trajetórias, dramatizar as transformações e mudanças, tudo isso se apresenta como forma de atualizar a memória do tempo do grupo. Eckert<sup>68</sup> diz que a emoção em torno da saudade, construída como um símbolo, manifesta a coexistência alhures de um grupo com valores comuns, reordenados como ideais num desejo de continuidade.

---

<sup>67</sup> WOORTMANN, E. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

<sup>68</sup> ECKERT, C. Saudade em festa e a ética da lembrança. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 182-192, 1997.

*A festa junta a parte mais religiosa da parte mais social, né, meio cívica até pelas homenagens que a gente costuma fazer. A missa, é claro, é obrigatória. O contato para gente se conhecer temos de criar também. A emoção continua sempre tanto na parte religiosa quanto pra fora da igreja, porque o pessoal se encontra, dialoga, 'donde tu é, de quem tu é, quem é o teu nono ou nona?' [...]. O centro é a família, no fundo é isso. Não é por sermos italianos, mas é a família que veio, é o sangue que se espalhou.*<sup>69</sup>

Enfim, a festa nasce motivada pelo desejo da sociabilidade, realimentando o trabalho de memória coletiva, num jogo de reciprocidade pertencente a um tempo cíclico. É desse modo que em vez de ser assediada pelas lembranças e petrificações por signos preservados, a memória abre-se à temporalidade presente para romper os riscos de sua mórbida permanência,<sup>70</sup> torna-se inevitável que muitos objetos e locais permanecerão em ruínas, abandonados à natureza ou ao seu destino de resíduos.<sup>71</sup>

Não podemos deixar de dizer também que as festas de família representam um esforço e dinamismo de grupos em se constituir num corpo cultural e biológico consanguíneo, ainda que muito distanciados do sentido prático e funcional do parentesco, o qual tinha muito a ver com a esfera da família, do trabalho, dos vínculos matrimoniais (propriedade da terra e das benfeitorias), da honra e da simbologia cultural (o qual passava a ser entendido na sua dimensão biológica) do sangue.

Esforços são realizados por pequenos grupos que se propõem a organizar as festas no sentido de que

---

<sup>69</sup> Entrevista direta com um dos organizadores de uma festa de família em Putinga.

<sup>70</sup> JEUDY, H. P. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 126.

sejam expressivas “de origem”, ou seja, ainda que, no conjunto dos membros que participam, esteja presente a dimensão multi-cultural e multi-étnica, a italianidade se faça sentir e seja o ponto de convergência e dívida do presente para com o passado. Um cidadão de origem cabocla, conhecido nosso, casado com uma pessoa do grupo parental, disse-nos que “não encontrou nenhum negro aqui”, que se sentia meio deslocado e envergonhado por isso, ou seja, só veio “por causa da mulher”, pois, inclusive na missa com os cantos e rezas em italiano (mistura de italiano gramatical, do dialeto vêneto e do *talian*), “pouco entendia pra mim que não sou de origem”. Essa multifocalidade histórico-cultural é importante para manter a simbologia da festa e dar-lhe importância e justificativa no presente.

Temos a consciência de que festas fazem parte da história social e cultural da humanidade; suas dimensões e significados mudam no decorrer do tempo; traduções e tradições (quando não traições) culturais mesclam-se e significam-se no/com o tempo; surgem como necessidade de reprodução, inovação e transtemporalidade; buscam valorizar coisas e imagens, e com isso protelam e/ou evitam o perigo de sua destruição.<sup>72</sup>

As festas, assim como toda a memória imaterial e/ou intangível, circula entre as dimensões de valor (significados atualizados e atrativos) e perigo (esfera da perda, da desagregação, do rastro); compreender seus ritos, (re)atualizações e (re)ações numa dimensão histórico-cultural<sup>73</sup> significa, também, contextualizá-las nas dinâmicas da própria sociedade que estão inseridas e que auxiliam enquanto grupo coletivo em seus quadros de memória.

<sup>72</sup> ARANTES, A. A. (Org.). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>73</sup> ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



### III.

## *A Festitália de Serafina Corrêa*

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas entrevistas com 16 pessoas, entre elas, autoridades do município de Serafina Corrêa, participantes da Festitália e da Cantoria Italiana e idosos que tiveram alguma presença nos festejos realizados até então, buscando, ainda que informalmente, compreender as raízes que constituíram e constroem culturalmente as pessoas que ali residem e participam.<sup>74</sup>

Fizemos um levantamento dos principais rituais desenvolvidos até então em todas as suas edições, sistematizamos alguns comentários sobre formas de exposição e publicização dos significados da mesma, bem como em que âmbitos pode ser expressiva da italianidade ou apenas de uma oportunidade midiática para projeção do local.

---

<sup>74</sup> Uma análise mais detalhada sobre a Festitália encontra-se em ROSSETTO, V. *Memória e cultura étnica: a Festitália de Serafina Corrêa-RS*. Passo Fundo: UPF, 2005.



Fonte: ZAMBENEDETTI, D; COFCEWICZ, G. *Serafina Corrêa: história e estória*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1988, p. 16.

Localização do município de Serafina Corrêa no Estado do Rio Grande do Sul.

Serão indicados aqui os principais rituais desenvolvidos nos festejos da semana da Festitália. O objetivo é demonstrar sua imensa expressão festiva, ritualística, sua variada programação e inovação no decorrer dos seus quase vinte anos de existência, sua identificação com a dimensão linguística e simbólica com o vêneto e o *talian*, com as cantorias, gastronomias, desfiles, símbolos materiais e imateriais, com o religioso, com o trabalho, com a imigração, com a esfera da vida rural camponesa etc.

Serafina Corrêa localiza-se na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande Sul, colonizada, em sua grande maioria, por descendentes de imigrantes italianos nas primeiras décadas do século XX; sua população é de aproximadamente 15 mil habitantes; tem economia agrícola expoente, bem como dinâmica industrial a jusante também de grande referência, com destaque para a agroindústria de carnes e cereais.

### *A cultura na memória e a memória na cultura*

A Festitália é uma ritualização que objetiva afirmar, segundo seus atuais organizadores, uma memória coletiva do horizonte cultural étnico, reconstituir, através da festa, a esfera da italianidade, em especial, vêneta.

A mesma é realizada bianualmente, cujas raízes remontam a um movimento cultural de estudantes serafinenses, na década de 1970. Seu crescimento e expansão surgiram com a I Cantoria Italiana e o I Festival de Cultura Italiana, em 1986.

O evento foi sempre promovido pela Prefeitura Municipal e, em linhas gerais, tem como identificação de fundo o retorno às raízes culturais da etnia italiana, nas manifestações de grupos que falam o *koiné talian*, por meio de espetáculos musicais, desfiles, gastronomia, feiras, concursos, cantos folclóricos etc., tendo como ponto alto a Cantoria Italiana, por ser considerada a mais expressiva do Evento, já que envolve tradição musical, rítmica, letras em dialeto e/ou italiano gramatical.



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa

Vista aérea da cidade de Serafina Corrêa, 2005.

A ideia inicial de reconstituição cultural da região da imigração italiana através da Festitália é sugestiva pela busca, por parte da comunidade local, de um território histórico concreto, no qual estão assentadas as suas raízes culturais, suas vivências coletivas e que serviu para dar-lhes uma identidade.<sup>75</sup>

As comemorações e os monumentos de memória auxiliam, bem ou mal, na formação de uma identidade individual, no sentido coletivo de pertencimento. Seu valor está em representar a identidade de determinado grupo, cidade, nação, etnia, agrupamento cultural, de determinado evento, ou período histórico ao qual pertenceu.

Nesse sentido, a cidade de Serafina Corrêa apresenta uma rua chamada de “Via Genova”, com construções típicas de um dito “patrimônio histórico e cultural de italianos na Itália”, como é o caso da La Rotonda, do Castelo di Marostica, da Casa de Giuglietta, da Nave degli Imigranti, dentre outros. Essa última é a mais significativa e ritualizada pelos descendentes nos festejos comunitários; demonstra a mãe com o filho nos braços significando a missão sagrada da mulher, fazendo de seu seio o pedestal grandioso da vida, a maternidade e a perpetuação da descendência; compõem, também, os ventos alísios, os quais representam as correntes marítimas da zona equatorial atlântica que impulsiona a nave.

As figuras restantes significam a força do elemento humano que aqui aportou, fabricando as próprias ferramentas, como o arado, a bigorna, a enxada (resultado dessa manufatura rudimentar, foi a grande indústria

---

<sup>75</sup> Para uma análise mais detalhada, ver, ainda, ROSSETTO, V. *Memória e cultura étnica: a Festitália de Serafina Corrêa-RS. Passo Fundo: UPF, 2005.*

metalúrgica do estado gaúcho, que esteve bastante identificada com a etnia italiana). Esses mesmos utensílios foram utilizados no desmatamento da mata virgem, inserindo-se, assim, no ciclo da madeira e, posteriormente, iniciando a agricultura, a indústria e o comércio, que ainda hoje são o esteio econômico do estado do Rio Grande do Sul. A figura alada na proa significa o futuro que voa com as asas de pássaro para o infinito, rumo à eternidade, trazendo do passado um marco glorioso na história do Brasil.

A Via Gênova é o ícone maior e justificador da Festitália; é em torno de seu espaço que a mesma se



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa. Secretaria de Educação e Cultura.

La Nave degli Imigranti, metaforizando a viagem transatlântica dos italianos.

desenvolve e é simbolizada. Segundo consta no projeto da Via Gênova, essas obras visam

*resgatar, preservar e divulgar o patrimônio cultural trazido pelos imigrantes formadores da etnia que constituem a comunidade serafinense [...]. Edificações [...] cujo valor não é apenas medido pela qualidade arquitetônica, mas sim, por todos os elementos significativos e pela mensagem cultural transmitida [...].*<sup>76</sup>

Porém, no dia 6 de janeiro de 1999, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) manifestou-se através do arquiteto Renato Mathias, argumentando que

*não é papel do Estado a promoção de culturas alienígenas. Ao fazer réplicas de edificações de Estados que se formam durante mais de 2000 anos de história da civilização na península Itálica, está se fazendo uma apologia de uma cultura muito anterior à formação do Estado Italiano e da geração de imigrantes que vieram para cá.*

Lembrou ainda o técnico que o patrimônio trazido por estes imigrantes

*está ali mesmo, em Serafina Corrêa, nas suas casas, nas formas e soluções trazidas da região do Vêneto e na riqueza das soluções das adaptações ao novo meio, nas cantinas, na gastronomia, jogo de mora etc.*

Ainda sobre a Via Gênova, Luz salienta que nenhuma outra iniciativa encarna com tanta propriedade os equívocos dessa postura aqui no Rio Grande do Sul

---

<sup>76</sup> Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa, processo 723/98.



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa.

Casa de Giulietta (acima) e Casa de Romeu, em homenagem aos mundialmente conhecidos personagens de Shakespeare.



como a denominada “Via Gênova” de Serafina Corrêa. A pequena e modesta povoação de origem imigrantista italiana, por iniciativa de setores da sua comunidade, incentivados por profissionais e autoridades locais e de fora, mal-informados (para dizer o mínimo), passaram a construir objetos tidos pelos seus autores como “réplicas” de alguns dos mais significativos da península Itálica.<sup>77</sup>

Como mostrar a história dos imigrantes italianos no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Serafina Corrêa, com sua dramática trajetória, em prédios de elite italiana? A Via Gênova, é o símbolo de recusa, da negação da verdadeira identidade cultural da imigração italiana de Serafina Corrêa. A inculcação de ideias dá-se principalmente quando se quer forçar uma determinada situação em nome de interesses que, em geral, não são bem explícitos. Cita-se aqui o projeto “Via Gênova”, processo 724/98 – SEC –, onde consta que Serafina Corrêa é identificada como capital da Cultura Italiana no País.

A Festivália contempla isso tudo, desse modo, orienta a memória do tempo com caráter ufanista e uma proposta, em grande parte, irreal. Hobsbawm refere que,

*por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetições, o que implica, automaticamente, uma continuidade com um passado apropriado. Esse processo implica funções políticas e sociais da tradição, sua manipulação por determinados grupos.*<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> LUZ, M. Réplicas ou “réplicas”? *Ciências&Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 246, jan./jun. 2002.

<sup>78</sup> HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Para o vigário local, mentor e interessado nos festejos étnicos, a Festa deve localizar resíduos da cultura italiana, reuni-los de alguma forma, reaproveitá-los e rerepresentá-los à população. O mesmo assim declarou:

*A Festitália é só canto, comida, bebida e jogo. Por exemplo, concurso literário, apresentar ao povo estudos como era antigamente [...] Tem juventude hoje que não sabe nada disso, fazer concursos de invenções, ver em outros municípios, tem tanta iniciativa de valor*



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa.

Castelo Di Marostica, para lembrar uma região de proveniência dos imigrantes italianos.

*cultural. [...] Por que não chamar um professor que ensine um pouquinho o canto, sti pobre cantori i canta po-vereti ma, não tem expressão artística. É expressão de uma alma que quer viver e quer se fazer sentir: Cantar cantos bonitos, certos cantos, meu Deus... Eu acho que cultura é alguma coisa mais que essas coisas que fazem no geral, penso eu, posso estar errado. Insistir para embelezar Serafina Corrêa, mas dizer como fazer. Fazer propostas.<sup>79</sup>*

### No dizer de Arroque,

*o pessoal nunca teve a ideia de recriar a cultura, até porque não temos essa capacidade. E no começo a coisa andou nessa linha, ou seja, ela inclui a pesquisa; uma coisa que não houve. Foi uma coisa espontânea, que os que participavam, de alguma maneira se lembravam. Essa era a pesquisa [...].<sup>80</sup>*

Na prática, a Festitália transformou-se num espetáculo que privilegia a música, pois, para a cultura italiana, foi fundamental a veiculação do dialeto, até porque

*a koiné linguística hoje não está tão presente junto à comunidade, visto que durante e após o Estado Novo, por volta de 1930, [...] o país estava em conflito com os países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão. A partir daí criou-se a ideia de que falar o italiano é feio. Além de que essa fala foi proibida durante o período dessa guerra. [...] Hoje, na nossa comunidade praticamente só os idosos falam a koiné [...].<sup>81</sup>*

---

<sup>79</sup> SIMONETO, entrevista direta.

<sup>80</sup> ARROQUE, entrevista direta.

<sup>81</sup> SGANZERLA, entrevista direta.



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa.

La Rotonda, homenagem a uma das grandes obras de Palladio, expressivo arquiteto vicentino.

Até mesmo para a sua preservação e conservação montaram-se peças teatrais, “houve um teatro tradicional, adaptou-se esse teatro de forma informal, espontâneo nas condições da época, onde era apresentado”.<sup>82</sup>

### *A memória coletiva refazendo-se*

*Fala-se que em Serafina Corrêa, as canções dialetais foram sempre conservadas na memória popular. A Festitália surgiu com essa intencionalidade, ou seja, conservar e ritualizar esse acervo presente.*

*Nos anos 50 havia alguma coisa, foram feitas reformas absurdas e foram destruídas, com uma que outra exceção. Mas havia jeito também da gente tentar encarar a arquitetura de alguma maneira. Também nas artes plásticas houve artesãos, houve escultores, santeri (pessoas que faziam imagens de santos). Serafina não conseguia manter um santer, mas na região tinha. Eles faziam parte da nossa região [...] Tentávamos de alguma maneira, no início, enfocar isso [...]. A ideia era puramente resgate, preservar canções que estavam no desaparecimento. [Há cerca] [...] de 1000 canções folclóricas preservadas na região. Acervo tem. [...]. A gente entendeu que dava para fazer uma quantia grande de festivais antes de esgotar todas as canções.<sup>83</sup>*

Aos poucos, foi surgindo a ideia de que poderia haver mais criatividade e que alguém conseguiria fazer novas canções, desde que se respeitasse o estilo das canções folclóricas. Com isso, surgiu o festival de músicas inéditas, sobre o que Arroque diz:

*[...] a gente achava que a nossa criatividade não era suficiente, a gente não tinha pique suficiente para passar disso, ou seja, inovar;*

---

<sup>82</sup> ARROQUE, entrevista já citada.

<sup>83</sup> Idem.



A canastra, mesmo não sendo um jogo típico italiano, é incorporada ao programa da Festália.

*criar um movimento. Nós nunca nos achamos capazes e continuo achando que nós continuamos não tendo essa capacidade de fazer a fusão da nossa música internacional e o pop internacional. Eu nunca acreditei nisso e continuo não acreditando, nós não temos pique para tanto. Então, para não criar algo ridículo, a ideia é assim: vamos pisar até onde nossos sapatos aguentam, dar os passos que nossas pernas tenham comprimento para dar.<sup>84</sup>*

A ideia da Cantoria Italiana era a de resgatar a cultura musical preservada na Serra gaúcha, que é veiculada no dialeto vênето, com músicas do norte da Itália, na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Entretanto, da forma como se apresenta hoje,

<sup>84</sup> ARROQUE, entrevista já citada.

[...] não há um critério definido para definir, para instituir o que é folclórico e o que é inédito. É cantado o que é folclórico para quem? Para o povo italiano? Ou para o povo que foi proveniente ou que é descendente de italiano? É um resgate da italianidade ou é um resgate do como esse italiano veio para o Brasil e o contato da italianidade com a brasilidade? Qual é o folclore que está sendo convocado?<sup>85</sup>

As recordações culturais servem a uma comunidade porque possibilitam radicar a própria existência no passado e reforçar a identidade presente. O papel das datas, dos lugares, dos objetos simbólicos, símbolos externos é justamente esse, ou seja, de garantia de continuidade, legitimidade, enraizamento espaço-temporal e confirmação da própria identidade dos grupos.

Diz Fabietti e Matera que,

*sob o plano temporal, a memória reinvoca eventos que ela mesma coloca em qualquer ponto no espaço, lugares de memória sobre os quais a identidade projeta e da qual retira a própria história, as vicissitudes que lhe pertencem.*<sup>86</sup>

Os lugares de memória são espaços da exteriorização da memória; são âncoras de suporte externo para se fixar na memória dos grupos; condensam a imagem de um passado; são pontos de visibilidades evocativos, senso de pertencimento de indivíduos a um determinado grupo; construção de memória coletiva, radicamento e sobrevivência da tradição e de suas crenças; produção política e religiosa da memória, representação pública e objetiva da memória.

---

<sup>85</sup> SGANZERLA, entrevista já citada.

<sup>86</sup> FABIETTI, U.; MATERA, V. *Memorie e identità*. Roma: Meltemi, 1999, cit., p. 35.

Já vimos que os monumentos são suportes materiais de memória coletiva e transgeracional. É desse modo que os mesmos abrem-se para reinterpretações, colocando em circulação o conteúdo da memória e expressando também sua possível vulnerabilidade. Daí, então, a importância dos rituais, reinvenções, ressignificações constantes no tempo presente e na capacidade de projeção de vida futura dos homens e dos objetos/símbolos significativos.<sup>87</sup>

A dimensão social da memória manifesta uma pluralidade de memórias coletivas. A memória social incorpora uma multiplicidade de memórias coletivas.<sup>88</sup> A memória é o resultado de um trabalho permanente no decorrer do tempo, no qual seus conteúdos são, de tempos em tempos, conservados ou abandonados por grupos humanos concretos. O afrouxamento ou o fortalecimento de um implica no mesmo resultado no outro, ainda que possa essa relação dar-se pela ótica do conflito, da tensão entre memória individual e memória coletiva.

O papel da memória coletiva é sustentar em nível cognitivo e simbólico o sentido de identidade coletiva. A memória coletiva pode assumir uma veste mais ou menos institucionalizada, objetivando-se em práticas específicas, em lugares de cultos ou em coisas/objetos significativos, mas a sua origem e a sua reprodução situam-se ao nível das práticas comunicativas, sua função principal é favorecer a coesão do grupo social e garantir sua identidade.<sup>89</sup>

<sup>87</sup> SCHONEN, S. *La mémoire: connaissance active du passé*. Paris: Mouton, 1974.

<sup>88</sup> NAMER, G. *Mémoire et société*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1986.; ver, também, FERRAROTTI, F. *La storia e il quotidiano*. Roma-Bari: Sagittari Laterza, 1986.

<sup>89</sup> NAMER, op. cit.



Para Halbwachs, a memória coletiva não é estanque, nem pura ou isenta de interesses. Numa sociedade estratificada que luta por espaços, a memória não passa à margem disso tudo. O campo da memória é um espaço de conflito/tensão de estratificação, de fragmentos diversos de lembrança, de traços ocultos, de testemunhos, os quais sobrevivem de imagens do passado. Essas se apresentam num jogo, cuja legitimação está em sua capacidade de justificação da ordem das coisas presentes da legitimidade e da tradição, que almejam presentificar no futuro.

É por isso que a memória coletiva manifesta um conjunto de representações do passado que permanecem conservadas e transmitidas entre seus membros, pela sua função prática de integração.

*Que se trate de sua família ou de sua igreja, de seu partido ou da minoria étnica a qual pertence, o indivíduo está imbuído do afeto e dos interesses que o ligam a qualquer um desses grupos a compartilhar lembranças, a forjar interpretações comuns, a compartilhar o sentido daquilo que é memorável.<sup>90</sup>*

Muitas tradições são inventadas; fazem parte dos processos de ritualização e formalização de práticas políticas na sociedade moderna; fundamentam-se numa releitura de fragmentos culturais de longa duração; direcionam-se para símbolos, festejos, celebrações que lhe dão visibilidade; exerceram grande influência na vida da nação, revestindo-se de forte carga emotiva, de sinais de identidade, de soberania nacional. As tradições inventadas recriaram e transformaram a história da nação, instituindo saberes e memória a partir dos quais

---

<sup>90</sup> JEDLOWSKI, P. *Il senso del passato*. Milano: Angeli, 1991, p. 51.



Cerimônia da Festália onde se apresentam grupos locais teatralizando, cantando e declamando motivos da cultura.

Na Festália há um espaço para demonstração real da produção colonial.



se selecionaram, institucionalizaram-se e propagaram-se rituais, práticas e representações que conformaram a constituição *subjetiva* da nacionalidade.<sup>91</sup>

A memória coletiva é importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Desse modo, a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo, o qual nasce da estreita interação e seu conseqüente intercâmbio de experiências entre os membros do grupo.

Nesse sentido, Halbwachs é claro ao analisar o fato de que quem faz o tempo da memória coletiva é o grupo. Tal questão acaba relativizando o tempo e o limite de vida à memória, pois, se o grupo acabar, acaba a memória. Por isso a importância da formação e do desenvolvimento da identidade do grupo, de sua memória comum e de seus traços fundamentais, bem como de seus vínculos e ritos tradicionais. Isso faz com que mudanças sociais não sejam sinônimas pura e simplesmente de causa de desintegração. Os mediadores são fundamentais; são elos vivos entre gerações – são mensageiros da historicização (família, festas de família, escola, Igreja, grupos culturais, retratos, figuras antigas, patriarcas, genealogia, compadrio, sobrenome, consanguinidade etc.).

Os mediadores atuam como bens simbólicos, assim como os objetos que representam *status* elevado na hierarquia social, objetos transferíveis de uma geração para outra. O trabalho da memória é, então, ao mesmo tempo de reconstrução e de esquecimento; tudo vai depender da temporalidade de memória (do grupo particular).

---

<sup>91</sup> Ver HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



Utensílios em palha de milho à mostra na Festitália.

Descendentes de italianos jogando *mora*, um jogo que exige raciocínio matemático e destreza nas mãos. Um jogo típico masculino.



Nesse horizonte do esquecimento e da reconstrução grupal da memória apresentam-se conflitos de memória; conflitos no trabalho da hierarquização e legitimação das memórias. Aí entra a importância do simbólico (religioso, histórico, social) na determinação de memórias dominantes/dominadas, de memórias (re) inseridas e expulsas, da valorização e desvalorização de memória (seu conteúdo moral, temporal, de sua aptidão).<sup>92</sup>

A memória do grupo evolui também sob influência do ambiente. As memórias coletivas metamorfoseiam-se ao adotar novas ideias e habilitá-las de novas representações. Com isso, não significa dizer que as memórias coletivas rejeitam totalmente seu passado, elas o reinterpretam e o reordenam nos quadros de suas novas noções. Enfim, os novos quadros coletivos devem adaptar-se às novas condições de existência.<sup>93</sup>

### *Rituais coletivos de maior expressão na Festitália*

Descreveremos alguns dos rituais que compõem o Evento com a intenção de mostrar a dinâmica dos festejos, sua identificação linguística com a região do Vêneto na Itália, sua tentativa de reconstrução de uma pretensa italianidade regionalizada.

A Cantoria Italiana é um festival nacional de cantos na língua italiana ou em seus dialetos. Foi desse que nasceu a Festitália. “A música e a dança,

---

<sup>92</sup> HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990, p. 34.

<sup>93</sup> COENEN-HUTHER, J. *La mémoire familiale: un travail de reconstruction du passé*. Paris: L'Harmattan, 1994, p. 16.



Artigos artesanais expostos na Festália.

os jogos e os desfiles, a comida e a bebida, os espetáculos recheiam as festas”<sup>94</sup>, permitindo aos participantes a socialização e incorporação de valores, sentimentos coletivos e conhecimentos comuns do grupo. “Nada preserva mais o dialeto vênето do que o canto”<sup>95</sup>, principalmente nas categorias folclóricas.

O I Festival Serrano de Talentos foi criado em 1986 pela então administração municipal com a evidente intenção de promover Serafina Corrêa no cenário regional, estadual e nacional, abrangendo a I Cantoria Italiana, Primo Concorso de Conti, Frótole e Buzie e torneios de bríscola, canastra, trissete, quatrilha, mora e morina. Juntamente com o I Festival Serrano de Talentos, naquele ano, realizou-se o 2º Festival da Massa.

A I Cantoria Italiana, realizada no Cine Teatro Carlos Gomes, contou com a participação de mais de uma dezena de corais e pequenos grupos vocais. Em 1989 apresentou-se com novo enfoque, ou seja, com uma tentativa de resgate do folclore e espaço para criações variadas; o IV Festival Serrano de Cultura Italiana passou a englobar a IV Cantoria Italiana. Houve o primeiro concurso de arte cênica (em substituição ao Conti, Frotole e Buzie) e o V Festival da Massa.

Através do decreto 47/89, de 10 de julho do mesmo ano passa a ser oficializado o uso do dialeto vênето, durante o Festival Serrano de Cultura Italiana, a realizar-se anualmente no mês de julho, na semana do município, em homenagem aos imigrantes italianos. Na semana do município foi estimulado o uso do dialeto

---

<sup>94</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Terra & gente: aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002, p. 44.

<sup>95</sup> FARINA, G.; SEGANFREDO, E. *História de Serafina Corrêa*. 1991. [Texto não publicado]. p. 56.

vêneto entre os descendentes de imigrantes italianos. A partir de 1990, pelo decreto 65/89, incluiu-se a língua italiana no currículo das escolas municipais.

Devido a essa iniciativa (dec. 47/1990) de indução linguística institucionalizada, o então prefeito recebeu uma moção de repúdio vinda da Câmara de Vereadores de São João del Rey (MG). O decreto também provocou um indignado artigo de um coronel na publicação *Letras em marcha*, indicando que havia nessa questão linguística um ensejo de formação de quistos raciais e bolsões de desnacionalizações.

Entendemos, assim como Maestri e Carboni, que o irredentismo linguístico vêneto em curso impede a compreensão da recuperação da identidade ítalo-gaúcha como um aprofundamento das raízes culturais e históricas, individuais e coletivas, da comunidade nacional. Em verdade, orienta esta recuperação em um sentido excludente, ou seja, “se não és ítalo-gaúcho, és estrangeiro e estranho”.<sup>96</sup>

À margem das críticas e análises acerca da questão linguística, ainda em 1990, foi instituída a Stimana Campanhola, reservada integralmente para o meio rural realizar encontros de confraternização esportiva, social e cultural. Após a Stimana Campagnola é realizado o V Festival Serrano de Cultura Italiana, também com algumas inovações, passando a abranger o Dia da Amizade Taliani-Brasileiros; Mesa Giornata dei Tosatei; Secondo Concorso d'Arte Cênica; V Cantoria Italiana; VI Festival da Massa.

Reunindo músicas do IV e V Festival, foi lançado o segundo disco LP da Cantoria Italiana. Acrescenta-se,

---

<sup>96</sup> MAESTRI, M.; CARBONI, F. *Raízes italianas do Rio Grande do Sul – 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.



ainda, através do decreto 31, de 15 de julho de 1990, que fica instituído o Dia da Amizade Brasileiro-Italiana, a ser celebrado anualmente no primeiro dia da Semana do Município, no mês de julho. Caberá à Fundação Serafinaense de Cultura promover a integração e a preservação das culturas dos povos formadores da sociedade de Serafina Corrêa, em solenidades programadas anualmente.

Na primeira metade da década de 1990, a filosofia do Festival foi alterada, deixando a entender que o que estava sendo feito era coisa velha, ultrapassada, que gaita e violão não poderiam mais ser a base musical. E, então, foram introduzidos instrumentos modernos, utilizados até os dias atuais, porém mantendo-se os mesmos objetivos de *resgate*.

Para Arroque,

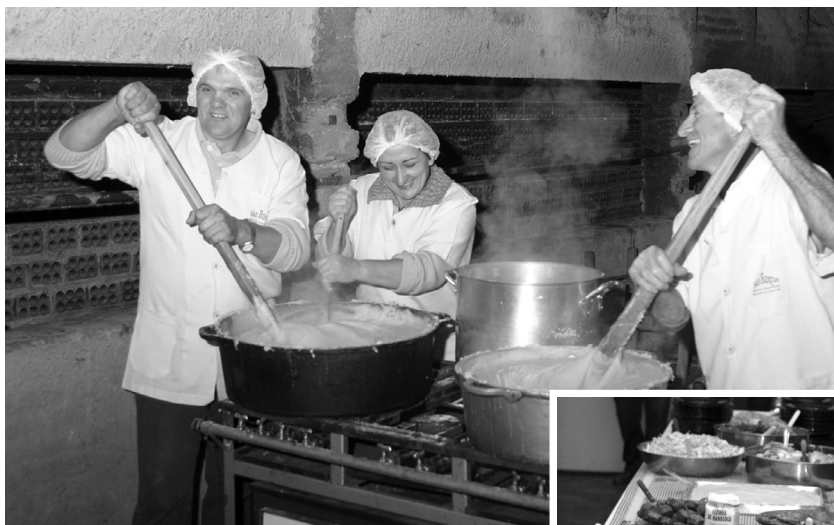
*o único vínculo com a ideia original, com a cultura de uma região de imigração italiana, que ainda tinha uma língua preservada, foi exatamente só a língua. A partir daí, o festival não tem nenhuma necessidade de existir; porque tem formas melhores de preservar a língua sem trazer pessoas que não sabem falar a língua para cantar; usando o idioma que alguém inventou que tinha que ser a língua oficial do evento.*<sup>97</sup>

Essa ideia expressa o equívoco da Cantoria Italiana em Serafina Corrêa.

Na opinião de lideranças comunitárias (as quais não quiseram ser identificadas), a ideia *era* e *é* preservar toda uma bagagem musical que a região italiana tem e transformá-la num *show*, não podendo haver instrumental acústico. Certamente, é necessário usar a eletrônica para amplificar, porém respeitando o som original. O

---

<sup>97</sup> ARROQUE, entrevista já citada.



A polenta é um dos itens mais apreciados da gastronomia dos descendentes italianos, presente em todos os jantares coloniais na Festitália. Em detalhe outras comidas típicas.



que ocorre é que são utilizadas guitarras, contrabaixo, bateria, órgão eletrônico, onde o artista pode simular o que bem entender. São cantores que não têm qualquer vínculo com a cultura italiana. Compositores que nunca estiveram em Serafina Corrêa, ou em qualquer região italiana; que conseguiram alguém para traduzir suas músicas, o que está totalmente desvinculado da proposta da Festitalia. São quase sempre músicas *requentadas*, com características típicas dos festivais nativistas, apenas com uma roupagem diferente, deixando a entender que seria o Festival de Serafina Corrêa de linha melódica e de ritmo nativista, apenas com a letra em dialeto.

#### Conforme Arroque, a Cantoria Italiana

*é um equívoco imenso, um fiasco, uma perda de rumo total. Eu não sei se é viável ainda de reconduzir ao original, porque a coisa andou muito [...]. Vão dizer: O que fulano vai achar? [...]. As pessoas estão arredias à ideia de rever esta questão.*<sup>98</sup>

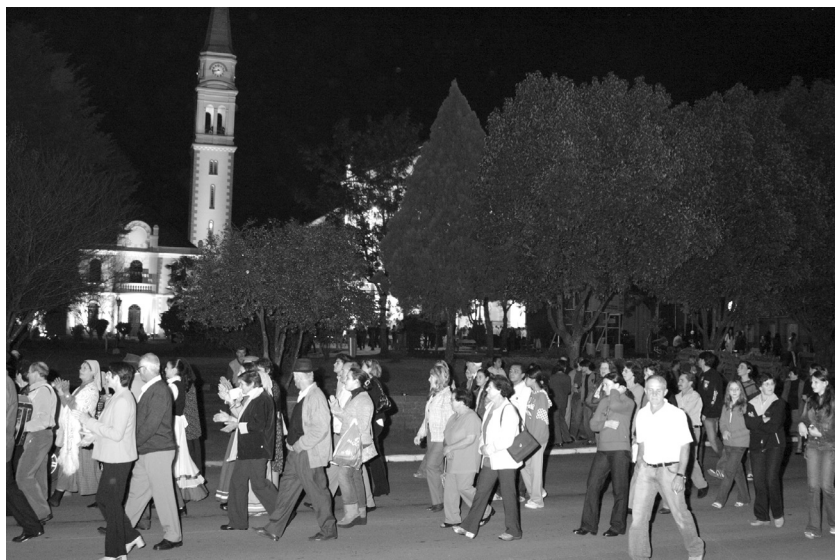
Para Simoneto: “Aqui me parece que é reduzido assim: contentar a todos [...]”<sup>99</sup>

Há uma evidência de que o trabalho de reconstituição foi começado e interrompido, isto é, existem centenas de músicas folclóricas a serem conhecidas pelo povo, visto que a maioria perdeu contato com elas ou nunca as ouviu. A música dessa linha cultural interessa não apenas aos descendentes de origem italiana, mas aos que já estão incorporados nessa região; muita coisa pode ser trabalhada, em termos de personagens, fazendo músicas semelhantes àquelas da (i)migração, porém, segundo os entrevistados, não deve ser nem ter nenhuma referência à Itália, pois essa cultura já é

---

<sup>98</sup> ARROQUE, entrevista já citada.

<sup>99</sup> SIMONETO, entrevista já citada.



Um dos rituais da Festália é a marcha comunitária em direção ao local do Filó.

brasileira, apenas com uma pretensa identificação com raízes italianas.

A partir de 1998, em razão dos gastos elevados, a Festitália passou a ser realizada bianualmente. A programação desse ano contemplou a Cose Nostre, que é uma mostra de artesanato local, comercialização de produtos coloniais e apresentações de danças italianas. Continuaram sendo realizados o VI Concurso de Puoti, Mesa Giornata dei Tosatei, il Canto dei Bambini (correspondente infantil do Cantigio), *show* artístico, apresentação de corais, dia das etnias, exposição de vídeos sobre a Itália de hoje, exposição de quadros – arte em espelho, V Concurso Literário, VII Note dei Cantanti de Capela com jantar colonial, arte cênica, II Cantigio; XI Cantoria Italiana, *show* com som e luzes, XII Festival da Massa, Baile da Terceira Idade e missa rezada em italiano e latim. Durante a XII Festitália, os restaurantes da cidade serviam comidas consideradas típicas da cultura italiana.

Em 2000, houve a Stimana Campagnola, o VII Concurso de Puoti, II Canto dei Bambini, Cose Nostre, exposição de desenhos, pinturas e fotos, *show* musical; III Cantigio, Note D'arte Cênica, Canto Nostro, XII Cantoria Italiana – festival de músicas italianas –, *show* som e luz, XIII Festival da Massa, desfiles de carros alegóricos, Note dei Cantati de Capela, Mesa Giornata dei Tosatei, baile municipal, missa italiana, Festa das Etnias e lançamento do LP Nostre Canzioni (seleção de canções das cantorias italianas de Serafina Corrêa). Houve, também, o lançamento da Galeria Céu Aberto, a qual consiste em decorar muros da cidade com pinturas com tema de *la cultura d'italia* e representa uma homenagem aos 125 anos de imigração italiana no Rio Grande do Sul.



Na Noite do Filó vários estandes exibem os diferentes aspectos da vida, seja em forma de artesanato (venda) ou simples demonstração de objetos utilizados, principalmente para o trabalho.



Músicas típicas da época embalam os participantes da Festitália.

Em 2002, realizou-se o VIII Concorso de Puoti, a III Cose Nostre, Dia di Taliani e Brasiliani, baile municipal, torneio de mora e morina, trissete e briscola, missa, Mesa Giornata dei Tosatei, Note D'arte Cênica, Concorso Letterário del Talian, IV Cantígio, Canto Nostro; XIII Cantoria Italiana, XIV Festival da Massa, Baile da Melhor Idade, jantar típico com carne suína, X Note dei Cantanti de Capela e exposição de artes.

Em 2004 e 2006, praticamente nada mudou, não ser alguns rituais em torno da cantoria italiana, aspecto este que havia recebido muita crítica de pesquisadores sobre a cultura étnica italiana manifestada na festividade, principalmente por estar bastante estilizada e em pouquíssima correspondência musical, rítmica e instrumental com aquilo que os organizadores consideram cultura italiana.

Enfim, feita a descrição, ainda que sinteticamente, dos principais eventos da Festitália, pode-se dizer que as memórias coletivas, em geral, são construídas, desconstruídas e reconstruídas pelas conveniências, pelas pressões e adaptações. Esse aspecto faz aflorar a fragilidade, os limites, as contradições e o desvirtuamento entre o oficial literário e as lembranças pessoais e coletivas, expressando sentimentos ambivalentes, comemorações, glórias, sofrimentos e vontade de esquecer.

No ano 2000, por exemplo, quando da XIII Festitália e do aniversário dos 40 anos de emancipação política e administrativa de Serafina Corrêa, houve um desfile de carroças e de carros alegóricos, lembrando os imigrantes italianos, que substituíram as matas por lavouras, fábricas, igrejas, escolas. Con-



Exposição de bonecos de pano (*puoti*), além de ter servido de lazer, revela hábitos do cotidiano na colônia.



forme declarou de uma forma ufanística o prefeito do município na ocasião,

*graças à sagacidade dos imigrantes, as novas gerações colhem a herança de um patrimônio cultural invejável, cujas raízes cultuamos, preservamos e resgatamos, através das contagiantes melodias da cantoria italiana, na XIII Festitália, inspirados no amor, na epopeia e em nostálgicas lembranças.*<sup>100</sup>

Nos desfiles, a carroça marcou as apresentações (representações de aspectos da vida cotidiana da colônia de tempos passados) por ter sido um dos primeiros meios de transporte utilizados por eles. A carroça estava presente nas diversas situações do dia-a-dia: no trabalho das propriedades rurais, no escoamento da produção para outras localidades, no transporte da família para a missa, na busca da parteira quando esta não mais andava a cavalo; no traslado dos funerais.

Além da tradicional carroça, era comum o uso da gaiota, um meio de mobilidade com duas rodas, de tração animal, utilizada para o transporte do pasto e produtos em menor quantidade. Ainda que em menor escala, as gaiotas continuam a ser utilizadas na zona rural da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul.

Numa visão ufanista, a imprensa local classifica o evento como um retorno às raízes, cujo objetivo central é a manifestação do povo que fala o *talian* nos espetáculos, nos modos de rir, na comida típica e nos cantos folclóricos, lembrando o testemunho dos protagonistas da história.

---

<sup>100</sup> Trecho da mensagem do prefeito municipal de Serafina Corrêa, no dia 30/07/2000, por ocasião do desfile de carros alegóricos na XIII Festitália. Relatório da Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa – SMT.



Comidas típicas por ocasião da Festália.

Atividade recreativa típica da cultura italiana. O trisete era um jogo de cartas basicamente masculino, onde, inclusive, apostava-se dinheiro.



O jornal *O Serafinense*<sup>101</sup> publicou:

*Um século depois de colonizadas as terras da Encosta Superior do Nordeste, por entre montes e vales ainda ecoam as ricas melodias e harmonias que os imigrantes trouxeram do Norte da Itália. Vibramos nós, moradores, vibram igualmente os corações itálicos. Até as gerações e etnias alheias à nossa cultura se emocionam com a singeleza das canções que evocam a grande epopeia que deu origem ao estágio atual de desenvolvimento de Serafina Corrêa e região.*

Percebe-se no texto o ufanismo imbricado no contexto da Festitália. Na opinião de pesquisadores da cultura de descendentes de italianos na região e de críticos locais<sup>102</sup> da forma como se processam os rituais festivos, a dita e proclamada cultura italiana em Serafina Corrêa não é tão forte como parece. A maioria do povo não sabe falar o dialeto vênето ou o talian. Os jovens pouco apreciam e não cantam as músicas italianas, em especial a dialetal. O que é visível e se busca preservar, apesar da invasão das comidas rápidas e mais mundializadas nos hábitos alimentares dos descendentes de imigrantes italianos, é a polenta, a fortaia, a sopa de capeleti, a carne lessa, o radici cozido, queijo, porém, muito mais expressivos na mesa de famílias da zona rural.

Ainda que grande parte dos rituais da Festitália seja expressivo da vida rural dos colonos, existe um sutil separatismo cultural nos descendentes de italianos entre zona rural e urbana em Serafina Corrêa. Isso ficou claro na extinção da Fundação Serafinense de Cultura, que deveria auxiliar a Secretaria Municipal de Educação

---

<sup>101</sup> Jornal *O Serafinense*. Serafina Corrêa, 30 ago., 2002, p. 5.

<sup>102</sup> Depoentes que não quiseram ser identificados por receio de *provocar inimizades* com pessoas influentes e que determinam os rituais e a sua dinâmica interpretativa da Festitália.

na execução da política cultural de Serafina Corrêa, como um sinal da decadência ou esmorecimento cultural/étnico, bem como da pouca presença de colonos na organização e simbologização de sua vida atual.

O decreto-lei 47/89, que oficializou o vêneto durante a Semana do Município de Serafina Corrêa, nunca entrou em vigor de fato, porque só algumas pessoas falavam e falam esse dialeto. Entendemos ser duvidosa a intenção dessa medida que legitima a pseudo-superioridade do descendente de imigrante italiano e, em especial, o da região do Vêneto. Em consequência, entrou em vigor o decreto lei 31/90, que instituiu o Dia da Amizade Brasiliani-Taliani, como forma consciente ou inconsciente de camuflar a discriminação étnica e legitimando a Festitália de até então como ação excludente. Não fosse assim, não haveria a necessidade de um decreto para lembrar a amizade de etnias. O decreto ensaia um momento de valorização de caráter seletivo, pois a participação de “alguns escolhidos acaba por produzir liderança frente ao grupo étnico e de comunidades bairriferas”.

Críticos da Festitália enfatizam a necessidade de uma maior conscientização e debate na comunidade sobre como deve ser feita a Festitália; de verificar a história pertencente ao local, história essa que tem criações e adaptações próprias, ou seja, da vivência em Serafina Corrêa. Mais do que nunca, dizem que há necessidade de quadros de referência que permitam nos reconhecermos no mundo em que vivemos; criar condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade; de como, por que e para que ela compartimenta-se, e como estas suas compartimentações articulam-se e confrontam-se; saber quais os mecanismos e direções das mudanças e de que maneira todos esses fenômenos expressam-se por intermédio das coisas materiais. Essas

discussões ajudaram a delinear a dinâmica de projetos de reconstituição através de oficinas nas escolas, de palestras, de encontros ou, até mesmo, de um grupo de estudos.

Entendemos que a participação do público acontece no momento em que ele identifica-se com o que está sendo apresentado, o que não implica a necessidade de contar com artistas de fama nacional ou internacional para atrair plateia; o evento, por si só, encarrega-se de fazê-lo. O envolvimento dos munícipes de Serafina Corrêa ocorrerá quando se sentirem co-participantes. Para que isso ocorra, é preciso investir culturalmente durante o ano todo, não somente numa semana de dois em dois anos. Esse investimento deve ocorrer nas escolas, nos sindicatos, nas igrejas, é preciso promover a cultura de forma gradativa, solidificando, assim, uma bagagem cultural, uma educação informal, popular para a memória patrimonial.

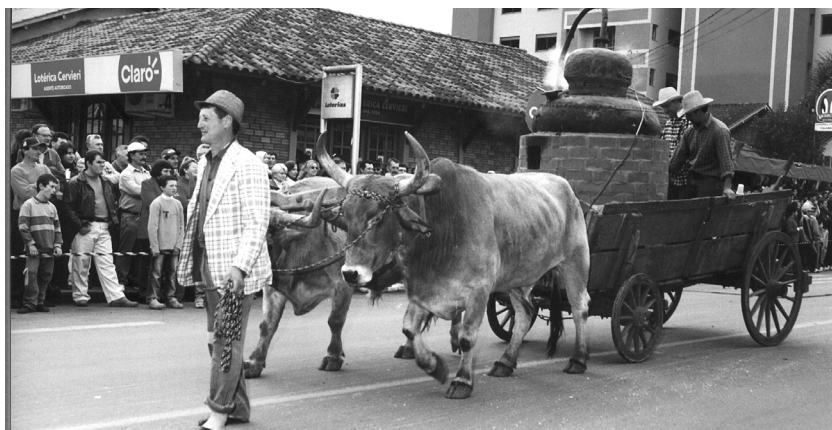
Sabemos que a noção de identidade envolve, dentre outras dimensões, a noção de alteridade. Desse modo, bravura, luta e heroísmo não são apenas méritos e nem deméritos dos italianos. O ritualismo produzido na história da Festitália não pode escamotear essa correlação histórica e étnico-cultural.

Entendemos que a Festitália, alterando seus processos de fundo, pode tornar-se um grande momento de expressão de educação informal para a cultura e etnia produzidas pelos italianos e descendentes em seus espaços sociais e familiares. Processos como democratização, conhecimento histórico-cultural (correlações ou não entre tempo e espaço do passado e do presente), alteridade, participação comunitária, redução do foco midiático e mercantil, abertura para a sensibilidade popular da expressão cultural, dentre outros elementos já vistos, seriam imperativos ao

desenvolvimento de uma Festália, talvez mais adaptada, com objetivos em direção a uma reconstrução da italianidade presente na região.



Carroça evidenciando o reaproveitamento de sub-produtos para uso doméstico pelos colonos.



Carroça exibindo o alambique e o próprio método de produção da graspa.

Pensamos, também, que, historicamente, precisam ser preservadas e reconstituídas as representações existentes no repertório da memória cultural da comunidade, como elementos de identidade e de identificação, no que se refere ao modo de expressão ou de representação desses princípios.

A festa possui dimensões simbólicas, de comunicação, de expressão, de experiências humanas, de culturas etc. Para ser um momento de expressão dessas dimensões todas, deve passar por um processo de reavaliação, o que demanda estudo e pesquisa sobre cultura e seus vínculos étnicos; participação e esforço de reconstituição de vivências da cultura camponesa, urbana e social que se constituiu em Serafina Corrêa e na região de colonização italiana.

A Festália, sinteticamente problematizada por nós, quer ser momento e cenário ritual de expressão de uma memória patrimonial. Julgamos que sua importância local/regional seja um dado incontestado, porém acreditamos que haja necessidade de ser reavaliada em vários de seus processos, principalmente no que tange aos objetivos, aos seus eternos mediadores, aos rituais que pouco ou nada expressam a italianidade, principalmente aquela desenvolvida pelos imigrantes e seus descendentes nos espaços da sociedade de destino.

Portanto, vimos que a Festália pode ser um espaço fértil para manifestações culturais, para ritualizar dimensões da italianidade, para reconstituir processos práticos (vivências) e simbólicos (imaginados, representados). Nesse horizonte dos processos práticos está o artesanato como expressão de saberes e de orientação de vivências nos tempos da colônia e, em parte, nos dias atuais.



Cultura da uva como atividade comum da região colonial.



Carroça mostrando a atividade artesanal com palha de trigo, neste caso, a confecção da *dressa* (trança).



III.  
A Festália de Serafina Corrêa

---



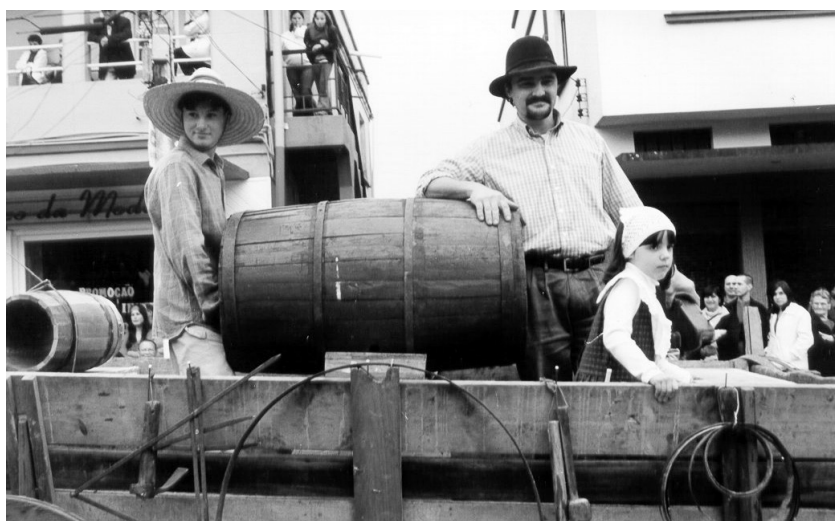
Produção de massas evidenciando atividade característica de gênero na unidade familiar do meio rural.



Carro alegórico com um ferreiro e suas criações (à esquerda, um arado).  
Festália. Serafina Corrêa.



Carro alegórico exibindo o maquinário antigo de um alfaiate. Festália. Serafina Corrêa.



Carro alegórico relembrando a produção de vinhos e outras bebidas. Festália. Serafina Corrêa.

*Segunda parte*

*Artesanato  
colonial  
saberes, fazeres e afazeres*





# IV.

## *O artesanato entre a tradição e a modernidade*

*Há miséria e fome toda a vez que o trabalho manual é desprezado.  
(Pierre Jaccard)*

**E**ste capítulo empreende olhares históricos e culturais em torno de saberes e fazeres – e por que não “afazeres” – da memória e da tradição da vida camponesa do colono de parte da região colonial do Rio Grande do Sul.

Fizemos um esforço em compreender aspectos ligados aos saberes em torno de práticas artesanais, os vínculos destas com a agricultura, com a economia doméstica, com as tradicionais diferenças de gênero, com a cultura camponesa, ou seja, como determinados processos reproduzem-se em espaços variados, como é o caso do meio urbano.

## *Saberes, fazeres e afazeres*

*O retorno ao artesanato é um sintoma da grande mudança da sensibilidade contemporânea [...], uma expressão nova de revolta contra a religião abstrata do progresso (Octávio Paz).*

Sabemos que a vida social constitui-se, consolida-se e exige saberes próprios e práticos; aliás, praticidade e propriedade caminham juntas nessa dimensão do artesanato. Esses saberes materializam-se em artefatos, os quais, em grande parte, em razão de determinados limites e circunstâncias, serão confeccionados à mão e passam a servir para fins de utilidade social e pessoal, ou como expressão de saberes e de identidades, ou para mercantilizarem formas culturais e econômicas.<sup>103</sup>

Em geral, os empreendimentos artesanais são pouco estudados e/ou pouco contemplados pelas análises organizacionais e por políticas de fomento de desenvolvimento local/regional por várias razões, dentre elas os seus formatos organizativos, que nem sempre obedecem aos cânones de uma racionalidade administrativa moderna, sua dinâmica mercantil reduzida e mais localizada (nichos de mercado local/regional), volume de produção reduzida, certa conotação de organização familiar, pré-conceitos dos mais diversos etc.

A dinâmica da produção e dos saberes em torno daquilo que, histórica e culturalmente, convencionou-se chamar de “artesanato” confunde-se com a história

---

<sup>103</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: EducS, 2001; ver, também, dos mesmos autores: *Terra & gente: aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: EducS, 2002.

da humanidade, ou seja, desde o momento em que o homem começou a desenvolver manualmente seus artefatos para sobreviver, tanto em termos de organização familiar, como social e individual.

O artesanato está vinculado ao mundo do trabalho em seus inúmeros formatos sociais, culturais, estratégias que permitiram e permitem reproduzir, difundir, repassar conhecimentos, aprendizagens, recompor vivências, gostos, prazeres estéticos e, por que não dizer, conservando um pouco do romantismo e saudosismo crítico – que não faz mal a ninguém! – à simplicidade da vida.

As corporações de ofícios, desde a Idade Média – identificavam-se, institucionalmente, com a produção artesanal –, o papel do comércio e da indústria com a revolução industrial e a sua conseqüente divisão do trabalho, a tecnologia moderna etc., reconstruíram dinâmicas de saberes e seus mecanismos de aprendizagem no decorrer da história, os quais foram produzindo patrimônios ou memórias patrimoniais reconhecidas na atualidade e na lembrança de grupos sociais e culturais.<sup>104</sup>

A memória patrimonial possui sua expressão nos mais variados processos sociais, simbólicos, objetivos etc. A linguagem, a documentação, o conhecimento elaborado e o senso comum, a cultura de grupos, os monumentos, os templos, os obeliscos, as obras de arte, os artefatos, os ambientes construídos e envelhecidos, dentre outros, manifestam essa infinidade de circunstâncias e afazeres humanos, frutos da mão humana, que sintetizam um *mobiliário social e histórico*, cristalização material de significados históricos e vivências pessoais, ou seja,

---

<sup>104</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

uma herança cultural de povos e grupos em contextos e tempos específicos.<sup>105</sup>

As transformações rápidas e improvisas da sociedade reduzem significativamente as velhas tradições e os velhos saberes, porém paradoxalmente impõe-se como contraposição a isso um recurso a um passado mítico, para reconstruir um sentido de continuidade de persistência de sua existência no tempo, num processo de tensão do vínculo societário e de transformação social.<sup>106</sup>



Cartaz convidativo para festividade comunitária, utilizando imagens típicas do modo de vida colonial.

<sup>105</sup> ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>106</sup> Ver excelente contribuição nesse sentido, na obra de GREGORY, T. (a cura di). *L'eclisse delle memorie*. Roma: Laterza, 1994; ver, também, CHIARETTI, G. et al. *Conversazioni, storie, discorsi*. Roma: Carroci, 2001.



Jedlowski coloca que a tradição e a memória podem tornar-se objetos de ação consciente e intencional ao evitar que as mudanças tornem-se, através do esquecimento do passado, um regresso a modos primitivos de organização social e de civilização.<sup>107</sup>

Como já dissemos, no horizonte do patrimônio cultural estão presentes bens e valores materiais e imateriais, transmitidos por herança, de geração à geração, na trajetória de uma comunidade. Sendo assim, é um processo contínuo de transmissão de valores e crenças, de saberes e modos de fazer e de viver que caracterizam um grupo social; uma *marca* que identifica, que adquiriu um sentido *comum* e (com)partilhado.<sup>108</sup>

É desse modo que a ideia de *velho* e de *novo* deve ser entendida em suas contradições temporais e espaciais, em consonância com o imaginário e interesses da população envolvida, de determinados grupos, da força social presente no contexto específico em questão. Sem essa compreensão prévia, não teremos condições de entender por que os idosos que entrevistamos, tanto do meio rural quanto do urbano, relativizam o *novo*, ou algo do *novo*, como sendo apenas uma simples alteração de processos, conhecimentos, formas do *velho*, ou seja, algo já, em parte, experienciado, com ressalvas e com significados duvidosos em termos de resultados sociais e principalmente culturais ao grupo envolvido e/ou de co-presença de quem exterioriza.

Não podemos esquecer que na vida das colônias de imigração e de migrações internas, o artesanato foi

---

<sup>107</sup> JEDLOWSKI, P. *Memoria, esperienza e modernità: memorie e società nel XX secolo*. Milano: Franco Angeli, 1989.

<sup>108</sup> OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 77-80.

fundamental, além de seus elementos objetivos, produziu redes sociais produtivas e de intercâmbio regional/cultural. Há inúmeras análises que centralizam o papel das produções locais como fundamentais à organização da vida nas colônias, sua reprodução em espaços de migração seja para o rural ou para o urbano. O refazer de ofícios e saberes caminha junto com os sujeitos em suas mobilidades de vários gêneros.

Partimos do pressuposto de que tempos e ações entrecruzam-se e significam-se em circunstancialidades específicas, porém interligadas e re-significadas. É por isso que não é raro percebermos pelos canais midiáticos, pelos festejos populares, pelas vitrines de lojas (e não só de antiguidades), pelas feiras em praças e em centros históricos de nossas cidades, em espaços de dinâmica turística, em panfletos de eventos culturais e étnicos de municípios (como já vimos, na região de estudo, essa realidade dos festejos étnicos é muito dinâmica), em habitações consideradas modernas, dentre uma série de lugares e circunstâncias, objetos materiais, ilustrações e manifestações de símbolos expressivos do horizonte daquilo que, social e historicamente, passou a ser identificado como *artesanato*.

Atividades artesanais, ainda que seletas em temporalidades e espaços específicos, sobrevivem aos processos de industrialização, acoplam-se ao sistema produtivo, renovam valores e dinâmicas de mercado; além de gerar novos postos de trabalho, reconstituem saberes, bens materiais e imateriais do local, expressão, muitas vezes, de culturas regionais.

A dimensão das práticas aliadas aos saberes, ou melhor, aos *saberes práticos*, tem muito a ver com aquilo que se pode chamar de “cultura local” com a contra-

posição e/ou evolução ao/do progresso técnico externo, em geral, industrial, o qual articula em suas práticas, formas de trabalho mais *modernas*, mas tecnificadas e no horizonte da divisão do trabalho.<sup>109</sup>

A produção artesanal no *interior do modo de vida colonial* do colono/camponês é parte constituinte das formas de inserção produtiva com características variadas e diversificadas, graus de intensidade/precisão e de vínculos externos, sejam eles de vizinhança, ações de reciprocidade e de possibilidades de aquisição nos mercados mais próximos. A mesma constituiu-se historicamente numa perspectiva de rede social de interconhecimento, alimentada por recursos simbólicos os quais auxiliaram em muito num cenário em que os ditos recursos econômicos e mercantis eram escassos.

Os ditos *saberes da mão* ou artigos/objetos *feitos à mão*, são produtos e produtores de uma relação dinâmica entre o espaço cultural dos sujeitos, com sua dimensão ecológica, com o ambiente o qual imprimiu e imprimiu-se de história, em geral, no âmbito coletivo na família e estendida às redes de reciprocidade, parentesco e interconhecimento que vão se constituindo nos espaços comunitários da colônia. As relações com o espaço tecem um conjunto de ações e práticas, para não dizer, de *ações-práticas*, necessárias ao convívio cotidiano, aos seus limites, necessidades, saberes, fazeres, afazeres e deveres.

---

<sup>109</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educus, 2001; ver, também, LESSA, B. *Mão gaúcha*. Introdução ao artesanato sul-riograndense. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura do Trabalho e Ação Social, [s.d.]; ver, também, GOURHAN, A. L. *O gesto e a palavra - memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1980.

## *Sua dimensão telúrica*

Não há dúvida que quando se fala em artesanato tem-se uma dimensão telúrica de natureza rural como grande referência, principalmente em sua dimensão histórica; há certo *agrarismo* na dimensão artesanal, até porque seu contraponto, usualmente, está situado no horizonte urbano e vinculado à indústria como equivalente do moderno, ou anti-rusticidade.

Rosseau já exaltava aquilo que ele chamava de “arte camponesa”, fruto de uma sociedade dignamente pobre e socialmente estratificada. Locke é enfático ao dizer o quanto era dignificante aprender fazer um trabalho manual, pois a habilidade obtida pelo exercício não é incorporada só à gramática e a outras áreas do conhecimento, mas à jardinagem, aos trabalhos em ferro etc. Diz o autor que o exercício é útil à saúde e é bom que seja feito ao ar livre; serve para arejar a cabeça, para fins recreativos, adquirir competência para guiar e controlar os próprios dependentes e ensinar-lhes algo de novo. Entendia o autor que as atividades práticas formavam o caráter (desprezo pelo ócio e passatempos fúteis!), permitiam criar, inventar e valorizar o próprio trabalho, fazer adquirir conhecimentos e habilidades diversas.<sup>110</sup>

O artesanato dimensiona com maior correspondência o mundo rural, esfera dos limites técnicos disponíveis, das carências de recursos e de cultura do auto-abastecimento em termos instrumentais e produtivos. Em geral, o artesanato rural está muito ligado à dinâmica da produção agrícola desenvolvida na unidade econômica e de trabalho, ao conjunto ecológico e fundiário da mesma

---

<sup>110</sup> Ver LOCKE, J. *Pensieri sull'educazione* apud RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

e a sua dinâmica familiar. Imaginamos ser impossível compreender a organização da vida camponesa sem a presença de saberes e práticas artesanais, sem uma forma de autarcia econômica e ecológica instrumentalizada interna e com certa dependência externa.

Apresentou-se como comum a colocação de nossos entrevistados de que dependiam muito dos comerciantes urbanos ou, no limite, dos rurais em termos de fornecimento de material para uso e confecção de outros, tais como o ferro, o cobre, o alumínio, o enxofre, o querosene, o salitre, linhas, tecidos etc.

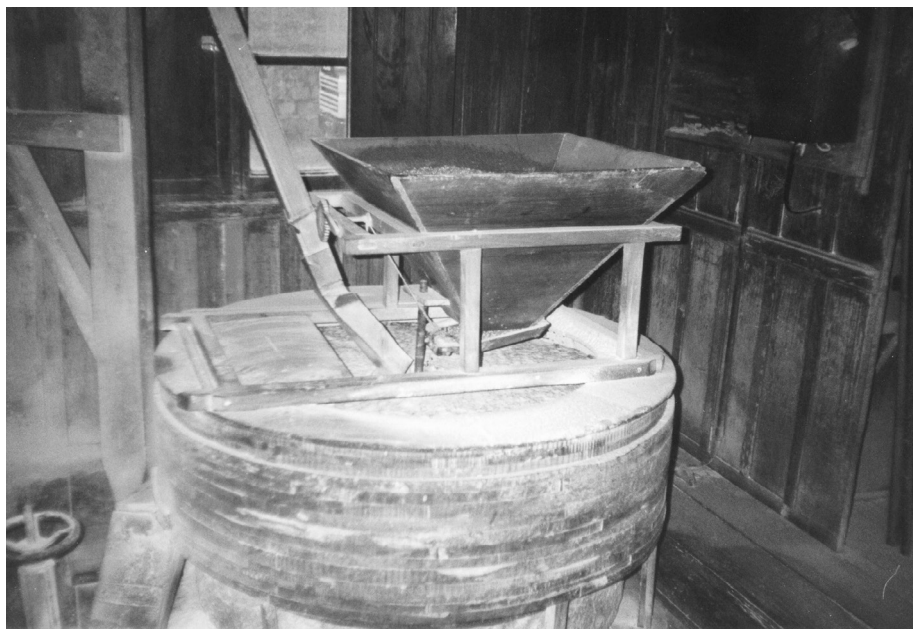
Dessa dependência de fornecimento por comerciantes e industriais, remodelavam-se produtos e inventividades aconteciam em correspondência, também, com a própria natureza da produção, das condições financeiras dos demandadores e da qualidade dos produtos desenvolvidos na unidade familiar.

No dizer de Giron e Bergamaschi, o artesão rural era muito dependente do que era fornecido pelos comerciantes e pequenas indústrias urbanas, por mascates, vendedores ambulantes que circulavam pelo meio rural. Esse processo mobilizava produtos em mão-dupla, bem como propiciava alterações nas formas artesanais, principalmente a de caráter mais popular, fruto e expressão da riqueza das tradições indígenas e africanas.<sup>111</sup>

Nessa situação, usualmente, o artesão desenvolvia uma pedagogia do aprender fazendo em correlação interna e externa entre ambientes, culturas e necessidades; o produto não se separava do ato da produção e de sua *aplicabilidade* funcional; produzir, consumir e utilizar imbricavam-se. Na ecologia econômica da vida campo-

---

<sup>111</sup> GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. L. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: EducS, 2001.



Mó de pedra, peça fundamental de um moinho colonial.

nesa, produção e consumo, tanto de alimentos quanto dos instrumentais para o trabalho e para a vida familiar da unidade, equilibram-se na complementaridade e exclusão.

Não cansamos de insistir que o artesanato desenvolvido no meio rural ganha expressão oral de seus confeccionistas como um aprender fazendo ou, então, um fazer aprendendo, ainda que o feito e aprendido sofra alterações e influências.

A família é um grande espaço de aprendizagem e de socialização; oficinas familiares estruturavam-se; aprendizagem de/na oficina e com profundas e claras diferenças de gêneros, de pai para filhos, de tradições

e mediações hereditárias, como dimensão quase que primária do trabalho humano.

Como grande analista da história cultural, Le Goff observa que a construção de um moinho d'água passava aos olhos dos contemporâneos como expressão e concretude de um saber quase que sobrenatural, de monges e de camponeses, exemplos elucidativos de suas habilidades técnicas.<sup>112</sup> Já Rousseau, insistia no caráter não individual, comunitário da experiência. O artesanato seria essa manifestação, além de ensinar a raciocinar, fazendo de um exercício de autocontrole, de concentração sobre um objeto, e à consciência de um objetivo, além de controlar processos diretos e progressivos, desde a ideia até a realização do produto, objetivação do subjetivo e utilização objetual no meio social e/ou comunitário e familiar.<sup>113</sup>

O artesanato é também resistência, evidência da identidade frente à mudança; ressaltando sempre a tendência que é comum nos tratos em relação ao tema certa nostalgia eternizadora de bens materiais, símbolos e horizontes culturais. O artesanato faz parte da dimensão material e imaterial de nosso patrimônio cultural, da história social e dos costumes dos homens, símbolos de sua expressão.

O artesanato vivifica identidades; é um testemunho material da cultura através do uso, conhecimento, significado, utilidade, aprendizado. A sua *tecnologia patrimonial* – ferramentas de trabalho e saberes – integra-se no trabalho como um todo, como conhecimento e objeto.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> LE GOFF, J. *Tempo della chiesa e tempo del mercante*. Milano: Einaudi, 1977, p. 84.

<sup>113</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

<sup>114</sup> *Ibidem*.

O fazer à mão revela estilo de vida, dimensão do rústico, por isso sua correspondência com o rural, porém não acaba aí. É por isso, também, a identificação com o lavrar a terra utilizando arado de bois, uso da carroça para o transporte de mercadoria, produção de embutidos, cestaria de taquara, vime, palha de trigo; os objetos em couro, como os laços, rédeas, cabresto, cordas,



Farinha recém moída pelo sr. Wilson Perruzzo. Serafina Corrêa.



sapatos, aperos para montaria e/ou arreiaimento em geral, bainha para facões e facas, barbicacho; os feitos de lã de uso doméstico, como cobertores, colchas, ponchos, blusas; rodas de fiar e teares tornaram-se obsoletos; os de taquara, como cestos, ainda importantes como instrumentos para carregar o milho, a erva-mate, a mandioca, os pastos para vacas etc., as peneiras e cestinhos; os feitos de vime, como cestos para transporte de frutas e lenha para o fogão, amarrar videiras; os de palha de milho, como colchões e travesseiros (praticamente hoje em desuso), invólucro para rapadura, para o palheiro, a confecção de bolsas e outros objetos mais inovadores atualmente; os de palha de trigo, como chapéus, cestas e bolsas; os de madeira, como tanques, cochos, calhas, conchas, colheres de pau, cabos, gamela, móveis, arados, carroças etc.

Outros tipos de artesanato estão presentes e representam alguma inovação, tais como flores de papel para festas e outros enfeites, produtos com plástico e arames, docerias com técnicas modernas de conservação etc. A indústria doméstica continua, em parte, sendo dinâmica na região. Dentre seus expoentes estão os moinhos de cereais, algumas ferrarias, alambiques, cantinas, queijarias, soques de erva, olarias e marcenarias.<sup>115</sup>

A descrição sintética de um moinho movido à água feita por Ribeiro e Pozzenato nos dá uma ideia de como esse processo ainda está em dinamismo, pois camponeses continuam transportando o milho para sua transformação em farinha ou outro produto de consumo humano

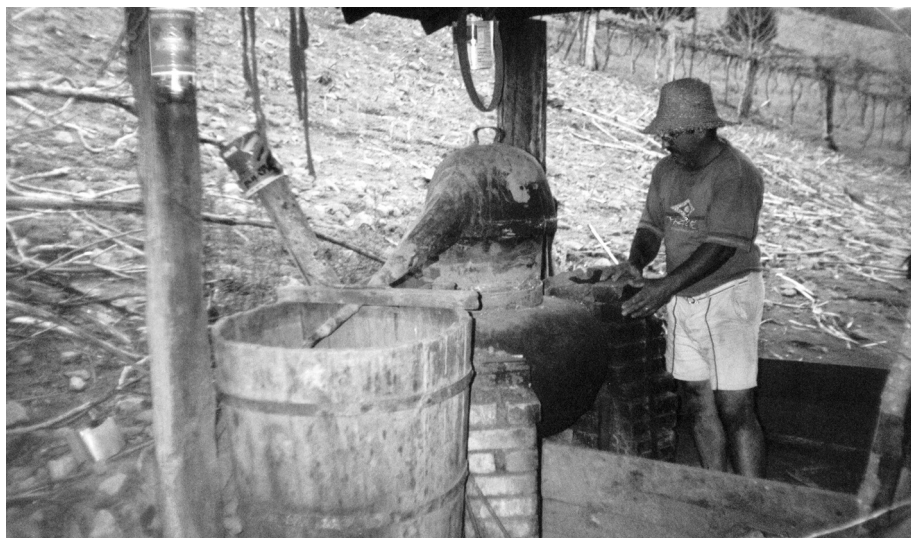
---

<sup>115</sup> Ver, também, GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. L. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: EducS, 2001.

e animal, bem como cidadãos continuam indo ao meio rural para adquirir a farinha de moinho de pedra.

Nas palavras dos autores citados, para fazer artesanalmente a farinha, há, em geral,

*duas mós de cerne de madeira, sobrepostas e apoiadas sobre um apoio, também de madeira, destina-se a triturar o milho para a quínera. A mó giratória é provida de manivela na sua face superior; que serve para fazê-la girar. A mó inferior, fixa, é provida de um arco de ferro na sua extremidade superior. A superfície da mó fixa e a face inferior da mó que gira reproduzem as ranhuras e canaletas das mós de pedra. Nessas, o artesão as produz com um martelo; nas de madeira, fragmentos de ferro, dispostos em forma de disco de um girassol, são inseridos nos discos de madeiras. O movimento circular contínuo, facilitado pelo uso da manivela provoca o atrito*



Sr. Bruno Migliavaca preparando o alambique para mais uma produção de graspa. Serafina Corrêa.

*que tritura os grãos de milho. Uma calha de folha-de-flandres, presa na borda superior da mó fixa, serve de conduto para o milho moído.*<sup>116</sup>

Moinhos existem no meio rural dos municípios elencados, porém são poucos os que ainda produzem a farinha com rolo de pedra; a grande maioria substituiu a pedra por um sistema de rolos de ferro, conhecidos como cilindros, o que, em parte, descaracteriza a dimensão artesanal.

Os alambiques estão presentes em grande número. Em algumas comunidades de descendentes de poloneses os mesmos aparecem em maior quantidade; servem para oferta o açúcar mascavo, o melado, a rapadura, a cachaça, as chimias com frutas etc.

Segundo a descrição de Ribeiro e Pozzenato, a operação de fazer o melado e/ou açúcar, inicia-se em geral

*no mês de Julho, com o corte da cana, que é colocada sobre um leito de folhas e amarradas em feixes com cipó São João. Transportada até o engenho, passa pela moagem de onde sai a garapa, que, depois de passar por um filtro é depositada num grande tanque de madeira, em edifício anexo a moenda. Por um canal, também de madeira, a garapa é novamente filtrada e levada a um grande tacho de cobre para ferver; ser escumada, até se transformar em massa pastosa, ou em ponto de açúcar. Quando pronto, um novo conduto é utilizado para despejar o açúcar pastoso no resfriador; um cocho de madeira. Nesse grande recipiente, o açúcar é mexido constantemente, em movimentos retilíneos, com uma grande pá de madeira. Ao esfriar, assume uma coloração intensa de âmbar.*

---

<sup>116</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZZENATO, J. C. Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho. Caxias do Sul: Educs, 2001, p. 165.

*Para fazer o melado, o processo é similar, interrompendo-se o cozimento quando a garapa assume a consistência de líquido grosso e escuro.<sup>117</sup>*

Tendo presente a descrição anterior, fica mais evidente a dimensão eficaz do artesanato em sua utilidade doméstica na unidade de trabalho e de convivência como um todo no meio rural; sua correlação com a dinâmica mercantil deve ser entendida em sua alternatividade com a utilidade doméstica (valor de uso, preço do produto no mercado, possibilidade de obtenção externa a preços compensadores etc.), com a disposição de força de trabalho, de tempos e espaços propícios, de oferta de matéria-prima (em geral, madeira, palha, cipós, vimes, lã, frutas, carnes, leite, cana, milho, trigo, porcos etc.), de necessidades financeiras e do cotidiano da vida.

### *O artesanato como memória objetal*

*A virtude do artesão não é força dos músculos ou habilidades dos dedos. Ela é uma virtude da inteligência e ela adota o artesão, o mais humilde, de uma certa perfeição do espírito. (Jacques Maritain)*

Muitos nonos – geralmente avós e bisavós – entrevistados relembram e alguns ainda continuam confeccionando objetos, saberes e ofícios próprios da vida camponesa, mesmo no meio urbano, e de extrema utilidade, auxiliando e respondendo pela produção de muitos itens das necessidades familiares, ou locais (pão, massas,

---

<sup>117</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educs, 2001, p 185-186.

queijo, manteiga, salame, banha, bolachas, biscoitos, geleias etc.). Os mesmos relembram com saudosismo, nostalgia e certo ufanismo dos tempos pioneiros em que o monjolo, movido à água, socava o milho para a quirera e descascava o arroz, o barbaquá e o soque forneciam a erva-mate, as caixas e potes de barro permitiam a conservação de carne defumada e/ou salgada, ou, então, frita com banha, o moinho que quebrava um *grande galho* no consumo alimentar humano e animal, dentre vários outros aspectos que vincula o saber prático do artesanato colonial.

Os objetos de memória são objetivações das recordações de um passado que não se quer esquecer e que está envolto *com* ou *na* lógica de uma sociedade de consumo. Os mesmos assumem no imaginário coletivo um enorme valor simbólico. A prática social e cultural da memória reenvia a capacidade da memória de exteriorizar-se e objetivar-se, isto é, de tomar forma e sedimentar as representações sociais de um certo passado em determinados objetos, símbolos, artefatos culturais e comunitários.

Autores enfatizam que o artesanato deve apresentar características, como manualidade, praticidade, tangibilidade e tipicidade. O elemento manualidade deve ser preponderante; o uso de ferramentas é possível, mas não em excesso, pois fazem com que se perca o contato com o objeto, o qual o humaniza e dá identidade ao fruto do trabalho, bem como historicidade, significados culturais e reciprocidades.<sup>118</sup>

As dimensões da prática, do utilitário e da acessibilidade não devem ser negligenciadas. Dentro dessa característica, é bom que lembremos sua temporali-

---

<sup>118</sup> LODY, R. O limiar entre nostalgia e mudança. *Revista da Fundação Joaquim Nabuco*, out. 1996.



Bordados e ovos em madeira com imagens de significado étnico polonês, produzidos por Kariane Modelski Golembieski. Nova Prata.

dade longa, ou seja, que vem desde a Antiguidade, quando o ser humano passou a produzir suas peças e ferramentas também de uma forma artesanal para o trabalho agrícola, o que dá ao artesanato uma função correlata à sua praticidade. Desse modo, aliado a sua dimensão objetual, a prática e a *forma* artesanal são frutos de temporalidades que denotam história e cultura.<sup>119</sup>

No dizer de uma artesã de produtos étnicos,

*o produto por excelência é o ovo com suas pinturas, cores e desenhos. Há um significado étnico, histórico, geográfico e topográfico da Polônia. [...] Aprendi com minha avó. [...] Há um projeto agora do Sebrae, chamado Economia da Experiência, o qual objetiva desenvolver o turismo em Nova Prata e, pra isso o artesanato se tornou fundamental. Aqui os poloneses são em torno de 8% da população. Por isso há um mercado. Muitos visitam o município pra ver e comprar o artesanato feito aqui em pedras e em outros ramos e daí o polonês encontra seu espaço. No fundo, tudo tem uma história. Assim como os ovos, os bordados, também há um conhecimento passado pelos avós, por pesquisadores da região, por livros de poloneses, que dão significados aos pontos, ao tecido, às cores, enfim tudo adaptado aos grupos e as regiões na Polônia. O esforço é manter os significados. Por isso que no início não se vendia e ninguém queria saber; depois que participamos de cursos, outros começaram a entender os significados, saíram do deboche de “polaco, de gente sem pátria” e se envolveram na confecção, nos cursos e nas compras. O importante é aliar sempre o produto com o significado histórico e cultural. Para cada desenho há um significado de longa data em meio aos poloneses e, sabendo e entendendo isso tudo, artesanato também vai ganhar mais aceitação.<sup>120</sup>*

---

<sup>119</sup> LODY, R. O limiar entre nostalgia e mudança. *Revista da Fundação Joaquim Nabuco*, out. 1996.



Moinho com roda-d'água medindo aproximadamente um metro e meio de altura construído em pedra-basalto pelo sr. Antoninho Sbroglio. Nova Prata.



Moinho com roda-d'água (em miniatura) também produzido em pedra-basalto pelo sr. Antoninho Sbroglio. Nova Prata.



É por isso que, no tocante à tipicidade, o elemento essencial é a sua historicidade, ou seja, sua aceitação deve estar respaldada pela tradição e cultura. A ideia de utilidade e de “para passar o tempo”, como muitas mulheres que faziam algum tipo de artesanato em lã e linhas em períodos noturnos e/ou dominicais nos comentavam, não o descaracteriza de sua tipicidade, funcionalidade estética e simbólica (saber fazer, presentear etc.) e seriação em pequena escala e em redes de conhecimento que vão *aperfeiçoando-se* em razão de aprendizagens passadas e intercambiadas em territórios locais (dando-lhe exclusividade e interpretação de referencial cultural), em razão, também, de matérias-primas exclusivas.<sup>121</sup>

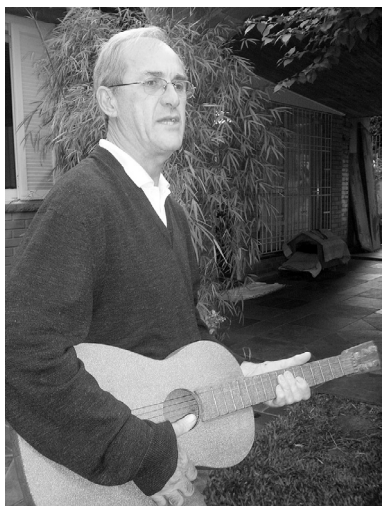
Entendemos que o artesanato deve ser expressão de vida, como etnografia, como tradição, manifestação popular, como arte popular e primitiva, como materialidade da cultura de um grupo, significando história e cultura, resquícios de tempos e fatos expressivos de conhecimentos.

*Não venço fazer o que me pedem; precisaria ser mais novo, ter alguém que quisesse aprender aqui comigo e levar adiante. Mas ninguém quer; ninguém quer trabalhar no pesado. [...]. Fiz moinho, caminhão, violão, poço d'água, uma carroça puxada por bois toda de pedra, uma águia, uma infinidade de objetos em pedra basalto. Tenho a ideia, ideia vem, o problema é o tempo e alguém que aju-*

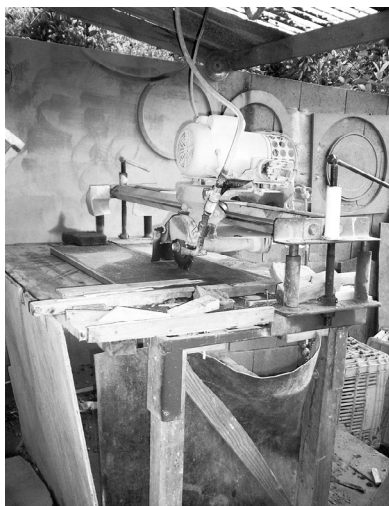
---

<sup>120</sup> Entrevista com Kariane Modelski Golembieski, artesã de produtos de etnia polonesa há 17 anos; reside em Nova Prata.

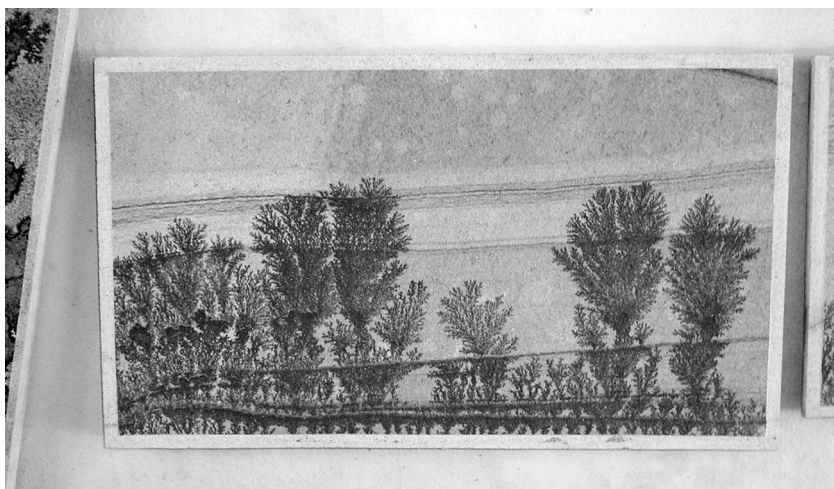
<sup>121</sup> COLOMBRES, A. *Sobre la cultura y el arte popular*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997.



Sr. Antoninho Sbroglio demonstrando uma de suas criações em pedra-basalto (o próprio violão). Nova Prata.



Máquina utilizada para o corte de pedras-basalto.



Quadro com imagem abstrata, possivelmente formada pela ação da água na pedra ao longo do tempo, emoldurado pelo sr. Antoninho Sbroglio. Nova Prata.

*dasse, daria pra fazer tanta coisa de puro artesanato. A pedra se molda com qualquer outro produto. É só saber.*<sup>122</sup>

Nessa linha de compreensão, Rugiu diz que o artesanato traduz em materiais as formas e marcas de seu mundo, ambiente, região e etnia. O plano do fazer, do domínio de conhecimentos e de técnicas de executá-las com as mãos, o uso de ferramentas simples ou não, mas sempre como complemento e projeção do corpo do homem, traduz (sua) cultura e visão de mundo, dialogando com a sociedade passada e presente em seus valores simbólicos e modelos culturais. Autenticidade e rusticidade revelam ser componentes imprescindíveis do artesanato. Porém, não necessariamente excluem-se referenciais externos desvinculados dos espaços locais. O artesanato vincula a complexa relação homem-natureza-cultura, relação essa sempre dinâmica, não cristalizada e que ao mudar altera a todos.<sup>123</sup>

Os objetos de memória, subjetiva e objetivamente, dependendo do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, ao mesmo tempo em relação de reciprocidade.

*Os objetos dão uma certeza que advém de sua materialidade, do fato que quando queremos lembrar eles estão prontos, como passivos recipientes da nossa projeção, das nossas interpretações dos eventos passados. Se pode, portanto, sublinhar que os objetos são dotados de um poder de memória que lhes rende significados. Esse poder, obviamente, não deriva do objeto enquanto tal, mas do fato*

---

<sup>122</sup> Antoninho Sbroglio, 60 anos, de Nova Prata; artesão em pedra basalto; praticamente a vida toda esteve envolvido na atividade de extração, elaboração e comercialização da pedra basalto. É muito reconhecido na região e no estado pelo trabalho artesanal elaborado com pedras.

<sup>123</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

*que ele incorpora e projeta significados importantes para a pessoa que o adquiriu, recebeu ou encontrou em uma situação ou contexto particular que se quer recordar. É através desses objetos que se cria uma continuidade entre passado e presente, e através deles que se mantém viva a lembrança do passado.*<sup>124</sup>

Os objetos significativos estão sempre em relação com a identidade em construção. A lembrança ganha corpo nos objetos significativos, esses gestionam a memória. Os objetos são portadores de significados simbólicos que “os indivíduos podem reconhecer a partir de seu pertencimento a uma comunidade e as consequentes possibilidades de se inserir na memória coletiva da referida comunidade”.<sup>125</sup> Desse modo, é sempre a memória coletiva que atribui significados aos mesmos.

É importante ter presente que entre o presente e o passado apresentam-se traços, vestígios, símbolos mediante os quais pode-se compreender o passado; tratam-se de recordações, imagens, relíquias etc.

A memória não só exterioriza-se num objeto, mas condensa-se e sintetiza-se, assumindo um grande valor simbólico. É por isso que a destruição de um objeto da memória torna-se um ato de destruição do passado e do que a memória quer representar.

Existem conflitos entre o funcional e o simbólico dos objetos de memória, um legitima-se em ações concretas e presentes, o outro no passado com implicações simbólicas para o presente.<sup>126</sup>

É nesse sentido que a noção de transmissão está muito arraigada, regulada, regada e enraizada no hori-

---

<sup>124</sup> JEDLOWSKI, P. *Il senso del passato*. Milano: Angeli, 1991, p. 55.

<sup>125</sup> CARRERA, L. *Il futuro della memoria*. Milano: Franco Angeli, 2001, p. 37.

zonte do artesanato. Isso esteve presente e muitíssimo caracterizado no sistema de corporação de ofícios entre mestres da arte e ofícios para aprendizes.<sup>127</sup> Essa aprendizagem objetivava colocar o cidadão na esfera social e dar-lhe reconhecimento e estatuto social.

### *A tênue fronteira entre o material e o imaterial*

As práticas artesanais no meio rural exerceram uma dimensão de *fato social total* na organização da vida econômica, familiar e infra-estrutural; articulava as ações cotidianas em sua magnitude. Hoje esse papel é bastante reduzido e relativizado.

Na sua forma genérica, a sua transtemporalidade para as décadas mais recentes passara a ganhar identificação em razão de sua transformação técnica, de relações de produção e de sua pretensão de tradição.

A dinâmica do artesanato, em sua confecção e em sua materialidade faz com que a fronteira entre o material e o imaterial torne-se mais tênue. A vida social produz, além de bens materiais, bens simbólicos e imateriais; produz representações, cujo domínio é a cultura, é a comunicação de tempos e ofícios expressa em diferentes tipos de linguagens e imagens, produzindo e reproduzindo em correspondência com a dinâmica do

---

<sup>126</sup> BETTINI, L. Il perdono storico. Dono, identità, memoria, oblio. In: *Il Mulino*, a. XLIX, n. 389, mag./giu. 2000.

<sup>127</sup> Colombres enfatiza a diferença entre artesanato e obra de arte. Essa, para ele, é criação, fruto da própria existência e percepção de mundo do artista; o artesão copia e multiplica o resultado da criação com habilidade e técnicas rudimentares. Por isso que a obra de arte é mais bem remunerada do que o artesanato. (*Sobre la cultura y el arte popular*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997).



Feira de artesãos. Casca - RS.



No centro da imagem pode-se ver um quadro da Santa Ceia trabalhado em madeira por um artesão. Casca - RS.

social, uma espécie de patrimônio social expressivo de horizontes culturais. Por isso que sua significação não está apenas nas suas características físicas e mercantis, mas no que pode passar a representar, como a identidade de determinado grupo, cidade nação, etnia, agrupamento cultural, período histórico ao qual pertenceu. Não nos cansamos de afirmar isso!

Nunca podemos esquecer que índios, negros, caboclos e colonos, por vários motivos e condições, dinamizaram formas de organização de seu trabalho e/ou de suas atividades domésticas cotidianas no horizonte do que se convencionou chamar de artesanato, produzindo uma variedade imensa de produtos e inseridos no horizonte de um sistema de autarcia familiar no meio rural.<sup>128</sup>

Já afirmamos que o artesanato, nos primeiros tempos da colônia, compreendia horizontes interligados na vida do colono no meio rural e suas reduzidas relações com o espaço urbano, porém refletia a profunda correlação de intervizinhança, proximidade, parentesco e unidade familiar, pois grande parte de suas confecções necessitava de uma rede social constituída no interior da família e da comunidade principalmente em torno da mão-de-obra, do intercâmbio técnico e de razões simbólicas em torno do saber, prestígio e reconhecimento.

---

<sup>128</sup> Aqui, a noção de *autarcia* quer significar certa auto-suficiência, subsistência, produção interna na unidade e que se baseia em fatores quase que exclusivamente próprios em torno da matéria-prima, sua confecção e sua utilização. A ideia de autarcia reflete uma espécie de *estrutura* familiar que a unidade camponesa reproduz em interação com o seu entorno nos aspectos econômicos (em geral limitados), simbólicos (saberes, reciprocidade, auxílio-mútuo, parentesco etc.), porém, em dinamismo com os processos históricos e sociais em evidência no contexto específico da vida rural.

O conhecimento e a preservação do *éthos* de colono concretizam-se na criatividade prática como forma de ampliar a receita da família e, com isso, de permanecer no meio rural. Algumas mulheres, por exemplo, atualmente, encontraram na diversificação, na forma de (agro)indústrias caseiras, uma alternativa para evitar o assalariamento urbano e adquirir maior independência financeira na unidade e em relação à dinâmica de organização patriarcal da família. No fundo, são atividades aleatórias, sazonais e circunstanciais que dependem de inúmeros fatores interligados e/ou não, tais como preço de mercado, mercado consumidor, infra-estrutura, força de trabalho, ganhos, tempo disponível, ajudas internas e externas, fiscalização ou liberação, dinheiro disponível para investir (diversificação com um *pouco de capital*).

Há um conjunto sinérgico que determina ou atribui a performance dessas atividades na unidade familiar. Os horários, ganhos, qualidades e quantidades são variados; são variáveis dependentes da organização interna, do desejo dos consumidores, dos retornos evidentes e possíveis. No entanto, obedecem a uma *racionalidade interna*; estão revestidos de um grau de *autonomia* e de *liberdade* em relação a possíveis determinações de preços (por mais que o parâmetro de mercado esteja presente), de tempo de trabalho, além, é evidente, de resgatarem, dinamizarem, inovarem e desenvolverem saberes internos, incorporados aos *novos* padrões alimentares da sociedade, mais voltados aos produtos *orgânicos*. As feiras urbanas, tão comuns em nossas cidades, são fundamentais para a indução de inovação e ampliação dessas atividades.

O artesanato exerceu sua função educativa e pedagógica por centenas de anos no seio familiar e comu-



nitário, bem como possuía uma dimensão econômica central, principalmente em sua relação com o comércio e a agricultura.<sup>129</sup>

Sabemos que o mesmo não possui uma realidade homogênea (há profundas diferenciações internas, práticas e de funcionalidade), também que não é uma atividade que carrega certa simplicidade e facilidade em sua confecção e *técnica*; transmite trabalho, valores, técnicas e signos produzidos no sistema cultural que o indivíduo e/ou grupo pertence; é uma resposta às necessidades do meio ligadas ao trabalho, à vida doméstica, ao adorno, ao lazer etc.; revela criatividade, habilidade, destreza, capacidade de coordenação manual.

Nas colocações de uma artesã, o saber reproduziu-se de mãe para filha. “Aprendi com minha mãe, que aprendeu de minha avó [...]. São poucas as pessoas hoje que se interessam pelo trabalho feito à mão porque é um trabalho que exige bastante”.<sup>130</sup>

Outra, confirma isso dizendo que

*É uma terapia pra mim. Há uns 10 anos atrás eu tive problemas sérios de saúde e minhas irmãs me chamaram para fazer parte da casa do artesanato. Eu não moro aqui, eu venho semanalmente atender um dia na casa do artesão como associada, depois que comecei me dedicar mais ao crochê como terapia eu nem mais consumo remédios, só pelo fato de me dedicar a este trabalho e ficar o dia inteiro. Em vez de ir na casa das comadres tomá chimarrão, eu fico em casa fazendo meus trabalhos, trago pra cá na quarta-feira, me encontro com as amigas que moram aqui, porque eu sou de União*

---

<sup>129</sup> Sobre a história do artesanato, dos ofícios variados e suas interpretações e concepções, ver RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

<sup>130</sup> Entrevista com Clarice Marqueto Pillar, artesã de confecção em linhas e pintura em tecido. Reside em Guaporé.



Peças em crochê produzidas pela Sra. Eunice Marqueto Pasqualotto expostas em uma associação de artesãos em Guaporé.



Artesã trançando a palha para dar forma a utensílios diversos, como cestas, chapéus, bolsas etc. Casca.

*da Serra e me encontro com o resto da família que ficou aqui em Guaporé e, assim eu melhorei.*

*[...]. A venda não é grande aqui dentro da casa do artesão porque a maioria das senhoras daqui faz e, existe muito trabalho que o Sebrae faz mais barato, que eles produzem em séries e não é um artesanato assim exclusivo de uma pessoa. Existe muita coisa no comércio que é o pessoal de fora que vem aqui oferecer, mas a gente tem oportunidade de vender nas corridas do Autódromo ou feiras aqui ao redor, em Serafina Corrêa, em Cotiporã; em vários lugares a gente comercializa alguma coisa.*<sup>131</sup>

Em geral, o saber do artesão não é obtido na escola, mas na relação com o próprio trabalho. Desse modo, o trabalhador tem sua individualidade pelo menos em parte garantida no processo produtivo.<sup>132</sup>

Delina Zampiron Capra<sup>133</sup>, artesã do ramo de palha de trigo diz que faz chapéus “*pra tutti* no meio rural”. Desde aos 11 anos de idade sabe fazer e produz chapéus; aprendeu com sua mãe, a qual fazia-os todas as noites após a janta;

*ficava até virado meio-noite fazendo chapéu e esporte. Sempre com palha de trigo. [...]. Plantamos o trigo, vou ajudar colher pra saber melhor escolher a palha. [...]. E um dinheirinho que entra porque só da aposentadoria não dá pra viver.*

---

<sup>131</sup> Entrevista com Eunice Marqueto Pasqualotto (60 anos), residente em União da Serra.

<sup>132</sup> ALVIM, M. R. B. O artesanato, tradição e mudança social. In: \_\_\_\_ et al. *O artesão tradicional e seu papel a sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 49-75.

<sup>133</sup> Entrevista direta com Delina (89 anos), residente em Serafina Corrêa.



Produtos coloniais estocados em porões, geralmente, para consumo na própria unidade familiar.

A diversidade de que falamos encontra-se nos processos de confecção, nas intencionalidades, na riqueza das relações sociais internas, no seu uso próprio, na venda mercantil, na reciprocidade ou troca simbólica (trocar um produto por outro artesanato ou por matérias-primas).

No caso do artesanato comercial, o mesmo expressa uma produção independente, apropriação dos meios (ferramentas), quando não das matérias-primas, de seu trabalho e da venda direta do produto do trabalho e não de sua força.

Não é incomum que formas artesanais possuam caráter popular, fruto de tradições e saberes de passagem de pai para filho, de mãe para filha, ou seja, um ofício de âmbito familiar, de participação quase por inteiro do processo produtivo.

*Nenhuma outra forma de experiência formativa conserva em si os valores diversos do controle direto e progressivo, partindo da ideia originária até a realização final, da objetivação pela do subjetivo e da produção de bens aproveitáveis pela comunidade.*<sup>134</sup>

Não podemos deixar de mencionar, também, que falar sobre artesanato na região identificada significa adentrar numa série de questões em torno do valor, do uso e da troca do trabalho e de seus saberes e sujeitos

---

<sup>134</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 156. Para esse autor, o artesanato expressa uma energia criativa; em geral é desenvolvido sem a consideração imediata pelo seu rendimento material e também pela necessária transformação do produto em mercadoria ainda que assim o possa ser; há o predomínio da fruição, do desejo pela beleza das formas e de uma outra concepção de tempo em sua confecção; ensina a raciocinar fazendo.

promotores; é buscar vincular e articular compensações, necessidades, envolvimento espaciais e temporais no conjunto da vida no meio rural ou identificação intermediária como morador da sede da colônia, como *professional* do ramo ou não; valores familiares, trabalhos de gênero e sua dimensão doméstica e social, dentre infindáveis processos não podem ser negligenciados.

### *A esfera da mediação mercantil*

A agricultura de subsistência e o artesanato (em muitas situações, ambas complementavam-se), com o passar dos anos, aos poucos, foram sendo inseridos na dinâmica de uma agricultura comercial, a qual já vinha alterando-se nas colônias mais antigas, vinculadas e mediadas pelos comerciantes (com seus cargueiros, caixeiros-viajantes, carreteiros e caminhoneiros; posteriormente, grandes agroindústrias de banha, vinho, cereais e carnes etc.), aprofundando e complexificando as relações entre o colono e ramos do capital comercial e/ou industrial e, também, ampliando redes de comércio e de interligação inter-regional.

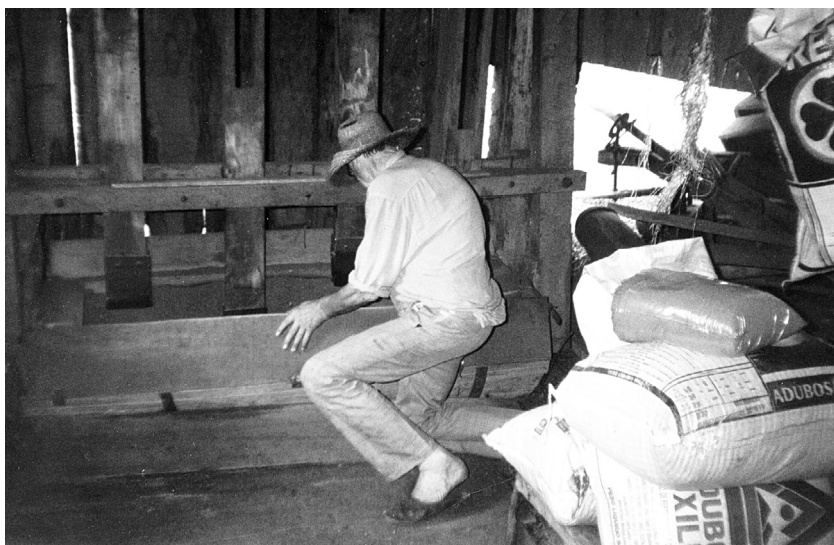
O comerciante e o comércio foram fundamentais na região colonial, muito mais do que nos espaços de campanha. O desenvolvimento econômico de uma microrregião dependia muito do comerciante e de sua dinâmica mercantil.

Sabemos que os descendentes de imigrantes italianos e de outras etnias na região de estudo – espaço das novas colônias de migração – sempre diversificaram muito a produção. A manufatura familiar contribuía muito nisso e estava em consonância com a agricultura

e as dinâmicas de comércio local e regional. O comerciante foi um elo importante nessa sinergia produtiva e de reprodução de saberes de uma colônia para outra (e por que não dizer de um além-mar para outro), o mesmo sabia da necessidade monetária do colono e de que os lucros da agricultura eram variáveis dependentes da dinâmica da venda dos produtos.

O plantio do trigo para obter o pão branco, a cevada para a confecção de cerveja, a cana para o açúcar, melado e chimia, o milho para farinha e criação de animais e, desses, em especial o suíno para obtenção de carne e banha.

*Tudo isso se produzia e, as veis até em abundância de não tê pra quem vender. Meu velho pai sempre dizia que tinha porco que*



Sr. José Pertile espalhando a erva-mate para que seja socada uniformemente. Marau.

*morria de véio e cansavam de jogar fora erva-mate pronta que se estragava nos galpão por não ter pra quem vender;*

nos disse um colono do meio rural de Nova Prata. O problema expressado era a falta de ter para quem vender. Muitas casas de comércio exerciam essa mediação, algumas até solidamente estabelecidas. Histórias de grandes e médias empresas em espaços da região colonial do Rio Grande do Sul, em especial, da Encosta Superior do Nordeste, são expressivas dessa performance comercial nas primeiras décadas do século XX.

A grande preocupação existente do colono e também do pequeno comerciante das comunidades rurais era ter para quem vender. No caso de grande parte dos produtos artesanais, “era produzido mesmo pra vida da família”, o grande problema era sim a agricultura,

*era dela que saía o dinheiro, era dela que saía pra comprá os mantimentos pra casa. Sem esse dinheiro o colono não vivia, por isso que o comerciante com isso faturava em cima dessa realidade, né. Por isso que meu pai, por exemplo, e uns tios, irmãos dele, foram fazer carpintaria, de pedreiro, o que aparecesse, pois daí faturavam um pouco pra sustentar a casa. Esperá só daquilo que se conseguia vender não dava, né.*<sup>135</sup>

É importante observar a estreita relação entre a organização do comércio de exportação e a do comércio local. Milho, banha, feijão, fumo, aguardente, ferros, ferramentas, vidros, papéis, produtos químicos, arroz, trigo, conservas, couros, calçados, mercearias, drogarias, tecidos, armarinhos, bazares, louças, papelarias, artigos de escritório, rádio, eletricidade, laboratórios, ferros, má-

<sup>135</sup> Entrevista com Aurélio Agnesi, residente em comunidade rural de Veranópolis.





Soque de erva em funcionamento.

quinas, quinquilharias, construções, navegação fluvial, transporte em geral, dinamizavam ramos comerciais e compunham as práticas artesanais dos colonos e de cidadãos.

*Aqui se fazia meio de tudo. Não tinha outra forma; que esperança! Comprar aonde tudo o que se tinha necessidade? Vinha o ferro e dele se fazia de tudo, foice, enxada, arado, ferramenta de casa, faca, facão, falcin (ancinho), tudo. Com o ferro, aço também, o fogo, a bigorna e a boa vontade que, graças a Deus o pai ensinou, se fazia de tudo [...].<sup>136</sup>*

---

<sup>136</sup> Entrevista direta com Vicente Toniollo (79 anos). Por décadas exerceu a atividade de ferreiro no meio rural de Marau. Hoje mora no meio rural do mesmo município e conserva a construção da ferraria e as ferramentas que usava para trabalhar.

## Outro entrevistado nos diz que

*fazia de tudo o que tu pode imaginar com o ferro; fiz arado e toda a ferramenta que se utilizava na lavoura, carretas não têm a quantidade que não fiz. [...]. Hoje tá aqui abandonada, com um capital imenso de ferramenta e de produto aqui também feito e meio pronto, mas não tenho mais vontade, porque ninguém vai tocá pra frente e a agricultura agora ninguém lavra mais, nem carpem, os arados tão abandonados. Daí se foi o serviço do ferreiro”.*<sup>137</sup>

As redes de comércio local nos espaços das colônias velhas e mesmo, posteriormente, nas novas, eram fundamentais para o desenvolvimento a jusante e a montante de determinadas atividades artesanais, ofícios e



Utensílios comuns fabricados artesanalmente em uma ferraria.

<sup>137</sup> Entrevista com Alcides Zarpellon (73 anos), residente em Serafina Corrêa. Por quase 50 anos dedicou-se com ferraria no meio rural.

produtos considerados sinérgicos ao horizonte produtivo e de vida em geral do colono, bem como fundamental para dinâmica mercantil do espaço das colônias e dos povoados que cresciam e permitiam que se desenvolvessem atividades *além e para* a agricultura.

### *Sujeitos e ofícios*

*Artesanato é produção humanizada e humanizante.*  
(Rugin)

Como já falamos, é difícil dar uma caracterização e/ou uma identificação precisa do que pode ser considerado um produto artesanal em razão de seus víncu-



Sr. Andréa Selong marretando um machado sobre uma bigorna em sua ferraria. Passo Fundo.



Produção artesanal de pipas e barris em madeira na propriedade do sr. Lucídio Bongiovani. Nova Bassano.

los étnico-culturais, de suas intencionalidades, de sua agregação com a vida cotidiana dos grupos sociais e de seus instrumentos de confecção.

Os ofícios variados, priorizados mais por uns e menos por outros, estavam em correspondência com a dinâmica da agricultura. Sabemos que nem todos os imigrantes eram agricultores e que nem todos dedicaram-se exclusivamente à agricultura, ainda que tenham ido para o meio rural. Várias profissões e/ou ofícios desenvolviam-se em espaços agrícolas, como foi o caso dos funileiros, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, oleiros e pequenos comerciantes.

Marceneiros, principalmente do ramo da cultura da uva, são expressivos no meio rural e urbano de várias cida-

---

<sup>138</sup> Lucídio Bongiovani, marceneiro há décadas em torno da fabricação de pipas e barris em Nova Bassano. Sua esposa também o acompanha nessa atividade.

des da região colônia. Entrevistamos o senhor Bongiovani<sup>138</sup> e o Senhor Gasparin<sup>139</sup>, históricos artesãos do ramo de confecção de pipas de vinho. Esse último nos disse que

*faço de tudo o que serve pro vinho: pipas, mastel, tinas, sotospina, barris, gamelas. Aprendi com o pai, vendo, me envolvendo. Já faz mais de 20 anos que faço, claro que não deixo da roça; é quando dá e quando tem mais serviço. Trabalhei um tempo pros Coldebella de São Luiz da Mortandade, depois resolvi me virar sozinho; não tem ninguém que me ajuda, faço o que dá sozinho, ninguém dos novo quer se dar com isso hoje.*

Bem como o Senhor Perruzzo, que nos diz que “o interessante hoje é oferecer uma boa farinha, com milho selecionado, atender bem o cliente que, ainda que em tendência de sumir, esse tipo de moinho dá pra ir pra frente”.<sup>140</sup>

Na análise de Pont, o ferreiro era fundamental para vida tanto da campanha quanto da colônia; começou com as marcas de ferro – as ferramentas –, passando para as ferraduras e para as ferragens dos veículos de época, de tração animal: primeiro as carretas, depois as carroças, as diligências, seguidas das demais carruagens que o processo evolutivo foi despertando.<sup>141</sup>

Na análise do mesmo, os europeus traziam certas técnicas que o caboclo desconhecia: o domínio fácil da forja, o conhecimento da intensidade do calor produzido pelo carvão, para melhor fusão do material. O artífice

---

<sup>139</sup> Dionísio Gasparin (60 anos), exerce há 20 anos a atividade de confeccionar barris e pipas de madeira; desenvolve atividades no meio rural de Marau.

<sup>140</sup> Wilson Perruzzo (64 anos), moinheiro de Serafina Corrêa. Atua nessa atividade há várias décadas.

<sup>141</sup> PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983, vol. 2, p. 324.



Sr. Andréa Selong utilizando uma gilhotina para cortar uma barra de ferro aquecido. Passo Fundo.



Mario e Celso Marina moldando uma pá de arado. À direita duas forjas com fogo. Guaporé.

já iniciado no conhecimento da siderúrgica, trazia noções dos efeitos do fogo na transformação dos minérios. Depois de moldado o ferro, às vezes, havia necessidade de torná-lo uma só peça, o que se obtinha pelo caldeamento. Executava a solda pelo estado de fusão, ponto a que deveria chegar o minério, através do aquecimento. Por mais de dois séculos essa prática não se alterou e mesmo na Europa usava-se o mesmo sistema de liga. A solda de areia era conseguida com ferros da mesma espécie, levados ao fogo até o ponto de fusão. Mesmo com recursos rudimentares, o ferreiro fabricou sua própria forja, que era constituída em tijolos refratários ou de barro cru, cuja fornalha tinha ao centro uma tubera ligada ao fole, que produzia ar e era constituído com dois pranchões de madeiras e a parte lateral, de couro cru. Uma das tampas trazia uma sopapa e o seu movimento controlava a entrada de maior ou menor porção de ar. Sua função era ativar o calor da forja, quando necessário ou mantendo-o fraco para um menor aquecimento.

A fornalha e a frágua eram o laboratório onde caldeavam-se as transformações multiformes do ferro bruto e o forjador era o artista da modelação. O caldeamento mais comum era feito com o concurso da areia seca e fina, permitindo unir partes sobre-postas; outra forma era a liga de topo, e, quando o ferro era de maior espessura, exigia a calda chamada boca de lobo. A combustão era obtida através do carvão-de-madeira e constitui um grande avanço na técnica de forjar, quando foi descoberto o carvão chamado de pedra (coque). Os carvoeiros, desempenharam, assim, importante função, produzindo um carvão obtido de madeira-de-lei, submetida a um fogo subterrâneo, numa operação muito lenta.

Para o forjador, habituado às lides constantes junto ao fogo, a combustão oferecia-lhe certas observações interessantes: as chamas produzidas serviam-lhe de indicativo barométrico. Em certos dias, o comportamento do fogo era agitado de tal forma que produzia labaredas estranhas que prenunciavam com segurança as alterações climáticas: a chuva estava próxima! O forjador, o mestre da forja e seus ajudantes traziam sempre um grande avental de couro com o fim de proteger suas roupas das centelhas de fogo que o martelar sobre a bigorna produzia. A ferraria primitiva oferecia um misterioso fascínio aos recém-iniciados, havia, inclusive, uma hierarquia de aperfeiçoamento que começava como aprendiz e passava ao ajudante. Esse aperfeiçoamento desenvolvia-se numa sucessão de estágios dentro da trilogia fole, frágua e bigorna.<sup>142</sup>

Na análise de Giron e Bergamaschi, tropas e tropeiros, casas comerciais, cargueiros de mulas possuíam correlação com o artesanato. Os comerciantes levavam das colônias para Porto Alegre alguns produtos, como milho, trigo, feijão, batata, tecidos, alfafa, madeira, erva-mate, porcos, couros, entre outros, e traziam fazendas, açúcar, sal e demais artigos de comércio. Os tropeiros conduziam tropas de mulas ou de gado bovino e traziam charque, couro, pelegos, lãs e queijos.<sup>143</sup>

O uso da carreta dinamizou ainda mais o comércio, fazendo com que prosperassem outros ramos como ferrarias, selarias, fábricas de carroças. O comércio ligava-se com a produção e, por muitos anos, conviveram artesãos e varejistas. O comércio modelava a colônia e organizava

---

<sup>142</sup> PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983, vol. 2, p. 326-327.

<sup>143</sup> GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. L. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: Educus, 2001.



seu espaço econômico; daí, surgiam novos serviços, dentre eles casas de pasto, botequins e oficinas, ferrarias, hotéis e outros.<sup>144</sup> Desse modo, é possível perceber a profunda retroalimentação entre a vida da colônia e suas produções e cultivos com a dinâmica do comércio, do uso do dinheiro na vida cotidiana e da dinâmica das profissões/ofícios.

Muitos colonos tornaram-se comerciantes, vendiam e compravam; muitos artesãos também vendiam diretamente seus produtos aos consumidores em espaços de feiras urbanas como acontece atualmente. Tropeiros, carreteiros, mascates, viajantes em geral disseminavam produtos, inovações, gostos, desejos, invenções e novidades. Isso repercutia muito na esfera das aprendizagens artesanais.

Mascates tornaram-se comerciantes, enriqueciam e seu enriquecimento chamava a atenção dos colonos, pois vendiam de tudo um pouco. Associados a eles estão as malas (viagens), as mulas, as mercadorias, as canastras.<sup>145</sup>

A infra-estrutura de estradas, ferrovias e do comércio para grandes centros ampliou a produção de diversificados e estimulou a agricultura de excedentes. O artesanato, com isso, recebeu maior visibilidade mercantil e foi além do horizonte doméstico, como foi o caso da aguardente de cana, do vinho e cerveja, da torrefação de café, dos derivados do porco, dos licores, da erva-mate, das cestarias, das palharias etc.; dinamizaram-se os moinhos coloniais, as olarias, as metalurgias, as pequenas manufaturas moveleiras, as atividades em

---

<sup>144</sup> Ibidem.

<sup>145</sup> Ibidem.

couro, dentre uma infindável variedade de atividades de descrição quase infindável.

Diz Giron que os colonos vendiam banha, ovos, toucinho, salames, vinho, graspa, mel e manteiga. Na colônia era plantada uma variada gama de grãos como aveia, alfafa, centeio, trigo, milho, arroz, feijão, lentilhas e amendoim.<sup>146</sup>

Em entrevista com um marceneiro fabricante de pipas, o mesmo nos diz que “fazia de tudo, bordaleza de quantas medidas o interessado quiser, madeira e saber não falta; faço as pipas de fermentação e as de depósito do vinho, barris para cachaça, tudo o que o freguês pedir, a gosto do freguês, né.”<sup>147</sup>

Um outro fabricante de cachaça e graspa nos relata que:

*antigamente alambiques, carijos, barbaquás e cantinas domésticas existem por toda a parte. [...] O alambique não tem muito segredo, monta-se um fogão de tijolos, no buraco se bota o bojo de cobre do alambique. Do lado direito do fogão há um tonel cheio de água fria com serpentina dentro. Outros tonéis como esses serve para botar o caldo da cana para fermentar. Depois da fermentação, alguns botam algum produto pra provocar uma melhor fermentação, batatinha ou trigo, se bota pra queimar dentro alambique. Daí sim precisa cuidado, conhecimento do ponto do fogo, pois é o calor do fogo que provoca a evaporação da cachaça, se liquidifica como dizem, né, quando passa pela serpentina que fica submersa na água fria, saindo daí pra torneira que, vai pras garrafas. Daí se mede o teor de álcool e alguns botam em barril de grápia e, aí é só escolher o cliente, pois tem gente que só pra vê que*

<sup>146</sup> Ibidem.

<sup>147</sup> Entrevista com o “sr. Gasparin” (como é conhecido), marceneiro especializado na confecção de recipientes para o trabalho e o cultivo do vinho. Reside no meio rural do município de Marau.

*vem a procura da graspa ou da cachaça que fizemos. Ah, só pra lembrar; se coloca também algum temperinho; tem muitos que gostam com funcho ou outra semente. No fundo temo até de esconder; porque é só tu dizer pro pessoal da cidade que tem graspa artesanal que chove de gente.*<sup>148</sup>

Ribeiro e Pozzenato também detectam várias atividades artesanais em espaços de colônias novas no extremo norte do Rio Grande do Sul. Dizem os autores que era comum perceber a existência de artesanatos de utensílio para uso próprio, como gamelas, cestos de vime, cabos de enxada, foices, martelos, ancinhos, bancos de madeira, chapéus e bolsas de palha de trigo; além de atividades, como ferreiro, funileiro, marceneiro, sapateiro, costureiro, alfaiate, monjolos, barbaquá; produtos como carne defumada ou salgada, derivados do leite (manteiga, puina), artesanato da produção pela conserva de vegetais como pepinos, cebolas, pimentões, repolhos, cenouras; além do clássico artesanato dito “feminino” como tricô, crochê, bordos entre outros.<sup>149</sup>

O domínio técnico de artesão, trazido da Itália e/ou hibridizado nos espaços de destino e desenvolvido no seio familiar e comunitário, promoveu profissões interligadas ou não à agricultura, porém disseminadas no conjunto das atividades *da e para* a família.

O artesanato feito com a fiação do linho, com o curtimento do couro, com o barro, com o ferro, com a madeira, as produções de alimentos, bebidas e chás, dentre inúmeros outros, confeccionados a partir de

---

<sup>148</sup> Entrevista com o sr. Migliavaca, residente no meio rural de Serafina Corrêa.

<sup>149</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZZENATO, J. C. *Terra & gente: aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: EducS, 2002.



Alambique artesanal para confecção de cachaça e graspa. Propriedade do sr. Ocle-rolindo Santin. Marau.



Alfaiate, sr. Ricardo Ferreto, em seu ateliê.

hibridizações de produtos em correspondência com fatores ligados à moradia, à mobília, à vestimenta, aos instrumentos de trabalho, à alimentação, à saúde, ao frio etc., expressam saberes existentes, adquiridos pelas relações externas, constituídos no local. Não era raro colonos deixarem da produção agrícola – adquirindo-a nas vendas – e dedicarem-se unicamente ao artesanato.

*Aprendi um pouco sozinho porque a gente tinha de ver e se virar, pensar bem pra não jogar fora material que naquela época custava e era escasso, saber temperar bem o ferro pra não estragar ou ter de fazer tudo de novo. Agora, não fazendo até acertar, mas naquela época perder material significava perder o trabalho. [...]. Meu pai lidava com isso, meio que nem andarilho, né, não tinha oficina, nem trabalho fixo, alguém chamava pra fazer alguma coisa ele ia, por isso foi mais do que ferreiro, fazia sela, foi carpinteiro, fabricou máquina de fazer tijolo. Naquele tempo se aprendia mais e se fazia, dificilmente se errava porque se pensava bem antes, se pegava uma opinião e o material que tinha era aquele, então tinha de levar bem tentado.*<sup>150</sup>

Os objetos do artesanato são visíveis, suas intenções e necessidades também, porém suas correlações adentram para horizontes do simbólico, da herança cultural que grupos sociais apreenderam de diferentes outros grupos de convivência histórica e contemporaneizada em seus múltiplos tempos e espaços de vida, portanto de trocas culturais étnicas, de saberes adaptados e inventados

---

<sup>150</sup> Entrevista direta com Andréa Selong (70 anos). Foi ferreiro no meio rural de Marau por mais de 40 anos. Atualmente exerce, ainda, algumas atividades de ferreiro no meio urbano de Passo Fundo.



Sr. Dionísio Gasparin produzindo artesanalmente um maio.



Peças comuns utilizadas na lide de carreiros e tropeiros. Museu do Carreiro. Muçum.

ao sabor das circunstâncias (processos envolvendo trocas culturais produziram formas artesanais mescladas em saberes e intenções comuns e readaptadas).

*A atafona era o lugar onde se fazia a farinha de mandioca. Trazia raiz de mandioca e raspava com uma faca, depois passava no ralo, empurrando com a mão. Pra secar tinha uma prensa, então, colocava uma camada de folha de coqueiro, depois uma camada de mandioca ralada e assim sucessivamente. Quando enchia o recipiente igual a um barril grande, com ferro em volta, e uma madeira muito boa, ficava secando, escorria a água com que se fazia o polvilho. Metade da mandioca ralada se levava para tirar o polvilho, e, metade não, por que se não a farinha ficava sem gosto. Ficava lá umas 4 ou 5 horas tocando até secar. Precisava uma pessoa de força. Depois tirava a massa e ficavam uns tipo queijos. Então, desmanchava e ficava crua se passava dentro do forno com as pás e fogo embaixo. Quando estivesse seca tirava e botava outra. A seca era passada numa peneira e ficava uma farinha mais fina. Fazia farinha, carola e carolão. Carola, mais grossa, se comia e a bem grossa se dava pros porcos e animais. Com farinha de mandioca se fazia Biju. Era ela misturada com açúcar, assim: numa frigideira se punha aquela massa, em cima açúcar, depois massa, mais açúcar. Depois punha no fogo baixo, cozinhava de vagarinho, virava aquilo na mesa, se repartia, ficava quase como um bolo. Pra fazer o polvilho se deixava ele sentar na água e depois se tirava a água e ele ficava no fundo.*

*Meu pai comprou uma máquina e foi num negro aprender fazer raspadeira, para raspar mandioca, feita de madeira. Era um quadrado com travessas no meio, onde se batia a mandioca que caía embaixo, numa esteira de madeira. Depois a gente*

*botava a água em cima e essa cata num lugar depois se tirava o polvilho. Não precisava mais estar rodando para escorregar a água e nem ralava os dedos. Fazíamos doce de polvilho. Roscas. Vendia-se.*<sup>151</sup>

## *Intercâmbios culturais*

Falar em artesanato é, no mínimo, correlacionar tempos, culturas e contatos; é ter presente elementos que são apreendidos, acrescidos, intercambiados e enriquecidos com o contato cotidiano inter e intra étnico, com heranças europeias, formas e traços culturais produzidos pela relação ambiental e social no contexto do vivido, pelas re-adaptações e invenções em razão das mudanças sociais, do ambiente e dos recursos e domínios tecnológicos presentes em temporalidades variadas.

O uso e a confecção de determinados objetos de couro, por exemplo, é expressão de trocas culturais com luso-brasileiro, o qual permitiu, também a difusão de determinadas técnicas no trabalho com animais, no transporte de cargas em carretas e canastras, fundamentais em momentos de necessidade de proteção da chuva, do frio, da umidade, em atividades pastoris, aperos para a montaria etc.

Os contatos com culturas estranhas às do colono, como é o caso da indígena e da cabocla (principalmente em espaços de colônias novas), permitiu a absorção e

---

<sup>151</sup> Entrevista de Alípio Gehlen (70 anos), agricultor, de Boa Vista, interior de Dois Lajeados, por KARAM, E. M. C. *Raízes da colonização*: em destaque a Colônia Guaporé e Dois Lajeados. Porto Alegre: Corag, 1992, p. 174-175.



difusão de saberes, práticas, usos e utilidades de novos referenciais no campo artesanal.

Confecções em vime, em tecidos, em madeiras, em palhas, em cipós, em couro etc. representam essa intercambialidade espacial e histórica do colono e/ou do cidadão migrante. As cestarias (taquara, vime, cipó, palhas de trigo e milho etc.), a famosa *dressa*, os cestões para carregar o milho, os cestos para a coleta da uva, os cestos para o pão, os cargueiros, as peneiras para os doces e para classificação e limpeza de cereais, os revestimentos de litros e garrações etc. são apenas algumas das manifestações da incorporação e difusão interna e externa de saberes e práticas artesanais que a história e a convivência foi estruturando.<sup>152</sup>

*Vinham lá de cima pra cá caboclos de Lagoa Vermelha, André da Rocha, Lages também que eram região de caboclos, vinham vender mulas, aperos para montaria e para lidar na lavoura com os animais. Vendiam couro curtido a um preço baixo e nós ia fazendo outros produtos. Desmanchava um suitera (arreador) por exemplo, via como tava feita e ia fazendo outras, laços, comachos, sogas, tudo que dava pra fazer com couro. Sempre gostei de lidar com couro, queria quando jovem trabalhar no curtume, meus pais não deixaram, por isso sempre gostei de lidar com couro. [...]. Ainda hoje se precisar faço de tudo com o couro.*<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; TONIAZZO, M. E. P. O artesanato feminino na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Anais do I e do II Fórum de Estudos Italo-Brasileiros*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1979, p. 233-240.

<sup>153</sup> Entrevista direta com Cezar José Rossetto (80 anos), agricultor (hoje habitante da cidade de Serafina Corrêa). Por muitos anos desenvolveu atividades artesanais com couro.

Como já falamos, o artesanato está muito em correspondência com o estilo de vida do mundo rural e dos ofícios que foram reproduzindo-se entre as colônias e os espaços de migração. Eram esses espaços e suas exigências de vida em geral que demandavam uma maior instrumentalidade, que não resultava em receitas financeiras imediatas em razão da sazonalidade e dos ciclos dos produtos.

Segundo um produtor de erva artesanal, preparar a erva exige uma ciência para poucos, exige dedicação, domínio técnico e gosto pelo que se faz, “pois o trabalho que dá, hoje não compensa”. Segundo o mesmo, “muito foi aprendido com um caboclo que nós pegava sempre pra fazer erva”. Subir nas ervateiras, descobri-las no meio de matos, desganhá-las, juntar os galhos e levá-los até o “sapeco” exige sincronia. O domínio técnico (que nada mais é do que a experiência que se renova) e os cuidados são fundamentais, pois podem alterar o sabor da erva. No carijo deve-se ter cuidado com o tipo de lenha utilizada, com a labareda que ela produz e com o volume do fogo.

*Em geral, agente usa lenha seca misturada com os galhos da ervateira que sobraram do corte, cuidar; também de não sapecar com muito sol, pois seca demais e é mais fácil de queimar. Nós sapecamos mais de manhã cedo ou a noitinha. Pelo cheiro da labareda e que a erva solta eu já sei o ponto da sapeca. As folhas precisam estralar; quando isso se mostra, a erva sairá bem feita. Depois de feito esse serviço, se carrega as folhas e ramos finos dentre de cestos ou sacos e se leva ao carijó ou ao barbaquá e, aí é o cuidado para não sapecar demais, para não queimar; o cuidado com o vento, com o fogo, tudo isso exige cuidado, envolvimento e dedicação sempre*



Método artesanal de produção de calor (carijo) para secagem da erva-  
mate na residência do sr. José Pertile. Marau.



Sr. César José Rossetto cortando couro para confecção de partes de  
arreios para montaria. Serafina Corrêa.



Método artesanal de produção de calor (carijo) para secagem da erva-mate na residência do sr. José Pertile. Marau.

*e direto, não tem pará pro almoço e mesmo de noite, se revesemo direto aqui entre nós. Quem faz erva não pode fazer dois serviços diferentes ao mesmo tempo. Tem temporadas que fico até três dias direto com o fogo”.<sup>154</sup>*

Até bem pouco tempo, segundo o entrevistado, era muito comum o pessoal fazer todo o serviço no meio do mato perto de uma fonte d’água. “Aí sim, tinham de cuidar das labaredas, deixar calmo, sem faiscar, pois qualquer descuido se perdia tudo e, não era poucas as vezes que isso acontecia. Ninguém podia dormir”. Feito

---

<sup>154</sup> Entrevista com José Pertile (76 anos). Por mais de 40 anos fabrica erva artesanal em sua propriedade no meio rural do município de Marau.

o sapeco final no barbaquá ou no carijó, a erva vai para a cancha tocada a motor, onde será moída “até ficar no ponto, daí é procurar comprador”.

Vimos, em dois produtores, sacos de ervas estocados no porão da casa, pois “é mais fresco e não entra sol, tempos atrás se colocava em caixões, bem socada para não deixar entrar ar e perder a cor. Alguns tinham condições de fazer a erva durar de um ano pra outro”. Porém, segundo o mesmo, não era incomum a perda da erva após alguns meses devido à falta de cuidado, de infra-estrutura e, acima de tudo, de consumidores internos e de compradores. Diz ele,

*nossa erva é bastante consumida em Passo Fundo e Marau e, tu pode ver essa erva aqui é de três mês e ta verdinha como recém feita; é o segredo de saber guardar. Uns guardam no freezer, mas eu não posso fazer isso porque tenho bastante, então, se aprende a ciência de fazer as coisas. Tu não pode deixar entrar vento, nem claridade e nem rato, né, bem fechada caixa e bem socada é melhor do que se fosse recém feita. Tenho sempre erva como se fosse do dia. Faço sempre na entrada do inverno que daí o frio desse tempo ajuda a conservar a erva.*<sup>155</sup>

Nessa intermediação produtiva e na situação de carência econômica, o artesanato cimentava relações promotoras de certa receita monetária, bem como supria a impossibilidade de adquirir (também pela ausência de oferta) meios de vida, objetualidades funcionais às

---

<sup>155</sup> Entrevista direta com fabricante artesanal de erva, o qual preferiu não ser identificado por temor de fiscalização em razão de, nas suas palavras, “trabalhar tudo meio frio, porque se é de trabalhar tudo como exigem e as leis, né, não sobra nada, trabalhamos de graça daí”.



Vinho artesanal estocado no porão da residência do sr. Dionísio Gasparin em pipas de madeira de sua própria fabricação. Marau.

necessidades cotidianas do núcleo familiar, ganhando, com o tempo, conotações de identificação étnica e da vida rural, imbricados em horizontes de valor de uso, de troca e de uso como valor.

### *Dimensão prática de uma autarcia familiar local*

*Se o homem faz convenientemente o seu ofício,  
o ofício fará o seu homem (Benoist)*

*O trabalho de fabricação de barris é tradição da família Bongiovanni e vem vindo de geração para geração: avô, pai, filho. A fabricação de barris, tinas e máquinas de moer uva vem sendo feito de uma*

*maneira mais artesanal com o objetivo de preservar e não se perder os valores antepassados. A madeira mais usada é a garapeira, pois não deixa gosto no vinho e é ótima na conservação do mesmo. Essa madeira vem do estado de Rondônia e Mato Grosso. Esses barris e máquinas são vendidos na nossa região onde é grande a vinicultura e apreciadores de um bom vinho e querem ter este em suas pequenas propriedades, não só pessoas do interior, como pessoas da cidade que montam sua pequena cantina [...]. É importante preservar algo que nossos antepassados faziam, pois os tanoeiros são pessoas que fazem parte deste grupo.<sup>156</sup>*

É evidente que ao falarmos de artesanato, em geral, acabamos imprimindo uma concepção um tanto romântica, nostálgica e ufanista do passado. Numa dimensão meio pragmática, tendemos a revelar feitos sem defeitos. Temos dificuldades em imprimir uma visão realística da atividade e do sujeito envolvido no seio da sociedade atual, até porque, é difícil não concordar com a ideia de que artesanato é resultado da habilidade treinada e de uma mentalidade, isto é, sabedoria própria do *métier*. É um saber-fazer, o que constitui propriamente o binômio característico do artesão; conhecimento técnico, domínio das regras da arte, intelecto prático; é o estilo; é a originalidade; é o jeito pessoal, a sensibilidade a inteligência a sabedoria adquirida na profissão, a dignidade pessoal, enfim a personalidade e todo envolvimento que se transferem ao produto de suas mãos.<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup> Entrevista com Lucídio Bongiovani de Nova Bassano, fabricante artesanal de pipas e barris de vinho.

<sup>157</sup> KLEIN, R. G. *O despertar da cultura: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Produzir telhas de barro, trançados de palha, doces, licores caseiros, bordados etc., além de serem utilitários, são alternativos aos produzidos industrialmente por processos mecânicos, pelas racionalizações das estruturas modernas de trabalho e da técnica que o mercado exige. Nessa ideia do *caseiro* vem a simbologia que “pega hoje”, como nos disse uma confeitadeira no meio rural de Casca, “é bom dizer que é artesanato e, quanto mais de antigamente melhor”.

Já vimos que rituais festivos de família e/ou comunitários revelam os primeiros tempos da vida nas colônias pelos imigrantes e/ou descendentes como carregados de limites, lutas, sacrifícios e precariedades. Esse processo passa a ser justificador de fazeres e saberes próprios e práticos. Aqui entra o artesanato. Cada família encontrava formas de aliviar esses limites de oferta e de possibilidade de aquisição de utensílios e objetos úteis à vida cotidiana da casa e da roça. Uma senhora nos disse que até pouco tempo produziam a farinha de mandioca, sempre fizeram o pão, a banha, “azeite fui conhecer nas casas dos outros, hoje tá mais comum, mas eu prefiro ainda a banha”, com madeira faziam seus caixotes e cepos; elaboravam grande parte de seus tecidos ainda que de uma forma rudimentar, “sempre fui boa costureira e sempre teve quem costurasse na família”.

Depoimentos carregados de saudosismo e ao mesmo tempo de ufanismo revelam saberes que se fixavam em profissões, como ferreiro, funileiro, oleiros, marceneiros, tanoeros, serralheiros, cervejeiros – “esses mais aqui pra baixo em Encantado, região mais de alemão”.

Jean Roche coloca que os artesãos alemães, que desde 1846 estimavam-se em várias centenas, encontravam



condições favoráveis ao exercício de sua profissão nos municípios de população luso-brasileiras, que os acolheu bem. Sua boa sorte adveio do fato de que as tradições e os preconceitos afastavam a população luso-brasileira de certas artes mecânicas. Foram carpinteiros, marceneiros, ferreiros, fabricantes de carroça, alfaiates, sapateiros, moageiros, pedreiros, hoteleiros, relojoeiros, fotógrafos. Dedicaram-se a inúmeras facetas, quer seja aproveitando matérias-primas da região (como a lapidação de pedras semi-preciosas) quer seja aproveitando essas matérias-primas para atender às exigências do consumo. Nesse caso, destacaram-se como produtores de banha (numa época em que não existiam os atuais óleos vegetais para cozinha), como madeireiros e donos de serrarias (suprindo tábuas e vigas para a construção de casas), como produtores de fumo e cigarros, e, principalmente, como fornecedores de arreios para a região da campanha. A própria técnica de trançados em couros foi rapidamente aprendida por esses artesãos.<sup>158</sup>

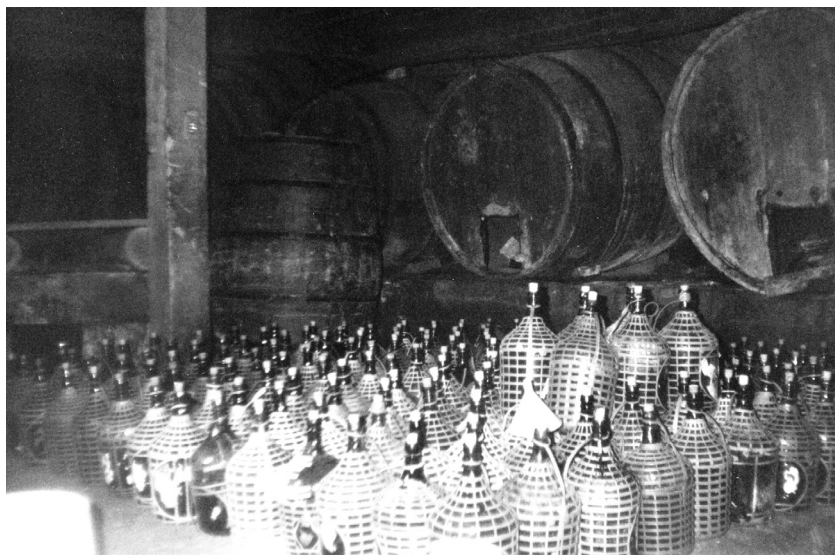
O pão, o queijo e o vinho expressam essa tradição de alimento mediterrâneo que os colonos italianos reconstituíram nas colônias velhas e que migrou para as novas. Em algumas casas continua sendo o elemento central da gastronomia e das atividades artesanais ligadas à produção agrícola e à confecção de produtos daí decorrentes (porco, vaca, trigo e parreira).<sup>159</sup>

Autores colocam a importância da metalurgia artesanal da região colonial e sua integração econômica com a campanha. Abramo Eberle é expressivo no que tange à fabricação de baldes e canecas, espadas, bombas para o chimarrão, elementos de montaria, como estri-

---

<sup>158</sup> ROCHE, J. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

<sup>159</sup> PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1986.



Produção de vinho e cachaça artesanal estocados no porão da residência do sr. Oclerolindo Santin. Marau.

bos, freios, e os passadores ou bombas para aperos de cabeça, peitorais e rabichos, facas, com bainhas de prata ou de couro, uma porção de tipos de selas e serigotes, ferragem para uso militar.

Na produção de vinho artesanal, por exemplo, nas primeiras cantinas de fabricação caseira, as máquinas eram muito simples. Apenas balanças e desengaçadeiras, pequenas bombas e esmagadeiras, algumas prensas manuais. Esmagadas as uvas, seu sumo fermenta por 24 horas em grandes pipas. Depois, bombeava-se apenas o líquido para outra pipa: a isto o colono chama de o “primeiro tombo” do vinho. Já a essa altura pode-se fazer uma bebida caseira, com a adição de 20% de álcool vínico. Mas para fazer-se o vinho propriamente dito, o

mosto deve fermentar por mais 40 dias, depois do que é o “segundo tombo”. O vinho está pronto, já pode ser consumido pela família. Mas o amadurecimento completo só se dará após seis meses de repouso.<sup>160</sup>

### *Criatividade e expressão cultural - tipicidade*

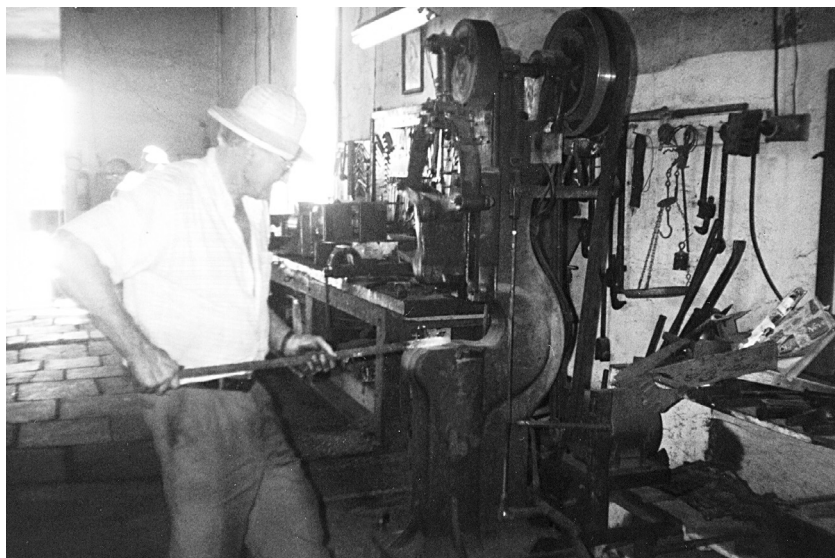
Em geral, o produto artesanal está envolto na ideia de criatividade e expressão cultural, espontaneidades, potencialidades e inspirações que o mercado atual não rejeita.

Não foi difícil encontrar antigos e atuais artesãos em madeira, em palha, em gastronomia ligada a doces que nos disseram que, no fundo, “hoje mercado não falta”, o que falta, sim, “é gente pra trabalhar”. O uso da demanda poderá servir como estímulo à produção, a processos associativos (há na região de estudos várias associações de artesãos, mediações que incentivam na esfera do poder público e de entidades de difusão e de aprendizagem tecnológica no meio rural), orientação para que o artesão não desqualifique e nem descaracterize seu produto.

A atividade manual exige habilidade, controle, conhecimento, inventividade no uso da matéria-prima e das ferramentas, na visualização do mercado até porque, em geral, o artesão é um empreendedor sem estar vinculado a uma organização, tanto do horizonte do trabalho quanto das técnicas de gerenciamento modernas. Proprietários de agroindústrias caseiras, em geral,

---

<sup>160</sup> PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1986, p. 113.



Sr. Andréa Selong moldando uma cavadeira em ferro em sua oficina.  
Passo Fundo.



Ferramentas produzidas artesanalmente em ferro e couro expostas no  
Museu do Carreiro. Muçum.

de frutas e embutidos, reclamavam em uníssono da falta de acompanhamento, de assistência, de linha de crédito mais fácil “sem as exigências que botam, uma ajudazinha da prefeitura, nem que seja material para construir o galpão”. Evidenciamos uma carência muito grande nesse sentido, principalmente em municípios pequenos, como União da Serra, Montauri e Nova Bassano.

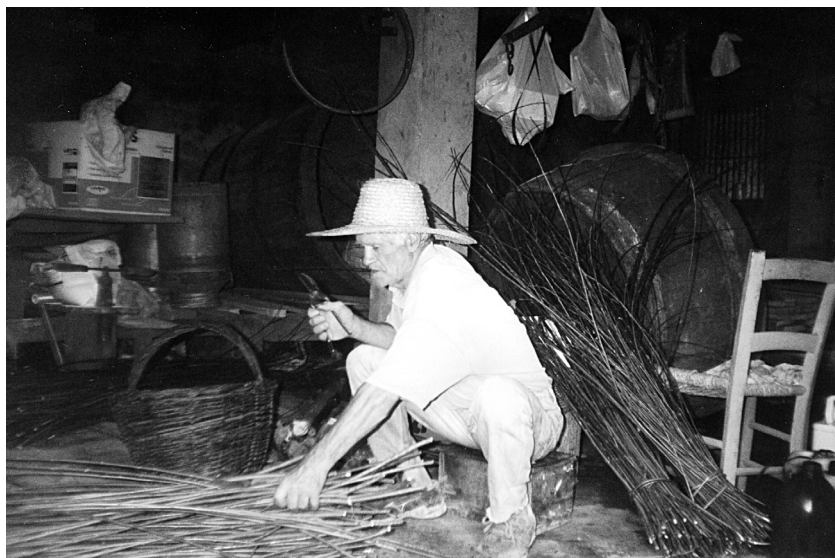
No entanto, ouvíamos também ênfase no fato de que compradores havia. Mesmo antigos ferreiros dizem que em espaços onde a agricultura ainda não foi tanto mecanizada, onde a soja “não tomou conta”, ainda há demandas por produtos das ferrarias.

*Quando não se tinha encomenda nós íamos fazendo, sempre passava alguém e comprava, comerciantes que vinham vender alguma coisa. Fazia muita enxada e foice, essas iam pra longe, tinha gente de longe, de Santa Catarina até do Paraná que queriam nossas enxadas aqui porque a têmpera era boa, não quebrava, não perdia o fio, pois não sei se tu sabe, o segredo de uma ferramenta é saber temperá, sabê dá o tempo certo pro ferro, pro aço também [...]. Ó! Aqui passava sempre um o outro viajante todo o dia e sempre levava alguma coisa, nós também comprava.<sup>161</sup>*

Com a estruturação de redes de comércio e de mobilidade espacial e comunicacional locais e regionais, novas atividades vão surgindo, divisões de trabalho vão complexificando-se na família, diferenciações sociais e econômicas começam a apresentar-se com mais veemência. A produção artesanal vai ganhando vieses

---

<sup>161</sup> Entrevista direta (já informada) com Andrea Selong.



Sr. Ivo Santin trabalhando com vime na confecção de cestas que servem para a colheita da uva.



Sr. César José Rossetto amarrando vassouras com uma máquina criada por ele mesmo - Serafina Corrêa.

diferenciados e mais mercantis e/ou readaptados à dinâmica industrial.

*Aqui tu encontra artesanato de tudo o que é jeito na comunidade, é antigo esse lugar viu. Tinham e tem marceneiro de mão cheia, tinha olaria de telha, hoje só de tijolo, mas é ainda artesanal [...], doceira que vendem na cidade [...]; ferreiros tinha dois. Se tu quer ver o que faziam é só entrar nos galpões e porões que tu encontra de tudo, muito já sem serventia. Mas faziam de tudo com ferro e madeira; uma boa bigorna, fogo e vontade é que não faltava. [...] o carreteiro aqui exigia que o ferreiro fosse criativo. Não é lugar de gado, pecuária, né, mas é lugar de carreteiro. O que tinha de gente que carrociava pra Muçum e Caxias non dava nem pra contar. Transportavam porco, cevada, feijão, milho, banha, trigo e muito produto, nunca esquecer do vinho, da cachaça. Os cargueiros com tropas de mulas também pairavam por essas bandas. [...]. Serraria tinha e mandavam as tábuas por balsas pra Porto Alegre. Serravam tábua a mão, botavam as toras nuns cavaletes e serravam com serrote. [...]. Têve frigorífico aqui que tu pode ver as construção ainda hoje e que tá tudo caindo e abandonado hoje. [...]. Moinho e casa de pasto tivemo. Evangelista era pra ser cidade, é aqui que era pra ter se desenvolvido o município, não Casca como foi. A desgraça bateu aqui e Casca se desenvolveu. [...], tinha hotel, fábrica de caixa de madeira pra banha, fabricava cadeira, móveis mais daqueles antigos. Quando o ford 39 chegou aqui era um fervo de caminhão que vinha pra cá pra transportar pra Porto Alegre, Caxias, Passo Fundo, daí os carroceiros*

---

<sup>162</sup> Entrevista com a Sra. Radin (79 anos), a qual reside hoje na cidade de Casca, mas residiu por mais de meio século no atual distrito de Evangelista. A mesma foi sempre agricultora e disse que “sabia fazê de tudo que nem um home”. Levou-nos até o referido distrito e foi nos mostrando “o que tinha” no mesmo, principalmente o ambiente construído e que hoje “tá tudo caindo os pedaços”, onde funcionava tempos atrás um frigorífico, um matadouro e pequenas indústrias artesanais em madeira, em jóias, em couro etc.

*foram desaparecendo aos poucos. [...] Vê te dize mais uma de destaque aqui na época, as lojas de secos e molhados vendiam as fazendas em metro, tipo alguma loja que tem hoje se for a Muçum, tinha sim aqui [...].*<sup>162</sup>

O sistema policultor, agrodiversificado, da produção colonial familiar imprimia correlações com o também multivariado e multi-utilitário artesanato. Se lembrarmos de alguns produtos, como, por exemplo, a cana, veremos que a mesma carregou consigo a confecção de cilindros de madeira e depois de ferro, alambiques e seus produtos como a cachaça, o melado, a rapadura, o açúcar mascavo, uma infinidade de produtos decorrentes. A uva carrega ainda hoje a marca dos processos artesanais. Os ofícios e os objetos decorrentes desse cultivo são infundáveis, alguns ainda hoje conservados, lembrados e ritualizados nos festejos, nas celebrações e homenagens biográficas, genealógicas e empresariais.

*Se plantava vime nos banhados, todos tinham por causa das parreiras, pra amarrar parreira, davam grandes e bonitas. No inverno, principalmente, se fazia cestos de todo o tipo; o jeito de fazer as tranças com vimes, cipós e palhas não era muito diferente, mas saía cada coisa que só pra ver! Aquelas sportas, chapéus, cestinhas todas enfeitadas, nossa! A gente tirava tempo pra fazer isso. Agora tá tudo pronto, ninguém planta mais vime, os de hoje não sabem ou não fazem mais isso [...].*<sup>163</sup>

---

<sup>163</sup> Entrevista direta com Etelvina Tremea (75 anos). Foi costureira e artesã com tecidos, lã e palhas por mais de 30 anos no meio rural de Nova Prata.



Os porões e sua *instrumentalidade* na cultura do vinho, em grande parte ainda conservados no meio rural, atestam esse patrimônio material e imaterial histórico e cultural transmitido de gerações em gerações, valorizados também pela dinâmica do turismo rural, da lembrança e da saudade de citadinos e, contribuindo ainda para preencher espaços mercantis locais, nichos de representações e vivências históricas.

*No porão e nos galpões tu vê o que faziam e alguns ainda fazem hoje. [...]. Tá tudo amontoado, sucateado, porque tu qué o que, hoje é mais fácil tudo, se tem tudo. Não é fácil tu trabalhá uma madeira e fazer uma pipa, é melhor comprar as de plástico que te duram toda a vida e nem precisam de tanto cuidado, não carunchum. Aqui isso que tu vê foi meu pai e meu avô que fizeram tudo, desde as pipas, as coisas pra fazer o vinho, o destilador de cachaça, tudo. Imagine a trabalhadeira que dava! As de plástico é mais fácil, tá tudo pronto, ma tu sabe que o vinho precisa respirar; na madeira ele respira, no plástico vai respirar como, acaba tudo apodrecendo, não me venham dizer que se conserva mais porque não se conserva.*<sup>164</sup>

Determinadas práticas artesanais possuíam certa sinergia, algumas mais, outras menos, com um conjunto variado de processos *para frente e para trás*, alguns chamariam de a jusante e a montante, que vão retroalimentando-se e complementando na medida em que as necessidades, os saberes e suas técnicas de confecção vão surgindo, então, vão se disseminando e sendo úteis.

---

<sup>164</sup> Entrevista com o sr. Oclerolindo Santin (57 anos), produtor de vinho e de cachaça, com sistema, ainda em grande parte, artesanal no interior de Marau.



Antonio Ribeiro, artesão, trabalhando com couro. Guaporé.

## *Culturas materiais*

A dimensão da *utilidade*, a qual pode ser funcional no cotidiano, ou, então, em termos de renda monetária familiar e/ou individual, faz dessa sinergia um prolongamento de uma organização estrutural da vida, de certa autarcia do colono, a qual, ainda que reduzida com o tempo, sempre de uma forma ou outra fez-se presente.

Se tivermos presente a produção de mandioca – tão fundamental na alimentação do colono –, os aprendizados redefinidos pelos contatos interétnicos em torno do produto, desenvolveu atafonas, destilarias de álcool etc. A produção de aves e suínos, de frutas e de hortaliças fez

desenvolver práticas artesanais de variados embutidos, em especial indicação, o salame e a copa, desenvolveu a arte das conservas, dos doces, das chimias, das com-potas, dentre outros.

As produções aliavam-se às profissões e às oficinas. Esse é mais um elemento interessante na análise do artesanato no cenário em questão, ou seja, seus vínculos em termos de saber e patrimônio material e imaterial, ou melhor dizendo, das *culturas materiais* (sua razão prática e simbólica) e dos saberes em torno delas, sua complementaridade entre si e com redes comerciais, com as vendas diretas e em espaços institucionais e informais.

Diz um confeccionador de botas que atualmente é necessário unir conhecimento do passado com algumas técnicas do presente, mas sempre respeitando certos costumes, valores de tradição e identificação cultural. Porém, diz ele,

*o trabalho é sempre aquele. É o seguinte, chega aqui o cliente, quer fazer uma bota. A primeira coisa, pego uma folha, fita métrica, não essa normal, uma que dá a numeração certa do calçado. Tiro a medida e entro no meu setor de trabalho. Aí vou modelar num papel, faço toda a modelagem usando somente aquela medida que tirei, a medida do cano. Faço ele, faço o pé, já preparo a forma, se precisá de mais altura ou menos, para os gordinhos, pé inchado, depois da modelagem, pego couro, curto, passo cola ali. Deixo o corte pronto para ir pra forma, coloco a palmilha e começo a montagem. Depois se cola ela, dá uma lixada tirando a parte solta do couro e daí dá o acabamento final.<sup>165</sup>*

---

<sup>165</sup> Entrevista com Antonio Ribeiro (59 anos). Trabalha confeccionando botas há mais de duas décadas na região de Guaporé.



Galpão utilizado para confecção de pipas e barris artesanalmente em madeira - Marau.

Muitos ofícios de oficinas artesanais, como funilarias, ferrarias e selarias produziam em pequenas escalas e vendiam diretamente ao consumidor e/ou por encomenda. A capacidade do artesão mais *profissionalizado* estava em encontrar, também espaços mercantis para suas produções.<sup>166</sup>

A banha do porco, por exemplo, representou uma atividade mercantil que durou décadas em sua dimensão artesanal de confecção e de comércio.

*Para passar o rio botavam duas vigas para o pessoal poder passar. Eram troncos de árvores que se achatavam num lado. Os produtos que se vendia nos primeiros tempos iam à Esperança, de lá a Muçum. Meu pai matava e limpava o porco e carregava*

---

<sup>166</sup> ROCHE, J. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

*dentro de uma cangalha e levava até Muçum, onde havia comprador. Quem comprava descarregava o animal. [...]. Hoje se conserva mal a carne, mas naquele tempo se colocava, pendurava fora da janela. O porco era carregado em 12 ou até 20 mulas. Se conservava mal a carne. Passava por Dois Lajeados. Botavam capoeira em cima da carne do porco, para não chegar a mosca. Como amanhã ele viria buscar o porco. Eu tinha que matar o porco. Matar o porco no porão e depois botava na bruaca. Aí defendia das moscas, porque era fechado. Depois veio a carroça e o caminhão. O meu pai trabalhou para fazer a fábrica em Dois Lajeados.<sup>167</sup>*

O artesanato era feito com a fiação do linho, com o curtimento do couro, com o barro, com o ferro, com a madeira, as produções de alimentos, bebidas e chás, dentre inúmeros outros, eram confeccionados a partir de hibridizações de produtos em correspondência com fatores ligados à moradia, à mobília, à vestimenta, aos instrumentos de trabalho, à alimentação, à saúde, ao frio etc. Isso expressa saberes existentes, adquiridos pelas relações externas, constituídos no local.

A ligação entre artesanato, produção agrícola e comércio foi fundamental à constituição da modernidade técnica no espaço da colônia, bem como deu nova organicidade aos processos envoltos na propriedade da terra e em seus vínculos mercantis.

Sabemos que a dimensão mais eficaz do artesanato estava em sua utilidade doméstica, na unidade de trabalho agrícola e de convivência como um todo; sua correlação com a dinâmica mercantil deve ser

---

<sup>167</sup> Entrevista com Ângelo Costella (83 anos), agricultor, de Linha Emília, por KARAM, E. M. C. *Raízes da colonização: em destaque a Colônia Guaporé e Dois Lajeados*. Porto Alegre: Corag, 1992, p. 192).

entendida na correlação e alternatividade com a utilidade doméstica (valor de uso), com a disposição de força de trabalho, de tempos e espaços propícios, de oferta de matéria-prima (em geral madeira, palha, cipós, vimes, lã, frutas, carnes, leite, cana, milho, trigo, porcos etc.), de necessidades financeiras e do cotidiano da vida.

*Sempre me fiz as ferramentas, agora tão sem serventia, porque o trator e os veneno tomaram conta. Nós fazíamos enxada, arado, serrote, grade de arrastão, todo o apeiro dos animais. Eu tinha um irmão que sabia lidar com couro como ninguém. As ferramentas que nós tínhamos raramente se comprava, se fazia até as ferramentas pra fazer os produtos. Se economizava, se curtia o couro, se sabia achar e conservar a madeira certa, se comprava mola de ferro de caminhão e se transformava em ferramenta. [...]. Até bem pouco tempo atrás tudo se fazia; hoje se compra tudo, por isso que o colono não tem mais dinheiro, tem facilidade e não tem dinheiro.<sup>168</sup>*

Não podemos nunca deixar de mencionar que a dita, por alguns, “pequena indústria doméstica” tem uma profunda relação com a cultura popular camponesa; o cidadão migrante a carrega consigo, ainda que readaptada. O *éthos* camponês do colono imigrante em sua cultura redefinida a partir das condições que o cenário das migrações reservou-lhe, constitui-se, também, pelas práticas artesanais.

*A ferraria Marina já teria hoje quase 100 anos, nasceu com Guaporé. Fazíamos de tudo para os colonos; o ferreiro era o*

---

<sup>168</sup> Entrevista com Raimundo Damo (79 anos), colono ainda hoje e confeccionador de ferramentas para as lides agrícolas. Mora no interior de Marau.

*braço direito do colono; fazia ferramentas pesada, facas de luxo, facas de fio para agricultor matá boi, porco, facão para ervamate. Eu me especializei em foice. O que se trata no ramo da ferraria eu sei fazer, porque desde pequeno a gente se especializou em tudo o que o agricultor precisa pra poder plantar. Aprendi do meu falecido pai, desde jovem; com três anos já convivía com ele dentro da ferraria e aí anos se passaram e a gente foi descobrindo que era um serviço que chamava muito a atenção, porque se criava uma habilidade e era desenvolvida categoricamente; a gente foi pegando o gostinho do que tava fazendo.*

*Pra fazer uma foice, por exemplo, é cortado um pedaço de mola em 45 cm e grossura de 1 cm, pesa em torno de 1 kg, e 200 g, depende necessidade da forma de trabalhar. Essa mola é endireitada, esquentada, faz o olho aonde vai o cabo, começa a bater manualmente até ficar fina depois ela é esmerilhada, depois vai pra tempra, depois volta-se a esmerilhá pra assentá o fio. O tipo de tempra a gente conhece, o importante é o acabamento. É sentir a dureza pra saber a caloria que eu tenho que dar, aumentar ou diminuir o grau de calor pra temprá; se eu errar ela fica mais mole ou mais dura, tem que tê habilidade, só quem sabe faz. Falamos aqui da foice, mas tem muito mais coisas que precisam desse esforço. Todo serviço dentro de uma ferraria tem que ser com carinho e amor; senão você começa e termina na metade. [...]. Hoje é lamentável, [a ferraria] tem seus dias contados porque a juventude de hoje não se aprofunda mais em conhecimento, tem computador, máquinas prontas, não precisam pensar; não ligam para os antepassados. Essa profissão está no fim 15, 20, 30 anos não haverá mais ninguém com essa profissão.<sup>169</sup>*

---

<sup>169</sup> Entrevista com Mario Marina (47 anos), ferreiro. Reside em Guaporé.

As formas artesanais desenvolvidas na unidade sempre estiveram articuladas a esse processo maior e constitutivo da vida do colono.<sup>170</sup> As olarias, os moinhos, as ferrarias, os alambiques, dentre outras formas industriais e artesanais devem ser entendidas também, nesse horizonte interno de processos, saberes e fazeres próprios da organização histórico-cultural de vida dos colonos e de suas relações com o mercado externo a sua unidade.

O artesanato também expressava-se e vinculava-se com a existência da madeira (sua sabedoria na escolha, no trato e na conservação); com as serrarias e marcenarias (gamelas, tanques, cochos, moendas, cabos, arados, os recipientes para a fabricação e conservação do vinho e outros utensílios para o trabalho cotidiano na roça e nas atividades domésticas); com as olarias, a fiação de tecidos; com a possibilidade de fabricar e adquirir a lã (a prática de fiar na roda, de tecê-la para confeccionar cobertores, blusas, bordados, crochês, paramentos para atividades pastoris, na lavoura e proteção do frio); com as culturas de milho e trigo em suas inúmeras práticas e os inúmeros saberes e inovações em torno das confecções de suas palhas (colchões, travesseiros, confecção do cigarro, invólucro da rapadura, para assar o pão, chapéus, bolsas etc.); com a produção do leite, ainda que essencialmente doméstica; com os saberes em torno dos moinhos; com a possibilidade de aquisição do ferro para a confecção de carretas e outros instrumentos.

*Fiz uma máquina para fazer vassoura. Aqui tinha sempre quem queira comprar nossas vassouras porque eram firmes. Pensei então de fazer um troço que ajudasse na amarração delas e, não é que*

---

<sup>170</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educs, 2001.



*deu certo! Eu mesmo enjambrei; amarrava dezenas de vassoura em meio dia. Tu viu como é fácil e prático, não se estraga as mãos, dá pra fazer sentado e o produto fica que é uma beleza [...].*<sup>171</sup>

Inúmeros saberes cristalizam-se, adaptam-se, inter-cambiam-se, complementam-se e excluem-se, gerando profissões exclusivas e identificadas, outras mais aleatórias, porém todas como expressão de um patrimônio cultural e histórico.

Além das que mencionamos, merecem destaques os tanoeiros, tafoneiros, oleiros, moleiros, pedreiros, carpinteiros, ervateiros, tropeiros (de mula, de gado em pé e de porcos, esses últimos de grande expressão no norte do Rio Grande do Sul, em especial na região das matas da antiga grande Lagoa Vermelha), funileiros, viticultores, tecelões, alfaiates, relojoeiros, joalheiros, tecelões, cervejeiros e azeiteiros.

Ainda que grande parte dos ofícios sejam aqui expressos no masculino/plural, não significa que tenham sido expressões de trabalho de gênero, ainda que se faça ressalvas de que muitos desses tinham certa identificação e conotação diferenciadora entre gêneros no seio familiar, aspecto esse expressivo das diferenças e complementaridades hierárquicas entre os sexos na sociedade e no horizonte familiar do colono e, em grande parte, do citadino.

### *Os tempos ressignificados*

Os saberes encontram-se no tempo histórico e no contexto social; são re-elaborados e, desse modo, recons-

---

<sup>171</sup> Entrevista direta (já informada) com o sr. Rossetto.



Produção artesanal de doces (chimias de figo, uva, pêras etc.) de Vilson Orso - Montauri.



Carroça confeccionada artesanalmente em pedra-basalto por Antoninho Sbroglio - Nova Prata.

tituem significados de identidade cultural a partir das exigências e necessidades do presente.

A não imutabilidade da tradição, no passado e no presente, sua transmissão ou esquecimento inter ou intragerações pode ser relativizada em termos de significados por diferentes ou por idênticos grupos sociais. O caso, por exemplo, do dialeto vêneto ou outro qualquer, dos nomes que balizavam as diferenças regionais entre italianos e entre esses e os “brasiliani”, elementos que sempre foram “marcas de etnicidade”, são acionados por alguns e, por outros, completamente, esquecidos.

Na vida cotidiana do meio rural, os espaços e os tempos revelam polaridades (o ontem e o hoje, ou, então, “antigamente era assim”) e sociabilidades convencionadas por tradição/modernidade, num jogo de opostos entre saberes, valores, significados, sensibilidades.

Percebemos que bens simbólicos transmitem-se, acima de tudo, pela co-presença; na medida em que ninguém motiva mais, também ninguém valoriza determinadas ações, o grupo de pertencimento (família, comunidade, associação) diluiu-se e/ou redefiniu-se, fazendo com que práticas passadas não sejam repassadas e nem revividas.

A reconstrução do passado necessita de suportes, testemunhos e associações externas para recordar momentos e reviver seus fragmentos passados. Por isso a necessidade manifesta dos idosos, que residem no meio rural, em querer mostrar coisas antigas que fizeram (casa, moinhos, arados, objetos em tecidos, madeira, instrumentos de trabalho e de utilidade no lar, agora, em geral, como enfeite), os quais representam expressões de sua presença na história.

As experiências do vivido cotidiano refletem o papel da tradição em constante mutação. Citamos

Giddens<sup>172</sup>, porque o mesmo entende *tradição* como uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência, ou mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Nesse processo, o futuro não está ausente, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de organizar o tempo do amanhã. Em outras palavras, a tradição é entendida como integridade e continuidade que resiste ao contratempo da mudança; está ligada à memória, ao passado reconstruído, tendo o presente como base e como re-elaboração referencial. A tradição é um processo ativo não só individual, mas fundamentalmente social e coletivo, não simplesmente identificado com mera e única lembrança.<sup>173</sup>

Diz Lucena que é interessante indagar sobre os significados simbólicos que permeiam os universos culturais e refletir sobre a mobilidade social, levando em consideração as representações<sup>174</sup> do rural e do urbano. As tarefas cotidianas são ritualísticas, seu grau de repetição é correspondente ao estágio de conhecimento, aceitação e repercussão ou influência das representações sociais do objeto ou da ação.<sup>175</sup> Os valores da cultura só

<sup>172</sup> GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-industrial. In: BECK, U. (Org.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 73-113.

<sup>173</sup> Giddens, A. (op. cit., p. 112) tematiza o papel do ritual na preservação, garantia e prática da tradição, no seu caráter moral, como medida de segurança. "O *ritualismo* existe onde as atividades rituais estão ligadas a noções místicas. A *ritualização* das relações sociais existe onde a interação social tem uma forma padronizada adotada como modo de definição dos papéis que as pessoas representam em ocasiões cerimoniais".

<sup>174</sup> As representações simbolizam traços de memória, reconstrução coletiva ou individual, substituição e identificação objetiva e simbólica de uma presença ausente produzida na memória e passível de fazer-se identificar. Nesse sentido, ver CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

<sup>175</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

podem ser analisados nos signos (sinais) que manifestam esses valores, os quais, normalmente, são refeitos e reinterpretados constantemente.

Os valores éticos, estéticos, práticos (do fazer) e técnicos podem estar presentes e agrupados num conjunto de representações que, no caso dos idosos, são vivenciados, cotidianamente, em seu plano de exteriorização e/ou narração das experiências.

A recriação de representações simbólicas e práticas sociais de um passado de trabalho penoso proporcionam significados e valorizações às suas vidas. Ao resgatarem e reinventarem seu passado imediato no presente, ao conceberem duplicidades entre ambos em seu cotidiano e na comunidade, entre idosos e jovens, idosos (homens e mulheres), adaptam-se, resistem à imersão em universos da modernização e da racionalidade individual no seio familiar.<sup>176</sup>

As representações que a sociabilidade moderna produz e reproduz no social, dando destaque à divisão, aos ritmos e às garantias da quantidade do tempo empregado, acabam por redefinir o aproveitamento do que deu certo da experiência passada.

A absolutização do *agora*, do *ganhar tempo*, da adequação individual ao tempo como imperativo social penetra no cotidiano da vida social dos idosos. O acento utilitarista, linear e quantitativo do tempo centrado na eficiência dicotomiza passado e presente, relegando àquele certo estigma de extemporâneo e atrasado.

O que queremos dizer é que a transmissão e incorporação de saberes sempre foram mais do que uma transmissão de técnicas; era expressão de valores, cons-

---

<sup>176</sup> Ibidem.

truções de papéis, estrutura social, reprodução do grupo etc.<sup>177</sup>

A produção e reprodução dos bens simbólicos caminhavam juntas, ou, então, antecediam a produção de mercadorias. Havia uma produção de bens que era socializada antes de socializar mercantilmente alguma coisa, dimensão essa revestida de valores de uso e do uso como valor. Antes de produzir cultivos, o trabalho produzia *cultura*; havia encadeamentos de ações técnicas e de ações simbólicas formando um processo ritual e cotidiano que era o trabalho.<sup>178</sup>

A dinamicidade da cultura (difusão, contato, mudança) é correspondente à dinâmica dos processos sociais, temporais, técnicos, simbólicos e significativos que dão unidade às relações e modos de comportamentos sociais.<sup>179</sup>

As condições de existência do camponês, pelo seu trabalho, pelas práticas sociais etc. vão criando um *saber social cotidiano* que é coletivo, hierarquizado, lógico e, que objetiva dar conta das ações e processos relacionais, necessários (pragmáticos) ao seu mundo vivido. Esse saber social coloca questões nas várias dimensões simbólicas e materiais, como instrumento do agir social. A sua lógica funda-se na ordenação, nas previsões, na difusão, na regularidade, na classificação das ações cotidianas. É importante que se articulem os saberes, que sejam priorizados e valorizados, como

<sup>177</sup> WOORTMANN, E. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994; ver, também, WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UNB, 1997.

<sup>178</sup> Ver WOORTMANN, E. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

<sup>179</sup> DAMASCENO, M. N. A construção do saber social pelo camponês na sua prática produtiva e política. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993.

ponto de partida, os conhecimentos e práticas de quem verdadeiramente é o sujeito da ação educativa.<sup>180</sup>

O saber artesanal é um rastro histórico e cultural, signo inscrito (significado) e escrito (marca material e visível), narrável ainda porque possui visibilidade e existência. Os idosos querem dar-lhe um lugar, querem, conscientemente, propiciar-lhe uma *digna sepultura* diante da ameaça do esquecimento e, conseqüentemente, de sua insignificância. Uma idosa nos disse que chorou “dias e dias” quando viu um vizinho, que comprou uma chácara, demolir o moinho que seu finado esposo levou mais de dois anos para fazer, há cinquenta anos atrás, pois o mesmo além de não funcionar mais, possuía madeiras nobres para comercializar.

### *As fronteiras dos saberes e dos afazeres*

As fronteiras materiais e simbólicas entre o mundo do trabalho e o da vida privada não eram muito nítidas, pois entre esses dois mundos havia uma relação de complementaridade ainda que hierárquica. Casa e roça, casa e rua fazem parte do horizonte familiar do colono e do migrado, respectivamente. Ainda que seus personagens principais sejam vistos e concebidos diferencialmente, constituem espaços que se interpenetram numa totalidade em ato, em constatare reconstrução/manutenção.

As mulheres eram (deveriam ser) boas donas de casa, econômicas, trabalhadeiras, educadoras (socializadoras) dos filhos, mantenedoras da tradição, da honra, dos conhecimentos e das adaptações aos/dos novos conhecimentos e habilidades.<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.



Delina Zampiron Capra confeccionando chapéus em palha de trigo  
- Serafina Corrêa.

O envolvimento com o comércio de vendas de miudezas e de excedentes, com características totalmente mercantis, registra a memória da diferenciação de gênero no trabalho, resignificando relações agrupadas na renda familiar, na obrigação feminina, além dos encargos familiares.



Esse processo de diferenciação de trabalhos e de gênero, nos produtos do trabalho e suas finalidades, passava por uma racionalidade interna e um balanço entre oferta e consumo, entre necessidade e oferta (do produto e dos recursos financeiros), carência e projetos familiares, entre o preço de venda no momento e a possibilidade do preço de compra num futuro próximo.<sup>182</sup>

O trabalho de costura a domicílio, também, ainda que desejado por várias mulheres, estava condicionado pela disponibilidade de mão-de-obra e por fatores de ordem institucional e sociocultural, porém apresentava-se como uma entre as possíveis estratégias de sobrevivência, criadas e recriadas no cotidiano feminino; delineava, também, uma interconexão e interpenetração entre o público e o privado, vinculado ao ciclo sociocultural dos tempos e dos espaços das atividades femininas, já desenvolvidas nos horizontes domésticos (lavar, cozinhar, costurar, bordar etc.).<sup>183</sup>

Esse saber cristalizado que, em geral, definia a identidade de esposa e mãe era identificado durante um período da vida das mulheres, comumente pós-casamento, pois é aí que havia a possibilidade de concatenar o ritmo, o espaço e o tempo do trabalho doméstico com uma atividade remunerada e com horários flexíveis.

O trabalho domiciliar em contraposição ao trabalho externo possibilitava flexibilidade de horário, ideia de autonomia, fuga dos domínios totais do poder hierárquico e patriarcal. Isso não as desobrigava de outras atividades do lar e do trato com os animais. Exigências,

---

<sup>182</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>183</sup> VERDIER, I. *Façons de dire, façons de faire*, apud LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

obrigações, formas de controle do tempo e das atividades faziam-no presentes.<sup>184</sup>

Envolvidas também na obrigação de “levar dinheiro para casa”, as mulheres aumentavam seu tempo de trabalho e adentravam para atividades estratégicas propiciadoras de certa remuneração, comumente atividades extensivas em relação às já desenvolvidas e conhecidas no âmbito doméstico, porém socialmente pouco reconhecidas e valorizadas.

Desse modo, o espaço domiciliar não produzia tantas fronteiras na relação com os espaços externos, pois interpenetravam-se e complementavam-se, hierarquicamente, no horizonte dinâmico entre produção e reprodução.

### *Um éthos expresso materialmente*

*A mão, na origem, era uma pinça pra segurar pedras; o triunfo dos homens foi transformá-la na executante cada vez mais hábil das suas ideias de fabricante. (Leroi-Gourhan)*

Há um intercâmbio entre homem, terra e trabalho extremamente complexo, que não se resume à produção mercantil e/ou a satisfazer necessidades. O sol, a chuva, as estações, a noite, o dia, os incentivos etc. são horizontes sociais e culturais que se aglutinam na relação terra/camponês.<sup>185</sup>

<sup>184</sup> CARNEIRO, M. J. Memória, esquecimento e etnicidade na transmissão do patrimônio familiar. In: \_\_\_\_ et al. *Campo aberto*. O rural no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998, p. 273-293.

<sup>185</sup> WOORTMANN, E. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

O controle técnico dos meios de produção e do processo de trabalho e da natureza faz parte de um saber, de uma *tecnologia do colono* (que preferimos chamar de *racionalidades adaptativas*) que norteiam ações, funções e estratégias. Nesse *sistema cognitivo*, entra a tecnologia referenciada no sistema de relações aplicadas ao trabalho e ao produto, relações essas que, em que pese a sobredeterminação do capital e da racionalidade técnico-econômica e moderna, implicam um saber socialmente produzido e transmitido, formando também um *complexo tecnológico*.

A situação de carência, as dificuldades na obtenção de recursos para realizar os trabalhos e comercializar os produtos, entre outros, dimensionavam uma *ética familiar* de auto-dependência, solidariedade e submissão de alguns membros, bem como sua transcendência no horizonte do vínculo de parentesco, vicinal e de compadrio.<sup>186</sup>

A diversidade e multiplicidade de tarefas e de tempos dentro do horizonte familiar, seja no campo artesanal de visibilidade mercantil ou não, seja em atividades externas à unidade e ao horizonte agrícola, manifestam-se em razão também de referenciais duvidosos e de auto-dependência.

As condições materiais de produção desse modo de vida, associadas ao meio e às relações sociais que se constroem a partir disso, asseguram processos sociais nucleados em torno da família, da organização do trabalho, da comunidade, da vizinhança e do parentesco, do *mundo exterior*, da sua organização social para a

---

<sup>186</sup> SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.



Ovos, expressão da cultura polonesa na cidade Nova Prata, confeccionados artesanalmente em madeira por Kariane Modelski Golembieski.



Objetos confeccionados artesanalmente em palha de milho.

sobrevivência, para a sociabilidade, para o domínio da natureza e para a construção da individualidade.

O trabalho e a família são categorias que se imbricam no conjunto das representações dos colonos. No plano simbólico do *éthos de colono* da região, terra, trabalho e família, aliados à propriedade, ao patrimônio e à herança, formam o imaginário coletivo de experiências passadas e presentes.<sup>187</sup> As ideias de “não ter padrão” nem horário, de “trabalho pesado”, de domínio técnico tradicional e seus conflitos e tensões com as necessidades e exigência do moderno, o amor à terra e a tendência e/ou tentação de abandoná-la etc. funcionam como pressupostos da ordem moral camponesa em pouca correspondência com as transformações do mundo rural e social atual.

As suas formas de relacionarem-se com o trabalho são produtos da estrutura mais ampla da sociedade, criados e recriados em função dos desejos e de aspectos *internos* e *externos*. Nesse sentido, há uma recriação constante de formas de relações sociais, materializadas pela dinâmica de formas sociais mais modernizadas.

No entanto, saber organizar o processo de trabalho, seus instrumentos, seu saber empírico e técnico, saber compreender o dinamismo da natureza na ótica do equilíbrio etc. são combinações *a priori* construídas no *éthos de colono*, porém que se atualizam, renovam-se e governam-se no próprio fazer. O saber/fazer, enquanto dinâmica construtiva, material e simbólica, atualiza-se e transmite-se envolvendo valores e diferenciações de papéis e de hierarquias.<sup>188</sup>

---

<sup>187</sup> WOORTMANN, E. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

<sup>188</sup> WOORTMANN, E. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

Dito isso em torno do *éthos*, é importante correlacioná-lo com o artesanato. Esse promovia a otimização dos fatores de produção disponíveis na família, bem como resgatava aprendizados e domínios técnicos trazidos da Itália e/ou apreendidos ou adaptados na rede de sociabilidade construída nos espaços das colônias e nos contatos urbanos. Esse processo foi importante na produção e na reprodução das condições de produção do *éthos de colono* no espaço que analisamos.

As carpintarias, as ferrarias e as casas de pasto estão na memória e na construção do imaginário econômico e social de colonos idosos entrevistados. Com o fim da mediação econômica dos carroceiros e o advento do caminhão, muitos dos transportadores e/ou comerciantes passaram a trabalhar com os caminhões ou voltaram para a roça.<sup>189</sup> A necessidade de dinheiro para trabalhar a terra, para produzir e consumir fez com que houvesse uma conexão mais precisa do colono com os produtos de maior aceitação comercial.<sup>190</sup> Aos poucos, a agricultura de pouca dinâmica comercial e o artesanato foram sendo dinamizados pelo vínculo mercantil mais intenso, o qual já vinha se processando nas colônias alemãs, vinculado e mediado pelos comerciantes (cargueiros,

---

<sup>189</sup> Histórias de empresas de transportes de médio e grande porte na região têm seu nascedouro nessa substituição. A empresa Michelin (uma das maiores do Sul do Brasil) faz questão, em sua história, de enfatizar a marca dos carroceiros. A região de estudo é caracterizada pela presença de inúmeras empresas de transportes rodoviários. As festas de caminhoneiros são constantes e atraem grandes concentrações de população nos municípios. Estivemos numa delas e pudemos constatar, na pregação do padre/caminhoneiro (da Pastoral da Estrada), a tentativa de resgatar a memória e o papel dos carroceiros na região. Ver MOLON, F. O significado dos carroceiros na economia da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1990, p. 503-539, v. 2.

<sup>190</sup> SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.

corroceiros e caminhoneiros, grandes agroindústrias etc.), aprofundando e complexificando relações entre o colono e ramos do capital comercial e/ou industrial.<sup>191</sup>

O crescimento urbano e a formação de uma rede urbana influenciaram, sobremaneira, a determinação do comércio na região de colonização. Em 1940, como diz Roche,<sup>192</sup> o Rio Grande do Sul não possuía mais áreas despovoadas, tendo sido ocupadas as últimas porções vazias do seu espaço nas primeiras décadas deste século, por meio do processo de *enxamagem* de descendentes dos imigrantes que haviam ocupado as áreas coloniais mais antigas.

Mesmo nesses espaços de ocupação mais recente, já havia sido estruturada uma hierarquia de centros urbanos, na qual serviços de infra-estrutura (energia, comunicações) e de comércio já se processavam. Da acumulação de capitais nas mãos de alguns comerciantes, em algumas situações em parceria com colonos, surgiram as primeiras agromanufaturas, como matedouros, destilaria de banha e de aguardente, cantinas e moinhos.<sup>193</sup>

Esse processo, em alguns momentos, provocou a pulverização de recursos entre colonos; em outros, foi indutor de pequenas indústrias subsidiárias, desenvolvidas a partir de atividades artesanais.<sup>194</sup>

As oficinas, as ferrarias, as carpintarias, as pequenas destilarias, as pequenas indústrias têxteis, as serrarias, as celarias etc. são expressões regionais do formato econômico industrial *interno* no local. As manu-

---

<sup>191</sup> ROCHE, J. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

<sup>192</sup> *Ibidem*

<sup>193</sup> SCHNEIDER, op. cit.

<sup>194</sup> *Ibidem*.

faturas e as facilidades de importação de mercadorias, tais como tecidos, ferramentas leves, louças, querosene, linhas, pregos etc. promoveram a decadência da produção artesanal local.<sup>195</sup>

As indústrias transformadoras de produtos regionais, fundamentalmente da produção colonial, sofreram profunda concorrência a partir da década de 1950. A indústria no Rio grande do Sul é produto, em grande parte, da combinação da evolução fabril de muitas manufaturas, com capitais comerciais acumulados; esses últimos em especial os acumulados nos fluxos mercantis que integravam a zona colonial e sua produção agrícola e agroindustrial à cidade de Porto Alegre.<sup>196</sup>

A atividade artesanal, colonial e desenvolvida em grande escala, não foi a que mais contribuiu na confecção industrial. Segundo alguns analistas, o artesanato forneceu, sim, mão-de-obra especializada para a formação de um horizonte industrial no Estado. Capitais externos favoreceram determinados setores, a poupança acumulada do setor comercial favoreceu em muito.

As ações econômicas do Estado, no sentido de estimular as exportações regionais para os demais estados da federação, mediante a redução de impostos e a encampação de ferrovias e portos, contribuíram para alavancar a expansão comercial e o surgimento de indústrias principalmente na metade do século XX.

Não há dúvida que as atividades manufatureiras artesanais de caráter mercantil variado, com característica de pequenos e médios estabelecimentos, de

---

<sup>195</sup> SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.

<sup>196</sup> DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.



mercado já constituído na região colonial e na capital da província e do estado posteriormente pela via da navegação e da rede ferroviária, criaram condições para o estabelecimento de redes industriais e de uma estrutura produtiva expoente e que se caracterizaria dessa forma até os dias atuais.

### *O refazer de ofícios e lembranças pragmáticas*

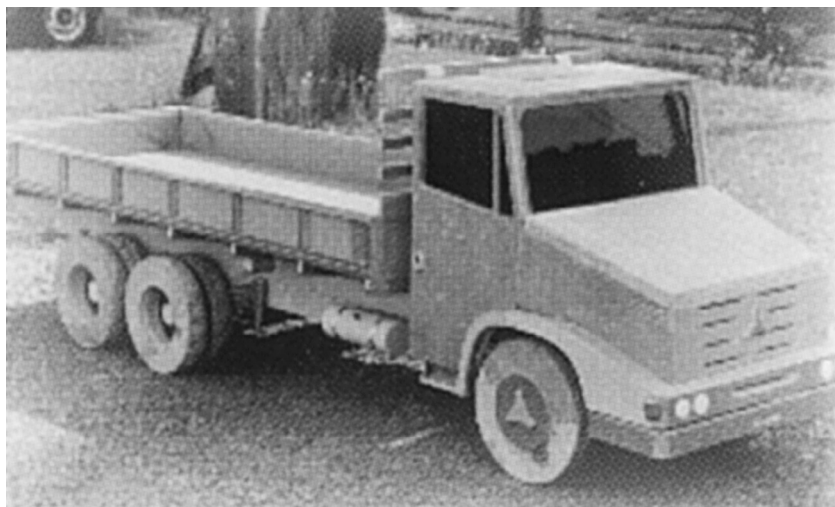
Do dito acima, não temos dúvida em afirmar que as atividades e seus domínios técnicos emigraram com os colonos de uma colônia a outra e, em parte, para o meio urbano e outros novos territórios de deslocamento. Entendemos que o que houve foram adaptações às condições espaciais e objetivas das colônias, bem como houve passagem de conhecimentos de ramos artesanais que foram aplicados às primeiras indústrias.

Nas entrevistas que fizemos com idosos da região identificada, esse processo estava bem evidente, ou seja, domínios técnicos vão sendo transferidos entre gerações no interior da família e mesmo em espaços variados e em dinâmicas que foram se modernizando.<sup>197</sup>

A migração de muitas famílias para o urbano não significa o fim completo de referenciais expressivos de saberes que se materializam em formas artesanais. Essas são readaptadas às exigências do que o novo espaço demanda; se não são mais os objetos de trabalho os demandados, podem ser utensílios do lar, expressões da cultura alimentar, de formas de vestimentas etc.

---

<sup>197</sup> Ver TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EducS, 2005.



Caminhão com aproximadamente três metros de comprimento, confeccionado artesanalmente em pedra-basalto por Antoninho Sbroglio - Nova Prata.

Não podemos esquecer que, independente dos espaços, o artesanato promovia a otimização dos fatores de produção disponíveis na família, bem como reconstituía aprendizados e domínios técnicos. Esse processo foi importante na produção e na reprodução das condições de produção da vida na colônia.

O trabalho artesanal na confecção de tecidos, na produção de inúmeros produtos *coloniais*, os moinhos, as atividades artesanais *profissionais*<sup>198</sup>, mesmo sendo de âmbito local, serviam como complemento de renda para o colono, como recurso de subsistência, como fonte

---

<sup>198</sup> TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EducS, 2005.

alimentar e como suprimento de instrumentos domésticos e/ou domiciliares.<sup>199</sup>

Os significados das épocas passadas, e as formas pelas quais as experiências são vividas, lembradas e contadas também alteram-se com o passar do tempo. Na cultura camponesa, ainda hoje, incorporação e transmissão de saberes e de ideais leva muito em conta universos de seu conjunto cultural e os limites e possibilidades da unidade familiar. Encontrar estratégias de sobrevivência sempre fez parte da vida dos colonos; diversificar atividades e algumas delas de gênero também é constituinte da organização e vida dos colonos e colonas.

Com esse mesmo espírito e falando especificamente do artesanato, não há dúvida que muitas de suas formas e saberes em torno do mesmo foram substituídas; outras foram redimensionadas. Novas exigências cotidianas da casa e do trabalho, novas matérias-primas e a escassez de outras cederam espaços para formas variadas de produção e uso de objetos considerados artesanais.

Porém, não podemos ignorar que formas modernas de convivência e de domínios do *sistema técnico* alteraram significativamente os fazeres e os ofícios artesanais, ainda que muitos deles sejam manifestos hoje pelo crivo da mercantilização. O automóvel, a cidade, as lavouras mecanizadas, o progresso técnico, a indústria de confecções, os progressos na indústria da fiação e da tecelagem, a ideia do que seja moderno, os *designs*, a globalização das técnicas, produzem novas dimensões do que seja a atividade artesanal (o rústico, o feito a mão ganha novos contornos e se mesclam na lógica do moderno e da modernidade social).

---

<sup>199</sup> SCHNEIDER, S. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul*. Dissertação – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

Os fenômenos técnicos em substituição e/ou adequação/apropriação de saberes socioculturais, em correspondência aos movimentos culturais e de modernidade social, vão substituindo utensílios, ou manifestando interesse dos mesmos objetos, porém manipulados (como é o caso de chapéus, feitos de fibra industrializada; ternos e costuras tradicionais, readaptados aos novos estilos e formatos; tricô, crochê, bordados, pinturas sobre e em tecidos, também readaptados para ter correspondência com as tendências de momento).<sup>200</sup>

No fundo, o que queremos dizer é que nem tudo se perdeu, nem tudo é apenas passado quando se fala na dimensão artesanal dos ofícios, saberes e produtos. Não há dúvida de nossa parte em afirmar que se percebe um esforço de recuperação, aos menos um pouco, como sinais de identidade, de alguns dos valores presumivelmente esquecidos. Muitos continuam buscando reproduzir, em novos territórios, nas condições culturais das colônias de origem, aspectos da rica variedade de elementos simbólicos, convivendo, absorvendo-se, incorporando-se, excluindo-se, contrapondo-se, dinamizando-se e atualizando-se.

Percebemos a continuidade de certa filiação entre o artesanato com o comércio e indústria (principalmente no setor moveleiro, de farinhas, de ramos da gastronomia, dos doces etc.), do artesão como prolongamento da agricultura, do mesmo como promotor de economia e de receita doméstica num cenário de bloqueios e limites como característica histórica da vida do colono e que se manifesta claramente hoje.

---

<sup>200</sup> RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educ, 2001.

Vimos que a necessidade de fazer economia impelia os colonos a fazer seus próprios artigos de uso (açúcar mascavo, fumo, serra, machado, foice, enxadas, pão, banha, salame, conservas, aguardente de cana, cerveja, álcool, licores, mel, cera, massas, café, cestos, cordas, sapatos, botas, alfaiatarias, sapatarias, selarias, ferreiros, serralheiros, funileiros, pedreiros, fábrica de tijolos e telhas, louças, fumo preparado, cigarros moldados em palha, fabrica de arados etc.).

Muitos artesãos abandonaram suas atividades não mais vantajosas devido, em geral, ao progresso nos meios de transportes; ferramentas começaram a ser compradas prontas na venda ou no comércio urbano. No entanto, muitos continuaram com as olarias, ferrarias, carpintarias, vinícolas, moinhos e alambiques.

Em grande parte, continua o artesanato prestando-se e estando aberto a todos os setores, seja pequena empresa, familiar ou de uma pessoa apenas, desmembrada do vínculo coletivo, porém que conserva redes sociais de amizade, de parentesco, de interconhecimento e, por isso também, consegue manter-se no ofício.

Profissões permanentes de artesão ainda persistem, com ou sem estabelecimentos definidos. Ainda que o contato externo tenha ampliado-se, bem como seus referenciais técnicos de produção, incorporando saberes externos e estranhos, produtos continuam ganhando feições artesanais, muitos deles servindo-se e produzindo *marketing* para favorecer a sua dinâmica comercial, subordinado ainda aos setores comerciais e industriais.

As feiras de artesãos no espaço urbano, em geral, mantêm essa historicidade; outros produtos utilizados e fabricados no meio rural atestam isso principalmente os vendidos diretamente ao consumidor no local de produção.

## *Indústrias artesanais*

As agroindústrias artesanais são, em grande medida, familiares e, segundo informações de responsáveis pelo setor de desenvolvimento rural de prefeituras da região estudada, estão em grande dinamismo.

Um entrevistado, proprietário de uma agroindústria caseira e familiar de doces de frutas, geleias e frutas cristalizadas nos diz que:

*Começamos em 91/92, tudo meio frio; antes se produzia só o figo e se vendia para um comerciante. Depois vimos que dava mais começar fazer a chimia e a figada. Começamos tudo a mão, moía com máquina de salame [...], foi, foi que deu certo; conseguimos vender e produzir sempre mais; comerciantes compravam, alguns concorrentes dificultaram um pouco. Se vendia bem, se vendia pra Montauri e Serafina; daí legalizemo tudo, com rótulo, registro, aprendemos a fazer cada vez melhor, descobrir o ponto de cozimento e a venda aumentou sempre, aliás, não há produto que chega pra dar conta dos pedidos. O nosso produto é natural, não tem conservante, é massa da fruta e açúcar: [...]. Nesse último ano fizemos mais de 45 mil quilos de produto; tenho mais de 5 mil pés de figo. Mas o grande problema continua sendo a mão-de-obra que não tem, ninguém quer trabalhar no meio rural; há, também, dificuldade de variar produtos. [...]. Olha, vamos tocando, nunca deixando da roça, mas também nunca deixando de lado a agroindústria; essa ajuda na lavoura, se ganha aqui pra botá nas lavouras.<sup>201</sup>*

<sup>201</sup> Entrevista com Vilson Orso. Montauri - RS.

Um ferreiro entrevistado nos explica que para confeccionar qualquer objeto “precisa ter ciência”; nos diz que o que sabe fazer aprendeu de

*parentes, dos avós italianos que vieram da Itália, veio de lá de avós e foi passando de geração em geração. [...]. É aquela coisa do artesanato, né, só vendo pra saber como é feita: escolhe o aço, malha ele todo na maretá, um tempinho sempre sai uma diferente da outra, bate ela, dá o acabamento daí vem a temple; é delicado tem que saber fazer mesmo. Tem alguns segredos, a gente tem prática com a mola, dá uma esquentada e já vê como ela é pra vê que temple vai na faca, porque nem todos são pra facas. Escolho a mola, espicho ela no martelo depois desenho na cabeça o desenho que quer e tira com o esmerilho, depois vem a temple e depois o cabo e o acabamento de lixas. A temple faz com óleo queimado, muito mais prático, mais suave para trabalhar melhor. Esquento o aço, ter uma temperatura certa, nem mais nem menos, segredos de profissão.<sup>202</sup>*

É incontestável que a facilidade de comunicação permitiu a inserção de fábricas com características industriais, mas que reproduzem formatos de objetos artesanais como forma de manter vínculos com o passado e permitir identificações históricas de consumidores, ampliando com isso a possibilidade mercantil.

A indústria moveleira é expressão disso. Regiões mais tradicionais e de mais forte cultura de pertencimento étnico e, portanto de certo isolamento social (não muito diferente do tempo das colônias-mãe), tendem a desenvolver mais o artesanato. Os moinhos coloniais, as destilarias, as cantinas e as olarias artesanais são exemplos dessa presença.

---

<sup>202</sup> Entrevista com Celso Marina (45 anos), ferreiro “a vida toda”, de Guaporé.



Antigo moinho colonial desativado - São João da Urtiga.

O caso dos moinhos coloniais é referencial na medida em que operavam com técnicas de beneficiamento simples, sendo, inclusive, em alguns períodos, principalmente em seu nascedouro nas primeiras décadas do século XX, difícil de serem classificados como indústrias. As unidades empreendedoras, em geral, eram familiares e operando com formas não plenamente capitalistas de trabalho e de intermediação mercantil dos produtos.

Insistimos na questão dos moinhos, pois além de serem centralizadores de um conjunto de fatores em sinergias na vida do colono, destinavam-se a suprir nichos de mercados locais, contribuía pela sua vinculação com indústrias moageiras maiores localizadas no meio urbano.



O milho, o centeio e o trigo foram produtos por excelência na região colonial, por isso, também, que é nessa região que os moinhos proliferam. Apenas para se ter uma ideia, em 1914, havia mais de 900 moinhos na região colonial, destacando-se o município de Alfredo Chaves.<sup>203</sup>

No espaço do moinho desenvolvia-se uma sociabilidade do meio rural marcada pelo interconhecimento, pelas relações de compadrio, pelas trocas de experiência de trabalho e de visões de mundo acerca de temas conjunturais. A bodega, muito comum no interior dos moinhos, era o espaço aglutinador dessas dimensões. Os proprietários de moinhos geralmente mantinham chiqueiros para a criação comercial e doméstica de suínos e alimentavam os animais com o farelo que sobrava da moagem.

*O moinho começou a partir de 1947, meu pai construiu. Havia muita plantação de trigo na região e o pessoal queria comer a sua farinha e descascar o seu arroz, muitos da cidade queria a farinha de moinho de pedra. Muitos comerciantes queriam comprar a farinha não de cilindro, porque o pessoal da cidade também era acostumado a comer a farinha não industrializada. O moinho surge para atender à agricultura e ao comércio. O moinho beneficiava os dois. O meu pai carroceava, tinha encomenda em Passo Fundo que não vencía; nós trabalhava dia e noite para vencer; gente lá do outro lado do Capingui, vinha cavaleiro, gente de carroça, vinha tudo moer aqui.*

---

<sup>203</sup> ROCHE, J. A colonização alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969.

*Meu falecido avô quando comprou aqui em 1917, já tinha uma serraria e acho que tinha um pequeno moinho, então meu pai já sabia lidar com moinho e o avô também.*<sup>204</sup>

Nos moinhos, em geral, funcionava o descascador de arroz, o soque de erva e a atafona, própria para fabricar a farinha de mandioca. Os moinhos a cilindro ofereciam uma farinha de melhor qualidade, razão pela qual conquistavam a freguesia, constituindo-se em fortes concorrentes para os moinhos de pedra, pois, além de trabalharem mais rápido, podiam, pela legislação de um determinado período, comercializar a farinha.<sup>205</sup>

É importante frisar também que havia um contingente de profissionais do setor na região, em geral descendentes de imigrantes alemães e italianos que desenvolviam a profissão de construtores de moinhos, trabalhadores do ramo moageiro, atividade essa de grande envergadura pela sua importância no período de grande expansão da cultura do trigo e da necessidade de fabricação da ração para a produção de suínos.

A crise dos moinhos coloniais esteve interligada aos grandes processos que se produziram em torno do trigo, da legislação que dificultou a moagem, a reestruturação do agro-regional em torno da cultura da soja, a difícil concorrência com os grandes grupos do setor, a redução da mão-de-obra na unidade familiar, dentre outras questões.

Não podemos esquecer que as formas artesanais de produção mercantil foram inúmeras e, com toda a certeza, difíceis de serem enumeradas. A necessidade monetária da família, a disponibilidade de matéria-

<sup>204</sup> Entrevista (já informada) com Edvino Camera.

<sup>205</sup> SOUZA, F. S. *Tradição X modernização: a ação dos Clubes 4-S em Passo Fundo (1950-1980)*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 91.

-prima e força de trabalho, aliados à possibilidade de mercado local determinam, ainda, níveis de intensidade do envolvimento da unidade familiar com práticas artesanais.

Espaços de colônias onde a topografia é bastante montanhosa, onde o uso mais geral da técnica no setor produtivo não se mostra com grande intensidade, onde os limites na obtenção de recursos financeiros são maiores, em famílias onde a presença de idosos se faz sentir, é comum encontrar práticas cotidianas do artesanato colonial com mais importância e promovendo equilíbrio econômico e mercantil nas unidades.

As formas de produção avançaram, assim como avançaram processos artesanais, manufaturas, indústrias, ramos e dinâmicas comerciais. Grande parte das formas artesanais, consideradas mais *externas*, ou seja, passíveis de troca mercantil, ganhava mais visibilidade, mais concorrência com produtos vindos de outras regiões e de fora do país.

Várias formas artesanais na produção, em passagem, exigem novos padrões e/ou formatos no campo da técnica, das relações de trabalho e da esfera da gestão, como era o caso do vinho, principalmente em sua dinâmica comercial e industrial.

As indústrias artesanais dinamizavam conhecimentos e práticas; a experiência e a socialização desse saber social materializado nas questões de gênero na família é que davam legitimidade ao processo de trabalho.<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> Uma análise mais apurada sobre as olarias coloniais está em TEDESCO, J. C. et al. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo – 1960-1980*. Porto Alegre: EST, 2005.

*Os de hoje não fazem ideia do que e como se trabalhava antigamente. Queria ver se meus filhos fariam hoje o que fazíamos nós na olaria, arrancar barro de até 4 metros de profundidade com pá, no muque mesmo; cortar quase duzentos sacos de trigo com foicinha; levantar de madrugada para trabalhar que nem fazíamos e nossos pais faziam nós fazer. Era tudo com muito mais sacrifício, mas mesmo assim se fazia com mais prazer, porque se sabia que era assim mesmo, não tinha outra alternativa e se tivesse, nós não tínhamos condições. Quando se conseguia vender alguma coisa, se ganhava mais do que agora, agora vira tudo empate, quando ainda dá, entra num bolso para sair no outro. A venda de alguma coisa, que sempre se tinha, era o que fazia a gente trabalhar cada vez mais.*<sup>207</sup>

Observamos que os conhecimentos que os oleiros adquiriam ao longo do tempo transformavam-se no saber técnico, na arte de trabalhar o barro, que era transmitida aos demais membros da família, passando de geração a geração.

*Essa olaria começou com meu avô, nem sei te dizer quando, aqui, aqui mesmo nesse lugar. Passou de avô para pai, de pai para filho e de filho para meus filhos. Viemos vindo nesse ramo, agregando melhorias na agricultura, mas sempre trabalho da família. Fazíamos telha, depois o barro enfraqueceu, fomos para os tijolos maciços, agora de uns dez anos pra cá, produzimos tijolo de seis furos. Esse dá menos serviços, tem mais saída, é um trabalho mais leve, só exige mais investimentos, porém, mercado nunca falta. Fizemos, em média, oitenta mil tijolos por mês e, se fizéssemos o dobro, vender seria problema. O problema agora é o Ibama que está exigindo regularização do barro, da venda*

<sup>207</sup> Entrevista direta (já informada) com o sr. Pedro Zanon.

*dos tijolos, exigem que se respeite as fontes de água, os leitos dos rios, não sei quantos metros que não se pode mexer. Quem tem de comprar barro de outros agora ficou mais difícil. Acho que vai fechar muitas olarias essas que nem a nossa. Deve ter sido denúncia, ou pressão das grandes indústrias que não querem a nossa concorrência.*<sup>208</sup>

Na grande maioria das olarias, podemos perceber que o trabalho era basicamente familiar, pois os jovens da família auxiliavam; caso fosse necessário, contratavam-se outros, parentes ou vizinhos que trabalhavam *por dia*. Quando, entretanto, as vendas começaram a aumentar e faltava mão-de-obra para realizar o trabalho, passou-se a contratar empregados, os quais, em muitos casos, residiam em casas dos oleiros ou em algumas peças do conjunto da morada do colono (galpão, porão etc.).

As olarias tiveram seu dinamismo nos anos 60 e 70, associado à descoberta de barreiros e sua possível exploração irracional e sem controle externo; ao crescimento da urbanização, existência de mão-de-obra disponível na unidade; à necessidade de expansão da diversificação produtiva em razão da existência de mão-de-obra; à crise de culturas, como a do trigo e da baixa rentabilidade financeira do suíno, do excesso de milho e seu baixo preço; à disponibilidade de lenha e de matas passíveis de serem derrubadas; à necessidade uma receita sistemática e alternativa para a unidade familiar, bem como se apresentavam como alternativa para manter a mão-de-obra familiar no local, já que havia uma grande tendência de migração para novos espaços agrícolas e/

---

<sup>208</sup> Entrevista direta com o sr. Lubian, proprietário de uma olaria no meio rural de São Roque e um dos poucos que encontramos que produz tijolo de seis furos e que possui uma estrutura moderna de funcionamento no ramo.

ou urbanos regionais.

Enfim, podemos afirmar que, com as olarias, muitos colonos conseguiram diversificar mais a produção agrícola e ampliar o acervo de modernização e de consumo na unidade produtora e doméstica, desenvolveram dimensões empreendedoristas aliadas a um produto de grande característica artesanal.

### *Transportar tempos e sentimentos*

O forte vínculo que existia entre produção, consumo, comercialização, trabalho e família, renda e número de filhos reorienta-se com as transformações na vida doméstica com o crescente envolvimento da mulher na força de trabalho não especificamente agrícola (no caso específico, no artesanato).

Muitos objetos, em especial os considerados artesanais, estão unidos inseparavelmente à memória. Não repassados a outras gerações, tais objetos perdem sua razão se desvinculados de seus possuidores. Valores sentimentais estão unidos à memória, ligados a uma figura familiar a quem originalmente pertenceu o objeto; ambos mesclam-se com valores sociais que os classificam como indicadores de distinção e refinamento.<sup>209</sup>

O espaço de casa, das atividades agrícolas e seus instrumentos considerados no tempo ultrapassados – que ainda são guardados – e utensílios de uso comum nas atividades cotidianas, formam uma espécie de museu de família.

---

<sup>209</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

É comum encontrarmos objetos guardados tanto do uso doméstico como do trabalho e das edificações (moinhos, alambiques, galpões, porões etc.) expressivos de um tempo pretérito, o qual cristalizou saberes. São objetos ricos de significados, pois expressam noções de sacrifício, propriedade, bonança, modernização, sempre em correlação temporal entre o período de existência/ utilidade com o tempo presente de inexistência e, portanto, de substituição.

Da realidade material, esses objetos deixam lugar à realidade imaterial, imaginária; transportam, com o tempo e com as correlações do presente, novos valores e significados, dependendo das formas, das possibilidades e das funções significativas que lhes possam ser impressos.

Não podemos esquecer de mencionar a correlação entre artesanato e manufatura, a grande tendência comercial do artesanato, o artesanato de fornecimento, a importância das ferrarias na organização de uma estrutura de instrumentos e meios que permitiam a produção agrícola (ferramentas agrícolas, serras, limas, rodas de carroça, metalurgia em geral etc.), a agregação para frente e para trás das atividades agrícolas que o artesanato promovia (ligação a jusante e a montante).

Não esquecer, também, o fato de o artesão ser um colono que descobria aptidões especiais, ou, então, como continuação de ofícios de pais, avós e bisavós; como sujeitos que apareciam e ressurgiam como atividade complementar (raros tinham ofício único e específico no ramo artesanal) e ofereciam serviços e produtos aos agricultores, transformavam parte de suas colheitas e desse modo permitiam a permanência do homem na terra, permitiam dinamizar povoações, dividir proprie-

dades (filhos herdavam terra; outros, o ofício de artesanato sendo necessária pouca terra).

O dinamismo do artesanato esteve também em correspondência com o tamanho da propriedade. As de menor porte, pela falta de terra, em geral, excesso de braços, falta de trocas, obrigou e/ou induziu práticas artesanais, dando mais consistência e textura a formas pluriativas das unidades, auxiliando na demarcação e ofícios e espaços entre o rural e o urbano (algumas atividades artesanais possuíam certa característica urbana, como o caso do confeitoiro, açougueiro, vidraceiro, chapeleiro, relojoeiro, fotógrafo etc.). Nas novas colônias, houve certa reprodução de formas artesanais, principalmente em relação aos moinhos, destilarias, serrarias, ferrarias, marcenarias, casas de comércio.<sup>210</sup>

Não podemos esquecer, também, que a vida dos indivíduos está em relação contínua com os objetos; há sempre uma ligação com os mesmos, a qual pode ser de atração, indiferença ou repulsão.<sup>211</sup> Um fato, um ser, um objeto que induza uma reação afetiva terá maior probabilidade de memorização. Os bens simbólicos lembrados, guardados, eternizados e narrados possuem uma dimensão afetiva muito mais do que seu caráter objetual, a qual se manifesta em alegria, ou sofrimento, felicidade ou tristeza, muitas vezes, numa dimensão dialética.

Em geral, os idosos entrevistados expressam afetividade romântica em termos de memória de objetos, fazem correlações temporais com ambientes, tempos

---

<sup>210</sup> ROCHE, J. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

<sup>211</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar*. (re)lembanças de migrantes. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.



e vivos alterados de bom para pior e vice-versa. Os objetos técnicos – trator, uso de veneno – relembram e contrapõem o sacrifício das ações manuais no trabalho.

Pensar a questão da memória, da família e da etnia cultural é muito mais do que buscar cruzar temporalidades; é ser testemunho da história; é localizar no tempo e no espaço raízes e ações que o presente e o passado remoto desvalorizaram, como é o caso do parentesco, da consanguinidade, de compadrios, de famílias extensivas, de ressentimentos, de ações significativas no tempo.

A esfera do trabalho, em geral, é representada na forma de memórias de ofícios, de sacrifícios, de despojamento e rudeza da vida. Nesse horizonte, há uma produção discursiva muito extensa que busca valorizar o imigrante como *branco, civilizado e trabalhador*, discurso este produzido e incorporado pela memória étnica e que não recebeu, ainda, total atenção, no campo analítico, no sentido de fazer aflorar contradições neste processo todo.

A memória do trabalho de idosos entrevistados organiza-se em torno da terra da família, articula-se com herança, com peso, esforço, luta, o corpo como objeto e instrumento de trabalho, o reforço da vizinhança e de compadres, a diferença de trabalhos na ótica do gênero e da importância relativa aos horizontes temporais e espaciais.

A lembrança, por exemplo, pode fazer desencadear espaços, reencontrar tempos e ligá-los aos ambientes físicos, simbólicos e mentais. É na memória que os instantes do tempo e as especificidades do espaço

encontram-se; é ela que faz *viajar* pelos tempos e pelos espaços significativos.<sup>212</sup>

Os relatos de coisas simples, comumente de algo construído pela mão dos idosos em *tempos atrás*, transformam-se em imagens significativas de um tempo sobreposto, de uma capacidade temporal perdida e não mais reconhecida cotidianamente, ou seja, que se transformou em relíquia para quem a significou. Percebe-se que os idosos têm necessidade de transferir temporalmente símbolos e dar significados aos mesmos num tempo perdido, como se fossem indicadores de sua passagem pelo espaço e pelo tempo passado.<sup>213</sup>

Esses elementos expressam a memória da emoção em torno da saudade, dos símbolos que manifestam a coexistência temporal e espacial de tempos passados, valores, ideais, desejos de continuidade.<sup>214</sup>

### *Enfim, necessário se faz recuperar formas e sentidos ao artesanato*

*O homem pensa porque tem mãos.*

*(Anaxágoras)*

As festas de família, as homenagens presentes, em situações de recordação, costuram simbolicamente objetos, discursos, tempo, espaços, fatos etc., que manifestam trajetórias, mitos fundadores, valorizações de

<sup>212</sup> BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>213</sup> LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

<sup>214</sup> *Ibidem*.

grupos, sobrenomes etc.,<sup>215</sup> refaz-se, com isso, a eficácia da simbologia do vivido, da saudade, do tempo e do espaço do trabalho e do não-trabalho, porém como fruto e culminância de uma re-atualização da sociabilidade comunitária, da consciência de que algo esvaiu-se *no* e *com* o tempo.

Sabemos que perder as relações com seu meio significa perder referenciais de identidade e privá-la de sentido. Como diz Ribeiro, as produções elaboradas pelas máquinas são muito eficientes e de custo relativamente baixo, porém não substituem em todos os sentidos os artefatos artesanais, cujas implicações e sentido vão além da própria utilidade do objeto. Os valores humanos e culturais a eles agregados não podem ser perdidos sem que o homem perca sua própria dignidade e deforme a vocação de sua natureza.<sup>216</sup>

Atualmente, o artesanato continua criterizando sujeitos em seus produtos, como uma importante função de geração de renda, ainda que, em muitas vezes, desprovido de seu histórico valor estético, bem como é visível em nosso estudo empírico a possibilidade do mesmo em suprir necessidades materiais, dando novas formas, funções e dinamismo aos objetos.

Há grande expressão de entrevistados em torno das dificuldades de empreender, da debilidade de iniciativas artesanais, mas ainda assim há tentativas de produzir produtos diferenciados e que produzem consumidores diferenciados (feiras ecológicas e outras) e que seja, também, uma oportunidade de inclusão produtiva de

---

<sup>215</sup> Ibidem.

<sup>216</sup> RIBEIRO, B. G. et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funart, 1983, p. 169.

um universo cultural e simbólico que pode encontrar espaços mercantis e dar cidadania social e reconhecimento aos produtores.

É lugar-comum nas falas dos entrevistados de que a produção em pequena escala pode refletir e manifestar objetos criativos, identidades, etnias e o contexto cultural, agindo também como produto e sua fonte de inspiração, particularidades com o território (artesanato com identidade).

Em meio a uma tendência de recuperação de formas artesanais, principalmente em mercados mais seletos, os problemas mais comuns que podemos constatar foram os ligados aos limites de instalações, uso intensivo de mão-de-obra numa situação de escassez cada vez maior, baixo rendimento e dificuldade de acesso, controle e intenções dos mercados, produção reduzida.

Autores, os mais em correspondência com o campo das redes produtivas artesanais como horizontes empreendedores, insistem na necessidade de estimular redes tanto produtivas quanto comerciais e de difusão de saberes com qualificativo artesanal, ou seja, dimensões coletivas que alimentam sistemas de valores apreendidos no cotidiano e, portanto, distanciados de formas tradicionais do poder organizacional, valorizando a liberdade de ser o dono do seu próprio tempo e de definir o seu modo e padrão de trabalho.

Vimos ações com essa filosofia tanto em prefeituras da região, em especial a de Casca, bem como ações da Emater em parceira como o Senar (Assistência Rural) em vários municípios.

O pressuposto que alimenta a ideia de continuidade de práticas artesanais resume-se numa frase simples de uma confeccionista em palhas do meio rural de Nova

Prata ao nos dizer “que é só andar por aí que tu acha um monte de gente que sabe fazer de tudo, fazem cada coisa bonita que só pra vê, coisas bem de antigamente mesmo que não se perdeu”.

No belíssimo livro de Rugiu, encontramos a ideia clara de que o artesanato representa um processo cognitivo histórico em que habilidades podem ser transferíveis e duráveis desde que alimentadas por relações pessoais, cotidianas e com valor formativo.<sup>217</sup>

*Nos parece claro que o campesinato é portador de um saber próprio. Saber esse que não apenas orienta a prática rotineira, mas que contém elementos capazes de neutralizar pressões externas; de incorporar a inovação e de se atualizar face à mudança, pois não se trata de um saber fragmentado, mas de uma matriz de conhecimento e de um sistema cognitivo capaz de redefinir em seus próprios termos tais inovações.*<sup>218</sup>

Na região colonial, grande parte do valor formativo do artesanato era constituído no horizonte das atribuições de gênero (afazeres), ou como economia doméstica, ou como identidade de adulta/o, ou como instrumento de trabalho, ou como reprodução de valores e conhecimentos atribuídos de uma forma histórica e também cultural.

Nesse *sistema cognitivo* entra a tecnologia referenciada no sistema de relações aplicadas ao trabalho e ao produto. Relações essas que, em que pese a sobre-determinação do capital e da racionalidade técnico-econômica

---

<sup>217</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

<sup>218</sup> SUARES, M. et al. Saber e reprodução camponesa. In: *Anuário Antropológico*, 81. Fortaleza: UFC, 1983, p. 149-229, cit., p. 152.

e moderna, implicam um saber socialmente produzido e transmitido, formando também um *complexo tecnológico*.

Rugiu coloca que as práticas artesanais que antecedem a revolução industrial possuíam uma dimensão pedagógica da transmissão de conhecimentos e habilidades, de dever de comunicar aos aprendizes pelo mestre, valores e a forma de vida compartilhadas de organização e normatização social, equilibrando saberes técnicos e intelectuais fundamentais ao desenvolvimento da dinâmica industrial que se avizinhava. Esse processo, no entanto, foi desenvolvendo-se, produzindo novas funções, assumindo características de cadeias de produção, segmentação de tarefas.<sup>219</sup>

Não obstante, ainda que meio paradoxal, num mundo global, de tendência de produção de grande escala, com domínio racional do mercado etc. haja espaços para habilidades manuais que gerem emprego, renda e cidadania social; saberes e fazeres manuais como potencialidades para renovar valores, inclusive os de mercado.

Há aspectos externos hoje e que são fundamentais ao desenvolvimento de saberes desenvolvidos nas famílias rurais. Há carências de financiamentos para infraestrutura; não há total garantia de mercado, nem de preços compensadores; a organização interna da família (em termos *demográficos*, de tempo e de capacidade de inovação) é muito tênue e passa por vieses nem sempre bem estruturados e duradouros.

As formas artesanais desenvolvidas na unidade sempre estiveram articuladas ao processo maior e constitutivo da vida do colono. As olarias, os moinhos,

---

<sup>219</sup> RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

as ferrarias, os alambiques, dentre outras formas industriais e artesanais devem ser entendidas também nesse horizonte interno de processos, saberes e fazeres próprios da organização histórico-cultural de vida dos colonos e de suas relações com o mercado externo a sua unidade.

É por isso que falar em artesanato é presentificar temporalidades; é historicizar vivências, daí a importância da tradição, da experiência, da mercantilização dos processos e dos usos, a subjetivação dos significados e sua materialização em objetos que perduraram no tempo e são reconstituídos hoje pelo veio não mais do valor de uso, mas de uso como valor e/ou de sua dimensão mercantil que a modernidade, em seu aparente paradoxo, produziu.

Tivemos clareza que aquilo que chamamos de éthos tradicional do camponês não está sendo suficiente para impedir a influência e a tentativa de adaptação às inovações, que pouco a pouco induzem mudanças. O que acontece é que o tipo de inovação implementado é fundamentado em princípios de racionalidade mercantil e a sua absorção ocorre no sentido de agregar a integração e aperfeiçoar sua sociabilidade.

Porém, mesmo colocando em causa a tradição, a tecnificação do modelo não se desenvolve na totalidade sem levar em conta fatores implícitos no acervo cultural, sob pena de inviabilizar o próprio objetivo técnico, pois o camponês, em grande parte, incorpora a técnica em função de seu universo de relações, anseios e intencionalidades, os quais não se resumem na ordem da funcionalidade econômica gerida por agentes externos.

Enfim, ainda que de uma forma sintética e genérica, tentamos enfatizar a importância da dinâmica da confecção artesanal no meio rural entendida como um fato econômico, cultural e social articulador da vida do colono. Os saberes em sua produção, as dinâmicas de comércio, a sinergia com a agricultura, as profissões variadas, a economia doméstica, o aproveitamento de fatores naturais (plantas, minérios, madeira e cultivos variados) etc. agrupam-se em torno desse horizonte de trabalho manual.



## *Bibliografia consultada*

ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ÁLBUM comemorativo do cinquentenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925). Roma, 1925. [Opera pubblicata in occasione delle feste commemorative.]

ALMEIDA, P. F. C. *O processo de expansão da indústria do Rio Grande do sul entre 1930 e 1955*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1993.

ALVIM, M. R. B. O artesanato, tradição e mudança social. In: \_\_\_\_ et al. *O artesão tradicional e seu papel a sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 49-75.

ALVIM, Z. *Brava gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARANTES, A. A. (Org.). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARRIGHI, G. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

ASSMANN, A. *Ricordare*. Forme e mutamenti della memoria

- culturale. Bologna: Il Mulino, 2001.
- AUGÉ, M. *Os domínios do parentesco*. São Paulo: Perspectiva do homem, 1978.
- AZEVEDO, T. *Ciclo da vida: ritos e ritmos*. São Paulo: Ática, 1987.
- BETTINI, L. Il perdono storico. Dono, identità, memoria, oblio. In: *Il Mulino*, a. XLIX, n. 389, mag./giu. 2000.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1989.
- BRANDÃO, C. R. *Partilha da vida*. São Paulo: Cabral, 1995.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV a XVIII*. Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CARBONI, F.; MAESTRI, M. Mi son talian, grassie a Dio! Globalização, nacionalidade, identidade étnica e irredentismo lingüístico na região Colonial Italiana do RS. *Caderno de estudos históricos lingüísticos*. Passo Fundo: Ediupf, [s.d.].
- CARNEIRO, M. J. Memória, esquecimento e etnicidade na transmissão do patrimônio familiar. In: \_\_\_\_ et al. *Campo aberto*. O rural no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998, p. 273-293.
- CARRERA, L. *Il futuro della memoria*. Milano: Franco Angeli, 2001.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAGAS, M. C. Patrimônio e memória. *Ciências & Letras*. Porto Alegre, n. 31.
- CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHIARETTI, G. et al. *Conversazioni, storie, discorsi*. Roma: Carroci, 2001.

CHITI, J. F. *Artesania, folklore y arte popular*. Buenos Aires: Ediciones, 1994.

COENEN-HUTHER, J. *La mémoire familiale: un travail de reconstruction du passé*. Paris: L'Harmattan, 1994.

COLOMBRES, A. *Sobre la cultura y el arte popular*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997.

COLTRO, D. *Mondo contadino: società, lavoro, feste e riti agrari del lunario Veneto*. Venezia: Arsenale, 1982.

COSTA, R.; BATTISTEL, A. *Assim vivem os italianos*. Vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: EDUCS/EST, 1982. v. 1.

COX, H. *La festa dei folli*. Milano: Bompiani, 1971.

DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DAMASCENO, M. N. A construção do saber social pelo camponês na sua prática produtiva e política. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993.

DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Fortaleza: UFCE. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ECKERT, C. Saudade em festa e a ética da lembrança. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 182-192, 1997.

FABIETTI, U.; MATERA, V. *Memorie e identità*. Roma: Meltemi, 1999.

FARINA, G.; SEGANFREDO, E. *História de Serafina Corrêa*. 1991. [Texto não publicado].

FERRAROTTI, F. *La storia e il quotidiano*. Roma-Bari: Saggiatori Laterza, 1986.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios con-*

temporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 56-76.

FONSECA, P. D. A transição capitalista no Rio Grande do Sul: a economia gaúcha na Primeira República. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 263-289, maio-ago, 1985.

FRANZINA, E. *Mérica! Mérica!* Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini Veneti in América Latina – 1876-1902. Milano: Feltrini, 1979.

GAGNEBIN, J. M. Verdade e memória do passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, nov. 1998.

GARDELIN, M. Importância da mula na economia regional. In: SGARBI, L. S. et al. (Org.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil meridional*. Porto Alegre: EST, 1995.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-industrial. In: BECK, U. (Org.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 73-113.

GIOVANAZ, M. M. de A. Ativista da preservação do patrimônio cultural no Brasil. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, 2002.

GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. L. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: Educs, 2001.

GOURHAN, A. L. *O gesto e a palavra-memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1980.

GREGORY, T. (a cura di). *L'eclisse delle memorie*. Roma: Laterza, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JEDLOWSKI, P. *Il senso del passato*. Milano: Angeli, 1991.

JEDLOWSKI, P. Memoria. *Rassegna Italiana di Sociologia*, XXXVIII, n. 1, p. 135-146, gen./mar. 1997.

JEUDY, H. P. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

KARAM, E. M. C. *Raízes da colonização*: em destaque a Colônia Guaporé e Dois Lajeados. Porto Alegre: Corag, 1992.

KLEIN, R. G. *O despertar da cultura*: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KRZYSZTOF, P. De l'histoire à la mémoire. In: *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, CNRS, n. 1, jan./mar. 1998, p. 63-110.

LAGEMANN, E. Imigração e industrialização. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Torino: Einaudi, 1981.

LE GOFF, J. *Memória*. Lisboa: Einaudi, 1984.

LE GOFF, J. *Tempo della chiesa e tempo del mercante*. Milano: Einaudi, 1977.

LESSA, B. *Mão gaúcha*. Introdução ao artesanato sul-riograndense. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura do Trabalho e Ação Social, [s.d.].

LODY, R. O limiar entre nostalgia e mudança. *Revista da Fundação Joaquim Nabuco*, out. 1996.

LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar*: (re)lembanças de migrantes. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

LUÍNDIA, L. E. A. *Festas, festas de Santos*: rituais amazônicos. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 2001, Campo Grande.

LUZ, M. Réplicas ou "réplicas"? *Ciências&Letras*, Porto Alegre, n. 31, jan./jun. 2002.

MAESTRI, M.; CARBONI, F. *Raízes italianas do Rio Grande do Sul – 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*: o declínio do indivi-

dualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

MEDEIROS, L. *Formação da sociedade rio-grandense*. Porto Alegre: URGs, 1975.

MOLON, F. O significado dos carroceiros na economia da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1990, p. 503-539, v. 2.

NAMER, G. *Mémoire et société*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1986.

OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 77-80.

PAZ, R. Canto Nostro. *O Serafinense*, Serafina Corrêa, 30 ago. 2002.

PESAVENTO, S. J. Gaúcho: a integração do múltiplo. In: KERN, A. et al. *Rio Grande do Sul. Continente múltiplo*. Porto Alegre: Riocel, 1993.

PESAVENTO, S. J. *RS: a economia & o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PINTO, J. P. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, 1998.

PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1986.

PONT, R. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983, vol. 2, p. 324.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

REICHEL, H. J. A industrialização no Rio Grande do Sul na

- República Velha. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. RS: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- RHODEN, L. F. O patrimônio imaterial: algumas reflexões sobre o registro. *Ciências&Letras*, Porto Alegre, n. 31.
- RIBEIRO, B. G. et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funart, 1983.
- RIBEIRO, C. M. P. J. *Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: Educs, 2002.
- RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Terra & gente: aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: Educs, 2002.
- RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educs, 2001.
- RIBEIRO, C. M. P. J.; TONIAZZO, M. E. P. O artesanato feminino na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Anais do I e do II Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1979, p. 233-240.
- RIBEIRO, G. L. *Cultura e política no mundo contemporâneo*. Brasília: Edunb, 2000.
- ROCHE, J. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROSSETTO, V. *Memória e cultura étnica: a Festália de Serafina Corrêa-RS*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- ROSSETTO, V. et al. *De qua del mar*. Casca: Koinonia Sul, 2001.
- RUGIU, A. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SAVOLDI, A. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.
- SCHNEIDER, S. *Agricultura familiar e pluriatividade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.

SCHNEIDER, S. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul*. Dissertação – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

SCHONEN, S. *La mémoire: connaissance active du passé*. Paris: Mouton, 1974.

SEYFERTH, G. *Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilidade política*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, n. 32, p. 1-16, 1985.

SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, G. C. L. (Org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

SEYFERTH, G. Identidade camponesa e identidade étnica. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 31-63, 1993.

SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1977.

SIVIERI, I. B. *Reatando o elo com a Itália*. Chapecó: Argos, 2004.

SOUZA, F. S. *Tradição X modernização: a ação dos Clubes 4-S em Passo Fundo (1950-1980)*. Passo Fundo: UPF, 2004.

SUARES, M. et al. Saber e reprodução camponesa. In: *Anuário Antropológico*, 81. Fortaleza: UFC, 1983, p. 149-229, cit., p. 152.

TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2005.

TEDESCO, J. C. *Colonos, carreteiros e comerciantes. A região do Alto Taquari no início do século XX*. Porto Alegre: EST, 2004.

TEDESCO, J. C. et al. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo – 1960-1980*. Porto Alegre:



EST, 2005.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TREMEA, R. População troca o português pelo vêneto. *Zero Hora*, Porto Alegre, 20 jun. 1992.

TURNER, V. O processo ritual. In: LUÍNDIA, L. E. A. *Festas, festas de santos: rituais amazônicos*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 2001, Campo Grande.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALERI, V. Festa. In: *Religião – rito*. Porto: Casa da Moeda, 1994, v. 3, p. 402-414.

WOORTMANN, E. Árvore da memória. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 113-131, 1994.

WOORTMANN, E. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UNB, 1997.

YEATS, F. *L'arte della memoria*. Torino: Einaudi, 1972.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

## *Entrevistas*

Alcides Orso

Alcides Zarpellon

Amarildo Orso  
Andréa Selong  
Antoninho Sbroglio  
Antônio Costella  
Antonio Lubian  
Antônio Monfroi  
Antônio Orso  
Antonio Ribeiro  
Aurélio Agnesi  
Celso Marina  
Cezar José Rossetto  
Clarice Marqueto Pillar  
Claudia Sganzerla  
Delina Zampiron Capra  
Dionísio Gasparin  
Edvino Câmera  
Ernesto Dal' Bosco  
Etelvina Tremea  
Eunice Marqueto Pasqualotto  
Graciema Marcon  
João Arroque Filho  
João Simoneto  
José Pertile  
Kariane Modelski Golembieski  
Lucídio Bongiovani  
Mario Marina  
Oclerolindo Santin  
Pedro Zanon

Raimundo Damo

Vanir Orso

Vicente Toniollo

Vilson Orso

Wilson Perruzzo

Agradecemos, também, a uma série de outros entrevistados que manifestaram o desejo de que seus nomes não fossem totalmente identificados.



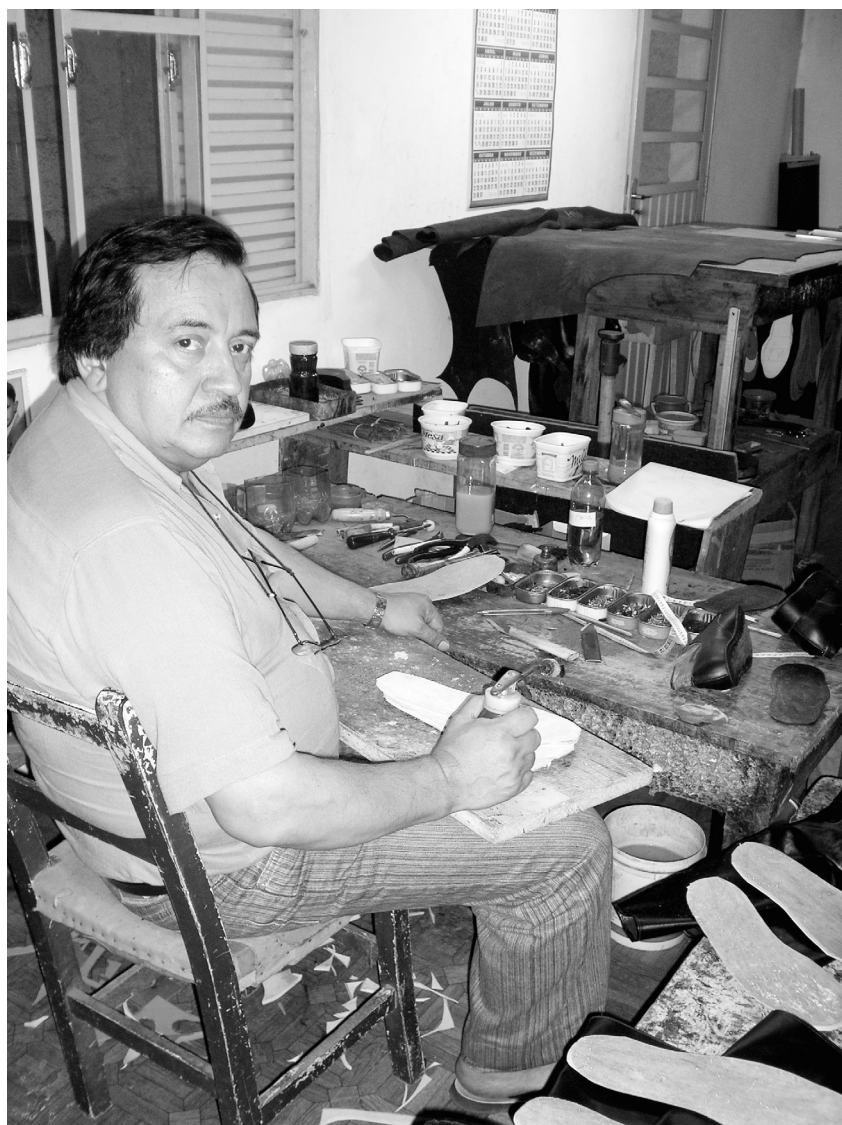
Pedras extraídas com imagens gravadas pela própria natureza em pedras-basalto, transformadas em quadro por Antoninho Sbroglio - Nova Prata.



Imagem-escultura em pedra-basalto exaltando a cultura do vinho, exposta no trevo de entrada da cidade Nova Prata, confeccionada por Antoninho Sbroglio.



Mario e Celso Marina confeccionando um pá de arado.



Ferramental para trabalhar o couro, manuseado por Antonio Ribeiro, artesão. Guaporé.



Mario Marina confeccionando um machado artesanalmente em um maio (martetele).



Alunos do curso de artesanato do Núcleo Universitário de Nova Prata - UCS - em visita ao ateliê de pedras-basalto do artesão Antoninho Sbroglio.

João Carlos Tedesco  
Valter Rossetto

# Festas e saberes

Artesanato, genealogias e memória  
imaterial na região colonial  
do Rio Grande do Sul

Saberes e festas mesclam-se em vários horizontes. Genealogias são reconstituídas no horizonte da festa. Saberes materializados em produtos considerados artesanais e de dimensão étnica encontram formas de publicização e de funcionalidade mercantil nas unidades produtivas. Memórias de cultura étnica italiana são ritualizadas em festejos comunitários e familiares.

O livro revela um intensa atividade numa pequena parte do interior do Rio Grande do Sul, ocupada, principalmente, por descendentes de imigrantes italianos, que tenta conectar-se com o passado, com a raiz de sua origem, porém de maneira discutível. Também revela diversas atividades artesanais, remanescentes dos imigrantes que ainda mantêm-se vivas nas atividades de ferreiros, chapeleiros, carpinteiros, marceneiros, costureiras, bordadeiras, moinheiros e oleiros, de pequenas agroindústrias artesanais de doces, aguardente, vinho, embutidos etc. Há, portanto, no trabalho de mão, demanda para uma gama de ofícios e profissões intercambiantes com as práticas do espaço rural, algumas com características mercantis.

ISBN 978-85-89769-31-0



9 788589 769310